

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

EURÍPEDES FERREIRA DE CARVALHO JÚNIOR

**A CIDADANIA NA PRATELEIRA:
UMA LEITURA CRÍTICA DA INFLUÊNCIA MUDIÁTICA DO FANTÁSTICO
NA RESSIGNIFICAÇÃO DOS DIREITOS SOCIAIS**

GOIÂNIA
2018

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

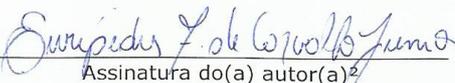
Nome completo do autor: EURÍPEDES FERREIRA DE CARVALHO JÚNIOR

Título do trabalho: A CIDADANIA NA PRATELEIRA: UMA LEITURA CRÍTICA DA INFLUÊNCIA MIDIÁTICA DO FANTÁSTICO NA RESSIGNIFICAÇÃO DOS DIREITOS SOCIAIS

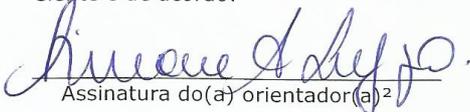
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 04 / 05 / 18

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

²A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Dissertação de Mestrado

**A CIDADANIA NA PRATELEIRA:
UMA LEITURA CRÍTICA DA INFLUÊNCIA MIDIÁTICA DO FANTÁSTICO
NA RESSIGNIFICAÇÃO DOS DIREITOS SOCIAIS**

Mestrando: Eurípedes Ferreira de Carvalho Júnior

Orientadora: Profa. Dra. Simone Antoniaci Tuzzo

Linha de Pesquisa: Mídia e Cidadania

**GOIÂNIA
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

FERREIRA DE CARVALHO JÚNIOR, EURÍPEDES

A Cidadania na Prateleira: [manuscrito] : Uma leitura crítica da influência midiática do Fantástico na resignificação dos direitos sociais. / EURÍPEDES FERREIRA DE CARVALHO JÚNIOR. - 2018. CXXVII, 127 f.

Orientador: Prof. Dr. Simone Antoniaci Tuzzo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), Programa de Pós Graduação em Comunicação, Cidade de Goiás, 2018.

Bibliografia.

Inclui gráfico, tabelas.

1. Mídia. 2. Fantástico. 3. Cidadania. 4. Consumo. 5. Leitura Crítica. I. Antoniaci Tuzzo, Simone, orient. II. Título.

CDU 007

ATA 10/2018



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Aos quatro dias do mês de abril do ano de dois mil e dezoito, a partir das quatorze horas, na sala sete da Faculdade de Informação e Comunicação, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação de Mestrado de EURÍPEDES FERREIRA DE CARVALHO JÚNIOR, intitulada “**A CIDADANIA NA PRATELEIRA: uma leitura crítica da influência midiática do fantástico na resignificação dos direitos sociais**”. A banca examinadora foi composta pelos professores doutores Simone Antoniáci Tuzzo (orientadora/FIC/UFG), Claudomilson Fernandes Braga (FIC/UFG) e Márcia Perencin Tondato (ESPM/SP). Após a arguição, os membros da banca se reuniram em sessão secreta para concluir a avaliação e definir o parecer final da dissertação, que foi APROVADO. Por fim, lavrou-se a presente ata, que segue assinada pelo Presidente e pelos demais membros da banca.

Profa. Dra. Simone Antoniáci Tuzzo (Presidente)
Simone Antoniáci Tuzzo

Prof. Dr. Claudomilson Fernandes Braga
Claudomilson Fernandes Braga

Profa. Dra. Márcia Perencin Tondato
Márcia Perencin Tondato

Dedico este trabalho a Mírian Lúcia Marques Carvalho e a Eurípedes Ferreira de Carvalho, minha mãe e meu pai. Não há medida para agradecer àqueles que me deram a vida, a oportunidade do conhecimento e o incentivo diário na busca de novas realizações. O sonho do mestrado é nosso, e este trabalho também é de vocês. Amo-os infinitamente.

AGRADECIMENTOS

Por acreditar que há uma força maior da qual fomos criados, e a ela pertencemos, agradeço a Deus a dádiva da vida, a dádiva da inteligência, o senso e a busca da fraternidade que me completam e me fazem humano.

Agradeço imensamente a minha família. São eles meus dias de sol quando há chuva por dentro. A minha mãe e meu pai pelos olhares de confiança e mãos firmes que todos os dias, desde a primeira infância, me auxiliam a caminhar. A minha irmã e meu cunhado pelo carinho e força em desdobrar os caminhos acadêmicos. Minha Dinda e minhas primas-irmãs pela amizade e orações diárias. A minha noiva que chegou e reviveu meu sorriso, abraçou meus sonhos e sonhou comigo sem olhar para trás. Aos meus filhos, são eles que me fazem acordar e buscar um mundo melhor, minha vida por eles e com eles. E a todos outros familiares que em algum momento torceram pelo meu sucesso e vibraram positivamente para meu crescimento pessoal.

A minha orientadora, Dra. Simone Antoniaci Tuzzo que me instigou o olhar a comunicação com criticidade e que me acolheu com muito carinho, sempre. Aos professores que me auxiliarem neste processo de busca ao conhecimento transformador, Dra. Márcia Perecin Tondato e Dr. Claudomilson Fernandes Braga, os quais admiro pelo trabalho e pela amizade com a qual sempre me trataram, meus sinceros e fraternais agradecimentos. A todos outros professores do PPGCOM – FIC – UFG, pelas tardes de desvelamento e iluminação, e aos funcionários e servidores do programa, em especial a Annelise pelo orientação e acolhida diária.

Aos meus amigos de sangue ou de luta, de sorrisos e aprendizados, agradeço a ajuda sem medidas. Aos colegas de mestrado, pelas risadas, discussões filosóficas e *happy hour* comunicativos, os admiro e torço muito por todos. Ao conhecimento e a oportunidade de descobrir e revelar. Meu sentimento é de gratidão e alegria.

RESUMO

Este trabalho procura discutir na sociedade atual as relações de cidadania e consumo. Sendo compreendidas por meio de uma análise de discurso crítica da mídia a partir de uma leitura do programa televisivo Fantástico e seu aparente discurso pró-cidadão. Pelo enfraquecimento das esferas sociais convencionais da sociedade como a família, a escola e a religião, os valores sociais estão sendo apropriados mais efetivamente pelos canais midiáticos. Como uma nova arena para o debate sobre os direitos civis, políticos e sociais, a televisão, por intermédio da publicização de desejos, ambições e frustrações dos indivíduos, vem pautando o modo “adequado” para as relações sociais e ressignificando o conceito de cidadania. Desta forma contribuindo para a transferência das relações sociais coletivas da cidadania em processos de aquisição e consumo individuais para seus itens constitutivos – saúde, educação, segurança, justiça, transporte e lazer. O *locus* e a marcação temporal para este trabalho são o programa televisivo “Fantástico – o show da vida” da Rede Globo, estudado ao longo do ano de 2016. Por meio de uma análise crítica do discurso verificou-se como a mídia construiu uma prateleira expositiva de desejos para ser consumida simbólica e materialmente pelos indivíduos cidadãos-consumidores. E objetivou-se, portanto, analisar como se deu o discurso do programa ao se falar de temáticas cidadãs e se este discurso foi esclarecedor para a cidadania, sendo ou não eficaz para a construção do “ser cidadão” na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Mídia; Fantástico; Cidadania; Consumo; Leitura Crítica

ABSTRACT

This work tries to discuss in the current society the relations of citizenship and consumption. They are understood through a critical discourse analysis of the media from a reading of the television show Fantástico and its apparent pro-citizen discourse. By weakening conventional social spheres of society such as family, school, and religion, social values are being appropriated more effectively by media channels. As a new arena for the debate on civil, political and social rights, television, through the publicizing of the desires, ambitions and frustrations of individuals, has been guiding the "adequate" way for social relations and reaffirming the concept of citizenship. Thus contributing to the transfer of the collective social relations of citizenship in individual acquisition and consumption processes for its constituent items - health, education, security, justice, transportation and leisure. The locus and the time stamp for this work are the TV show "Fantastic - the show of life" of Rede Globo, studied throughout the year 2016. Through a critical analysis of the discourse it was verified how the media built a shelf exhibition of desires to be consumed symbolically and materially by citizens-consumers. The objective was therefore to analyze how the discourse of the program was given when talking about citizen themes and whether this discourse was enlightening for citizenship, whether or not it was effective for the construction of "being citizen" in Brazilian society.

Keywords: Media; Fantastic; Citizenship; Consumption; Critical Reading

SUMÁRIO

1. Do que se fala	11
2. Conhecendo o objeto	14
3. Entendendo o tema analisado	24
3.1. Uma leitura comunicativa.....	24
3.2. Por que se falar de Cidadania.....	31
3.2.1. A cidadania e o pertencimento.....	35
3.2.2. A cidadania e a confiabilidade.....	37
3.2.3. A cidadania e a mídia.....	40
3.3. O consumo na construção cidadã.....	44
3.4. Identidade; opinião pública e suas relações nas esferas pública e privada.....	48
4. Gênero jornalístico misto: o entretenimento e a notícia	53
5. A cidadania na prateleira	57
6. Análise de discurso crítica (ADC) e o processo metodológico da pesquisa	60
7. Definição da escolha da amostra e suas justificativas	66
7.1. Escolha da primeira amostra.....	66
7.2. Escolha da segunda amostra.....	74
8. Análise do objeto: conhecendo melhor o discurso do Fantástico	76
9. Considerações finais verificadas após o processo de análise	117
Referências	121

1. Do que se fala

Dois grandes conceitos orientam e são a essência deste estudo: a comunicação e a cidadania, assim como a análise de suas relações. O olhar desta pesquisa está voltado para a comunicação midiática e a forma como esta representa os valores cidadãos. Compreender e analisar estas relações, como é expressada e difundida a cidadania pela mídia, quais categorias da cidadania são destacadas em detrimento de outras, e se os valores de cidadania expostos e difundidos midiaticamente estão de acordo com a essência conceitual e social do termo são alguns questionamentos e inquietações que objetivam a realização desta dissertação.

No atual momento em que o país discute a valorização da cidadania como uma ferramenta democrática, principalmente por meio dos canais midiáticos, verificar se um programa de televisão de grande audiência¹, com boa penetrabilidade social e uma marca forte na sociedade brasileira fomenta ou não valores de cidadania; poderá iluminar e auxiliar outros estudos na área da comunicação.

A referência principal a estudos sobre a televisão e sua relação com os valores de cidadania, poderá contribuir com novas análises com enfoque em uma leitura crítica da mídia e na verificação de possíveis papéis sociais dos meios de comunicação. Poderão, inclusive, auxiliar em uma transformação positiva da sociedade brasileira no que tange a difusão, entendimento, e apropriação dos direitos civis, políticos e sociais.

A mídia possui um papel relevante como fonte de interpretação da realidade, modificando e expandindo áreas de experiência individual, intervindo na formação da **opinião pública** e contribuindo para a definição de **identidades individuais e coletivas**. Os meios de comunicação de massa auxiliam na configuração do nosso cotidiano, sendo um elemento importante de disputa pela definição de identidades que perpassam tanto a **esfera privada quanto pública**. Assim sendo, os **valores de civilidade, de direitos e deveres sociais** também são explorados pelo espectro midiático e a forma como são construídos **os discursos** dentro desta temática são prioritariamente o conjunto de fatores escolhido para esta pesquisa. O estudo também pretende entender a construção simbólica da **representação midiática da cidadania**, como a mídia

¹Média de audiência do Fantástico no ano de 2016 foi 20,1 pontos com 30% *share* (número de televisores ligados no programa no horário da exibição). Programa de maior audiência no horário de 20h às 22h no domingo dentre as emissoras de canal aberto no Brasil. Fonte: <https://rd1.com.br/globo-comemora-crescimento-de-audiencia-do-fantastico/>

procura tematizar para a população o seu exercício, a sua ausência, e a legitimidade dos direitos sociais.

Comumente, dentre os programas jornalísticos o assunto cidadania está presente em noticiários diários e programas com temáticas políticas e socioculturais; no entanto, é observado também a presença do tema em revistas jornalísticas televisas que normalmente veiculam assuntos de entretenimento e do cotidiano social, como o programa “Fantástico - o show da vida” da Rede Globo. Um programa semanal veiculado aos domingos no horário noturno. Com mais de quarenta anos de exibição o Fantástico foi escolhido para análise por sua importância social-histórica para a televisão brasileira e também por uma visível mudança de direção no roteiro e nos assuntos que o programa Fantástico está atualmente desenvolvendo. Temas ligados a valores cidadãos, como saúde, educação, política, justiça social, estão cada vez mais presentes ganhando espaço neste ambiente rico em matérias de entretenimento, cultura, esporte e lazer. Esta transitoriedade do mote da cidadania para espaços antes pouco representativos para o assunto e qual discurso que se está empregando sobre a cidadania nestes novos ambientes de exposição fazem parte do escopo da pesquisa.

Objetiva-se com esta dissertação fazer um estudo de emissão, ler e compreender o discurso midiático, a partir do programa Fantástico. O que possibilitará além de entender como o programa se coloca em assuntos pró-cidadania, também entender as relações de cidadania em que a sociedade brasileira está imersa hoje em dia, ao verificar quais e em qual quantidade são proferidos os discursos pró-cidadania pelo programa, que imerso na sociedade brasileira busca maior penetrabilidade social, maior audiência e conseqüentemente aceitação de seu discurso. E não menos importante verificar se o Fantástico em seus discursos valoriza ou não um posicionamento que fomente o fortalecimento de direitos civis, políticos e sociais no Brasil.

É importante citar que ler a mídia criticamente e procurar entender seu atual discurso pró-cidadania iniciou-se pela inquietação ao ler um artigo da profa. Dra. Simone Tuzzo (2014), “O lado sub da cidadania a partir de uma leitura crítica da mídia”. O artigo edifica muito claramente a relação de substituição social dos 4 pilares históricos de referência social na construção de valores e direitos: o pai (a família), o professor (a escola), o padre/pastor (a religião) e o político (o Estado), definidos por Tuzzo (2014) como os 4Ps, por uma atual apropriação e aceitação da sociedade por valores que são adquiridos e fomentados pela mídia. Nesse sentido, iniciou-se a busca

pelo entendimento mais concreto deste novo participante do processo, como a mídia organiza e difunde estas relações, e as apropria como sua.

Compreender a leitura social, entretanto, é fator essencial para a construção da análise crítica do discurso midiático. Isto quer dizer que acontecimentos sócio temporais sejam eles ligados a fatores políticos, financeiros, ou do próprio mundo do entretenimento que tiveram maior repercussão na sociedade brasileira, no tempo e espaço estudado, vão de algum modo participar dessa leitura da mídia, e por mais que não sejam a essência do que se pretende descobrir, merecem destaque e não devem ser desprezados.

A leitura crítica busca respostas de inquietações que podem não estar explícitas no discurso. É importante perceber os porquês de aquilo ter maior ou menor visibilidade, o que auxilia ou não na construção do discurso da mídia. Como pesquisador, entendo que esses valores confrontados ao conhecimento teórico da comunicação e do entendimento clássico do que é cidadania, categorias essenciais no trabalho, podem criar condições para se perceber melhor o que pela mídia é valorizado, incentivado e compartilhado socialmente. No caso deste estudo se há ou não efetivo discurso cidadão, ou se são apenas ferramentas mercadológicas de marketing ou merchandising com temáticas sociais que auxiliam no crescimento da audiência e na rentabilidade comercial do Fantástico, programa da Rede Globo, que é, acima de tudo, uma empresa privada.

Relembrando que o Fantástico é um programa de televisão que se enquadra como uma revista de variedades, com assuntos que perpassam do entretenimento cotidiano à política internacional e está dentro de uma emissora privada de televisão que possui uma concessão pública², que autoriza a Rede Globo a ter um canal de televisão aberto no país que por lei também deve prestar um serviço público para a população. Portanto, dentro deste contexto almeja-se perceber como é trabalhada esta relação: televisão privada, com impositivo legal de prestação de um serviço público social e o fomento, e conseqüente, valorização da cidadania por este meio.

Edgar Morin (2000) destaca que é preciso compreender que o ser humano é ao mesmo tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. A complexidade da sociedade inclui também o fato de que a leitura social muitas vezes é completada

² LEI Nº 4.117, DE 27 DE AGOSTO DE 1962, acesso em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4117.htm, acessado em 06 de janeiro de 2018.

pela leitura da mídia. Não é só o discurso midiático, mas o discurso midiático somado ao discurso de mundo que dá sentido às relações e a temáticas de âmbito social como a cidadania.

Ora, o problema da complexidade não é o de estar completo, mas sim do incompleto do conhecimento. Num sentido, o pensamento complexo tenta ter em linha de conta aquilo de que se desembaraçam, excluindo, os tipos mutiladores de pensamento a que chamo simplificadores e, portanto, ela luta não contra o incompleto, mas sim contra a mutilação. Assim, por exemplo, se tentarmos pensar o fato de que somos seres simultaneamente físicos, biológicos, sociais, culturais, psíquicos e espirituais, é evidente que a complexidade reside no fato de se tentar conceber a articulação, a identidade e a diferença entre todos estes aspectos, enquanto o pensamento simplificador ou separa estes diferentes aspectos ou os unifica através de uma redução mutiladora. Portanto, nesse sentido, é evidente que a ambição da complexidade é relatar articulações que são destruídas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Não se trata de dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas de respeitar as suas diversas dimensões; assim, como acabo de dizer, não devemos esquecer que o homem é um ser bio-sociocultural e que os fenômenos sociais são, simultaneamente, econômicos, culturais, psicológicos, etc. Dito isto, o pensamento complexo, não deixando de aspirar à multidimensionalidade, comporta no seu cerne um princípio de incompleto e de incerteza (MORIN,1994: 138).

Ao se falar em construção social na sociedade brasileira não se pode esquecer que há um outro fator preponderante em seu cerne, as relações de consumo. Fator este decorrente das relações da pós-modernidade ou da modernidade tardia, em que as relações culturais e de consumo ideológico ou de bens não se circunscrevem a relações locais ou presenciais, como diz Hall (2014, p.42) “os fluxos culturais [...] e o consumismo global criam possibilidades de identidades partilhadas – como consumidores para os mesmos bens, [...] públicos para as mesmas mensagens – entre pessoas que estão muito distantes no espaço e no tempo”. O que é fomentado, ou publicizado pela mídia, ao falar de cidadania, precisa ser confrontado com o que é direito e com o que é comercializado, ou vendido simbolicamente como um ideal a ser adquirido.

Como diz Martín-Barbero (2003), o consumo é lugar de circulação de sentidos, e está presente nos mais diversos aspectos da vida cotidiana dos indivíduos, dando sentido às suas relações de pertencimento social e conseqüentemente de cidadania, assim sendo, inquieta-nos saber como isto é dito ou discursado pelo Fantástico. Como

se dá no campo simbólico do seu discurso a construção midiático de uma relação de consumo de bens e serviços sociais, em contraposição aos direitos e garantias cidadãs, nas reportagens pró-cidadãs do programa.

O trabalho, como descrito, está no âmbito da comunicação e visa a partir de uma leitura social, metodologicamente construída por uma análise de discurso crítica, analisar a mídia e seu propenso discurso de cidadania, e conseqüentemente da utilização das relações de consumo, pela mídia, ao falar no tema cidadão.

Mas ainda assim, é importante dentro de toda grandeza de valores que são carregados pela cidadania, a escolha de algumas categorias dentro do programa para melhor analisar e dar mais cientificidade ao processo de análise, de forma menos generalizada e mais objetiva. Quais foram os temas dentro da cidadania discursados no Fantástico escolhidos para a análise neste trabalho e a definição dos programas, a partir da construção metodológica e da estratificação do campus da análise, serão melhor explicados e justificados ao longo dos capítulos desta dissertação.

2. Conhecendo o objeto

“Olhe bem, preste atenção. Nós temos mágica para fazer” (GLOBO.COM, 2013), assim inicia-se o histórico do programa do Fantástico no site da Memória Globo. O Fantástico é um programa que afirma transformar a realidade em magia, e procura construir um espetáculo, a cada domingo, a partir da realidade em que vivemos. Logo, em sua própria definição o programa não se dispõe a apresentar a realidade, mas um simulacro de realidade transformado em espetáculo midiático, uma representação da realidade construída com focos de interpretação e leituras convenientes ao programa e aos públicos que se pretende atingir.

A estrutura do programa está assim definida em seu site: “Programa dominical em forma de revista eletrônica, o Fantástico é um painel dinâmico do que é produzido em uma emissora de televisão: **jornalismo, prestação de serviços**, humor, dramaturgia, documentários, música, **reportagens investigativas, denúncia**, ciência, além de um espaço para a experimentação de novas linguagens e formatos” (GLOBO.COM, 2013). Ou seja, é uma revista televisiva plural, que traz vários gêneros jornalísticos dentro de um mesmo escopo. Mesmo que diretamente em seu site, ou em sua editoração não use a palavra cidadania como tema, a referência a fazer jornalismo, prestação de serviço, denúncias e reportagens investigativas, demonstra que é essencial ao Fantástico falar sobre direitos civis, políticos e sociais já que não há como fazer uma prestação de serviço à sociedade, com jornalismo investigativo e denunciativo sem falar destes direitos.

E como será demonstrado ao longo deste capítulo, a cada programa, a quantidade de matérias relacionadas a assuntos sociais, trazendo reportagens que discutem justiça, educação, saúde, lazer, segurança, política e outros assuntos com a temática social está aumentando e sobrepondo-se a outras coberturas do programa referentes a temáticas do entretenimento, esporte e cultura.

Mas para entender o Fantástico como é hoje, e conhecer sua estrutura, é preciso conhecer um pouco de seu histórico e sua organização. O programa tem cerca de duas horas de duração e é dividido em seis blocos. O programa da Rede Globo “Fantástico – o show da vida” está presente na televisão brasileira e na vida dos telespectadores semanalmente há no mínimo duas gerações, além de possuir bons níveis de audiência e penetrabilidade em diversos extratos socioeconômicos no Brasil.

Ainda que as grandes audiências e os índices de penetração da televisão aberta no país tenham diminuído nos últimos anos³, sobretudo com os novos telespectadores que migraram para os canais por assinatura, e/ou se utilizam mais da internet, principalmente pelos canais de *streaming*, do que dos meios de comunicação tradicionais como a televisão aberta, modificando o perfil dos públicos que assistem o Fantástico, a audiência dos canais de televisão tradicionais no Brasil ainda é muito grande. Além disso, a adaptação destes canais às novas mídias auxilia na consolidação de seus programas, como é o caso da Globo com seu canal de streaming Globo Play que possibilita a disponibilidade de seus programas em outras plataformas (*smartfones*, computadores, *tablets* e televisores *smart*) acessíveis a seu público. Alguns programas disponíveis nessa plataforma digital são liberados mediante assinatura, como as novelas e minisséries da emissora, mas os programas jornalísticos estão todos disponíveis de forma gratuita e em alta qualidade, incluindo o Fantástico, o que facilitou enormemente o estudo desta dissertação, na acessibilidade a todos os programas do ano de 2016 sem custos e a qualquer lugar com acesso à internet.

O programa Fantástico, mesmo com essa mudança estrutural na forma de se consumir televisão aberta no país, que não é a essência do trabalho, visto que buscamos entender mais o discurso do que a mudança tecnológica e de acesso ao telespectador, ainda possui uma grande relação de fidelidade com seu público. A média de audiência nacional do programa no ano de 2016 foi de 20,02 pontos⁴ mantendo-o como um dos programas de maior audiência do país, e um dos maiores da Rede Globo.

A escolha do “Fantástico” também se dá por ser um programa exibido em horário nobre no domingo, capaz de agregar no mesmo instante várias faixas etárias dos grupos de audiência, reunindo da criança ao idoso dentro de seus grupos familiares. De forma sucinta o “Fantástico” tem como premissa ser uma revista eletrônica do cotidiano, com reportagens de entretenimento, cultura, meio ambiente, esporte e matérias sobre a sociedade, seus problemas e soluções, sobre política, e principalmente

³A queda da audiência da Televisão aberta no país nos anos já é percebida em vários estudos, como na reportagem do jornal Correio Brasiliense - http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/10/18/interna_diversao_arte,553603/estudo-da-ancine-demonstra-queda-brusca-de-audiencia-da-tv-aberta.shtml, de outubro de 2016.

⁴Relação da média de audiência nacional dos programas de Televisão aberta no país pode ser conferido no link: <http://www.bastidoresdatv.com.br/audiencia/confira-media-anual-de-audiencia-dos-programas-dominicais-da-tv-aberta>.

nos dias atuais, com temas que associam as relações da sociedade com seus direitos, sejam civis, políticos ou sociais, o que possibilita perceber um contexto midiático relevante capaz de auxiliar na análise dos conceitos estudados.

Além disso, possui canais de interação com o público: espaços na web para sugestões de temas, reportagens abertas para a visualização fora do horário específico do programa, fórum de debates, momentos interativos ao vivo no programa com seus telespectadores, e quadros em que o foco é a **participação social**. Reforçando assim seu posicionamento em ser uma revista do cotidiano ligada à sociedade.

No dia 5 de agosto de 1973 foi ao ar a primeira edição do Fantástico, e após esta data ele nunca saiu da grade de programação da Rede Globo. Ou seja, é um programa semanal com mais de 44 anos de existência que retratou boa parte da história recente do Brasil e do mundo, acompanhando as transformações culturais, políticas e sociais da sociedade brasileira.

Bons índices de audiência e uma boa recepção do público possibilitaram ao Fantástico ser um programa teste para inserção de novas tecnologias na veiculação da emissora, nas mudanças do jornalismo, e das temáticas de entretenimento da Globo ao longo destes anos. (ROCHA; AUCAR, 2011).

Atualmente com a média de duas horas de duração, o “Fantástico -o show da vida” sempre teve aberturas e cenários visualmente sofisticados, shows de humor, teleteatros, musicais, jornalismo, documentários e reportagens internacionais, com um cardápio variado de temas. O primeiro programa do Fantástico foi apresentado por Sérgio Chapelin junto com artistas da emissora que passaram a se revezar na função a cada domingo.

O programa foi resultado de um projeto especial comandado pelo então diretor de Operações da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, conhecido como Boni. A ideia envolveu diversos setores da emissora. Nas reuniões de criação também estavam presentes os autores de novelas Manoel Carlos e Walter Durst, os jornalistas José Itamar de Freitas, Luiz Lobo e Luís Edgar de Andrade, os diretores Armando Nogueira, Alice-Maria, Mauro Borja Lopes, Augusto César Vannucci, João Lorêdo, Nilton Travesso, Maurício Sherman, Paulo Gil Soares e os produtores musicais Luís Carlos Miéle e Ronaldo Boscôli. (ROCHA; AUCAR, 2011). Na fala de seu criador, Boni conta sobre as expectativas que possuía do novo programa e qual a possibilidade de conexão com o telespectador que o Fantástico gostaria de ter:

[...]eu não queria apenas um programa de reportagens com números musicais entremeados e sim alguma coisa que reunisse tudo o que a televisão fazia, com notícias, reportagens, música, humor, circo, dramaturgia e curiosidades. Enfim, um mosaico com todas as peças costuradas entre si para formar uma unidade. Anotei isso em um memorando e chamei o projeto de "O show da vida". (OLIVEIRA SOBRINHO, 2011, p151).

Em pouco tempo, a revista semanal ganhou projeção nacional e internacional, servindo de espelho para programas similares em países como Espanha e Itália. Boni queria uma revista visualmente sofisticada que trabalhasse com a realidade e a ficção, representadas pelo jornalismo, pela dramaturgia e pela linha de shows. No entanto, o momento não era oportuno para tratar dos assuntos nacionais, pois a televisão entra na década de 1970 sob fortes regras impostas pelo governo militar, tendo o programa sido censurado algumas vezes com matérias sendo retiradas no momento que iriam ser exibidas, assim sendo, seus primeiros anos foram marcados por quadros menos políticos e mais musicais, mais esportivos, com mais reportagens sobre o meio ambiente e sobre as novelas da emissora. (ROCHA; AUCAR, 2011)

Refém desse tipo de repressão e sem poder explorar os assuntos nacionais, a equipe do programa resolveu investir na cobertura fora do país. A figura do “correspondente internacional” foi muito utilizada para fortalecer seus noticiários. A repórter Cidinha Campos foi a primeira enviada especial do Fantástico viajando pela Europa e Estados Unidos. A cobertura internacional teve grandes momentos e mostrou imagens inéditas que marcaram época. O correspondente Hélio Costa também foi responsável por inúmeras reportagens de destaque, imagens inéditas que fizeram o Brasil parar na frente das telas da televisão a partir da década de 1980. Como exemplo, matérias que ficaram guardadas no inconsciente brasileiro como o “Menino Bolha”, as Guerrilhas na América Central, ou entrevistas com grandes personalidades como Salvador Dalí, e inúmeras outras. (ROCHA; AUCAR, 2011)

Esse breve histórico do programa é capaz de mostrar que o Fantástico tem em sua essência ser um programa de espetacularização. De forma visualmente bela e com textos populares, mas bem construídos, o Fantástico traz à tona assuntos de interesses sociais, como descaso com a saúde, denúncias de corrupção, ou grandes tragédias de forma amena e esteticamente deglutível e atrativa para seus telespectadores. Como pesquisador inquieta-me esta relação entre o jornalismo com temáticas e propostas ligadas à cidadania, ou a informação de interesse social, junto a reportagens de

entretenimento e cultura, como se dá a construção desse discurso e de que forma no mesmo contexto há essa interação.

O programa Fantástico desde sua estreia apresenta características de infotenimento com a mistura de reportagens investigativas com os clipes de música, quadros de humor, séries e reality shows. As questões ligadas ao gênero jornalístico serão conceituadas no capítulo específico do tema, mas para o melhor entendimento de como se estruturou o Fantástico a partir deste levantamento histórico torna-se importante entender o conceito de infotenimento, que segundo Martino (2009) é:

Gênero híbrido apresentando informação na linguagem do entretenimento. Ou intercalando os dois gêneros praticamente sem linha divisória [...]. Ao alternar gêneros diferentes em um mesmo momento, a sucessão rápida de imagens e narrativas, reais e ficcionais, reforça a quebra de ambientes específicos entre um e outro: a fronteira do real e do imaginário se dilui no infotenimento. (MARTINO, 2009, p.155-156).

O Fantástico com um modelo editorial de variedades, juntando informação com entretenimento, conseguiu um público fiel nas noites de domingo, com uma grande produção de material visual e novas tecnologias que encantavam o público consumidor. Alguns fatores como a inserção de jornalismo aos domingos por outras emissoras abertas de televisão e a queda de audiência do programa para a televisão a cabo, como comentado anteriormente, levaram no início do século XXI a direção do programa a dar mais importância a reportagens de âmbitos sociais, com a criação de quadros fixos e entrevistas maiores sobre o tema, sem deixar de lado quadros do esporte, do meio ambiente e da cultura popular que fizeram a identidade do programa ao longo destas décadas.

A partir de uma avaliação atual e sistemática de todos os programas do Fantástico no ano de 2016 (52 programas) foi percebido que o programa possui em média 20 a 25 reportagens por domingo, dentre elas quadros especiais e quadros já fixos no programa. A média de reportagens com temáticas sociais aumentou durante todo o ano, tendo em vários programas mais da metade do tempo de exibição relacionando a estes temas. Vários quadros foram criados ou refeitos com reportagens ligadas a direitos do cidadão, como “E aí, Doutor?”, “Profissão Repórter”, “Minha Periferia”, “Cadê o dinheiro que estava aqui?”, “Chama o Síndico”, “E eu com isso?”, e vários outros, que falam sobre saúde, política, justiça social, moradia, transporte, educação, além de

dezenas de reportagens especiais ligadas a esta temática. Para sistematizar o estudo nesta dissertação, as reportagens/quadros foram grupalmente divididas em sete grandes temas com referências sociais de **justiça, saúde, educação, transporte, finanças públicas, política e lazer.**

Dentro dos sete grandes temas cidadãos percebidos na análise atual do programa, **a justiça e a educação** são os temas escolhidos para a análise nesta dissertação. O primeiro por se tratar de um assunto muito atual do momento social brasileiro, a ânsia por justiça num ambiente carregado de corrupção, fator exposto diuturnamente pela mídia e reverberada no discurso social relacionando a incompetência jurídica e a impunidade, os pesos diferentes da justiça para quem pode ou não pagar por uma boa defesa, são todas características de uma temática importante para ser discutida pela comunicação, principalmente quando se alicerça a comunicação com a prática social que é a proposta do trabalho. Além disso, importante destacar que houveram reportagens sobre este tema em todos os programas exibidos do Fantástico no ano de 2016.

A temática da justiça perpassa vários assuntos, sejam diretamente ligados a assuntos jurídicos ou dentro de outros contextos, como na ausência de legalidade quando se fala de casos de corrupção, ou da falta de equidade de defesa entre um negro, um branco, um rico, um pobre; ou quando mostra o descaso da saúde por governos e autoridades públicas, ou em grandes tragédias em que são causadas por negligência humana e outros exemplos possíveis. Visto que falar de justiça é propor soluções sociais legais de equidade, informando sobre direitos e deveres, e essa sem dúvida, é uma característica importante que deverá estar presente no discurso midiático de qualquer veículo que procura ter uma proposta cidadã, torna-se este devido a sua grande importância em uma leitura crítica sobre cidadania, o primeiro tema destacado para esta dissertação.

Há um capítulo inteiro dedicado exclusivamente para a temática cidadania nesta dissertação, seus conceitos e relações com a sociedade, mas de forma sucinta pode-se definir a cidadania como um conjunto de direitos e deveres que são exercidos por um indivíduo pertencente a uma sociedade organizada, naquilo que referencia sobre seu poder de interação, intervenção e transformação dos espaços em que vive e se relaciona, e nas garantias que possui para poder intervir, se relacionar e transformar o ambiente social, seja com garantias civis, políticas ou sociais.

Tendo este entendimento percebe-se a importância da escolha do outro grande tema, dentre os blocos de reportagens catalogadas no programa: **a educação**. A escolha é principalmente por entender que ao se falar de educação, seja ela formal, escolar, ou a própria educação de valores, há neste conceito, em suas características transformadoras, a construção de possíveis soluções para a ausência da cidadania.

Vivemos em um país em que as garantias de uma cidadania plena de interação, intervenção e transformação social, em que direitos mais básicos ainda são frágeis como o direito à moradia, saneamento básico, saúde, transporte, e mesmo o direito de representação política digna, não são exercidos e confiáveis, a educação como um dos pilares dos direitos essenciais pode ser o caminho mais adequado para a compreensão da importância de buscar e ter direitos, e assim fazer valer, verdadeiramente, a cidadania. Uma construção cidadã mais equânime perpassa pela educação, ela é o contraponto mais forte capaz de transformar positivamente a sociedade e seus diversos públicos, e a mídia como elemento de difusão de informação, agrupamento social e quiçá transformação social deveria estar participando deste processo.

Perceber como é construído o discurso da educação nas reportagens do Fantástico é importante para visualizar realmente se há e qual é a parcela de construção de cidadania do programa, e se ele vai além da simples questão informacional de temas sociais que ali são levantados.

O entendimento da educação aqui descrita não se limita apenas às reportagens sobre o ensino público, ou sobre escolas ou universidades, a proposta da escolha do tema educação é procurar um contraponto ideal perante a ausência de direitos que há em nossa sociedade, e ela pode estar presente em qualquer um dos sete blocos de assuntos sociais levantados a partir da sistematização do programa.

A comunicação como diz Freire (2002), é um local em que os intervenientes do processo estão em igualdade, sendo assim, pensar na valorização da educação dentro de um ambiente comunicacional é procurar perceber em qual proporção este tema é exposto, se ou não a busca por esta igualdade entre as partes envolvidas. No Fantástico, portanto, a partir de uma leitura crítica de seu discurso, pode ser possível identificar se há uma relação igualitária ao se falar de educação, identificando assim até que ponto realmente o Fantástico se preocupa com a questão estrutural da cidadania.

Portanto, **Justiça**, pela importância do termo, principalmente no Brasil, e pela excessiva repetição do tema em reportagens ao longo do ano de 2016, e **Educação**, pela forma transformadora deste direito cidadão e na curiosidade de percebê-lo no discurso

do Fantástico, são as principais referências no processo de análise dos programas escolhidos na amostra deste estudo. E para o melhor entendimento do que se pretende com esta dissertação e transformar todo este raciocínio encadeado numa pergunta central, sua melhor construção é a seguinte: *Qual é o discurso do programa Fantástico em suas reportagens que trazem os temas: justiça e educação?* E ao procurar esta definição do discurso nas temáticas do programa em assuntos pró-cidadania, como objetivos decorrentes deste principal, busco *procurar entender se este discurso é elucidativo do status de cidadania? Ou apenas um discurso informativo para a sociedade?* Enfim, compreender, analisar e avaliar criticamente o discurso do programa nesta temática é o objetivo deste estudo.

3. Entendendo o tema analisado

3.1. Uma leitura comunicativa

Pelo estudo da comunicação e sua relação com a sociedade se pode analisar e entender a estrutura social que vivemos. O ato de comunicar é um ato automatizado. Não pensamos a todo momento que estamos nos comunicando uns com os outros, é necessário ao ser humano essa interação e a fazemos de diversas formas, seja gesticulando, escrevendo, falando, ou simplesmente olhando para nosso destinatário, é uma ação tão simples como respirar, faz parte de nosso modo vivente. No entanto, mesmo os atos mais comuns podem ser a cada dia melhor percebidos, investigados, estudados, ensinados e também criticados, desde que se entenda a necessidade e a importância deste ato.

A comunicação é uma ciência que já possui um caminho teórico-histórico considerável, com várias teorias e correntes, e compreender a história desta ciência facilita o entendimento maior do objeto-comunicação e com qual olhar se pretende visualizá-lo, seja a partir do emissor da comunicação, da própria mensagem ou do receptor do ato. Comunicar, é um verbo proveniente do latim *comunicare*, que define a ação de tornar comum, é, portanto, repartir, partilhar comumente, ou simplesmente socializar. A ação de comunicar é muito mais do que simplesmente o entendimento de uma língua, seu falar e seu responder, refere-se também a ação de gesticular, reproduzir, é a ligação dos pontos entre pensar e agir com o outro. Envolvendo, portanto, uma manipulação de ideias e a transformação de uma mensagem (informação) recebida, interpretando-a e reproduzindo-a. (TEMER; NERY,2009)

Thompson (1995) nos diz que em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção da informação e da construção de seu conteúdo simbólico. Certo de que o entendimento da força comunicativa daquilo que se deseja informar e se espera compreender é um poder capaz de organizar e transformar as estruturas sociais. Sendo essencial, portanto, perceber e avaliar este poder transformador, necessariamente o poder midiático que é capaz de co-construir e modificar a sociedade em que ela está inserida.

Este estudo procura compreender a comunicação pela emissão da mensagem, ou seja, é um estudo da emissão pelo viés dos *mass media*, que além da própria transmissão informativa são capazes de alterar hábitos, criar demandas e transformar

socialmente os indivíduos a partir de um processo evolutivo técnico. Processo este que segundo Postman (1994, p.29) “alteram a estrutura de nossos interesses, as coisas sobre as quais pensamos. Alteram o caráter de nossos símbolos, as coisas com que pensamos. E alteram a comunidade [...] na qual os pensamentos se desenvolvem”, ou seja, a força midiática com o desenvolvimento tecnológico é capaz de fortalecer ideologias, criar novas demandas e contribuir, não completamente, mas diretamente, para a criação de relações sociais em vários aspectos, inclusive no que tange valores de cidadania.

O propósito deste estudo é fazer uma **leitura social**. A partir do discurso midiático objetiva-se ler o que espera a sociedade se tratando das temáticas cidadãs, visto que o discurso da mídia é também um reflexo da sociedade, ao mesmo tempo em que este também é capaz de ressignificar o pensamento social. Ao analisar o Fantástico espera-se verificar a influência da ação comunicativa da mídia ao falar da cidadania, e principalmente ao falar de justiça e educação. Verificando por meio da análise crítica o processo comunicativo televisivo para os públicos e o modo como são construídos seus discursos. O que impute entender quais conceitos são repassados para a sociedade ao se falar da interpelação destes temas.

É preciso pensar a comunicação como um conjunto de estruturas em movimento, em que o apoio de sua circulação está ligado às próprias representações sociais. Para Moscovici (2012, p. 371) falar de representações sociais é necessariamente estar falando de comunicação, porque “uma condiciona a outra, porque nós não podemos comunicar sem que partilhemos determinadas representações e uma representação é compartilhada e entra na nossa herança social quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação.”

Os mecanismos responsáveis pela constituição das representações sociais segundo Moscovici (2012) são os processos de ancoragem e objetivação que convertem o que nos é estranho em algo familiar. Pela objetivação é dado a um objeto abstrato uma realidade material, um sentido icônico, um conceito para a leitura de sua imagem. Pela ancoragem, o objeto é classificado entre as categorias que já existem na sociedade, adequando-o às normas e aos valores sociais deste tempo.

Através da linguagem e da interação coletiva, do apoio cotidiano nas relações sociais, moldamos a realidade que vivemos, refletindo o modo de agir dos outros indivíduos na construção de nosso próprio modo de agir. Sendo assim é importante perceber que as representações sociais são originadas das interações sociais, o que mantém a coesão nas relações entre indivíduos e grupos. Desse modo reclassificamos

acontecimentos e ideias com as quais não possuímos participação anterior, nos apropriando de comportamentos e práticas sociais que se tornam habituais.

As representações que fabricamos – de uma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. Através delas, superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que era abstrato torna-se concreto e quase normal [...] as imagens e ideias com as quais nós compreendemos o não usual apenas trazem-nos de volta ao que nós já conhecíamos e com o qual já estávamos familiarizados. (MOSCOVICI, 2012, p.58).

Tondato (2016) a partir de sua leitura sobre Moscovici (2012) defende que “o conhecimento sobre o pensamento dos indivíduos que compõem uma dada sociedade tem relação com a sua existência e expressa a dinâmica que essa sociedade vive”, ou seja, em concordância com este pensamento, a compreensão da comunicação se dá primeiro na compreensão do mundo (na sociedade, na comunidade, na família, ou no próprio indivíduo) em que se pretende analisar, e uma leitura da mídia, por exemplo, que seja distante de uma leitura do mundo, não poderá perceber, isolada, as interações comunicativas como um todo.

Portanto, ao dizer que se objetiva “ler” no Fantástico uma **leitura social** de seu discurso, é perceber a comunicação como um todo, com seu conjunto de valores e normas, identificando como é difundido e ressignificado os valores cidadãos escolhidos para a análise. Como afirma Moscovici (2012) a mídia exerce uma função mediadora que possibilita a socialização entre o universo reificado (científico) e o universo consensual, ressignificando a mensagem que vai sendo alterada pelos indivíduos impactados, recebendo novos sentidos, valores, e normas coletivas. Sendo assim, ler a mídia criticamente é perceber como aquele universo social percebe e difunde as informações exibidas.

O olhar da comunicação vista pela leitura crítica da mídia, também pode ser compreendido ao se fazer um caminhar histórico sobre as teorias da comunicação. Neste trabalho, será feito um caminhar pela construção teórica da **escola crítica** e alguns de seus conceitos importantes para a solidificação dos argumentos levantados. Além disso, será feita uma análise de discurso crítica da mídia com o objetivo de verificar se há ou não valores cidadãos difundidos e compartilhados pelo discurso

midiático do Fantástico, e se sim, como é veiculado e compartilhado estes direitos no ambiente social.

Como expectativa busca-se respostas quanto à existência de um discurso midiático do Fantástico pró-cidadania, em contraposição à ausência do Estado nessa construção, e procurando perceber como a mídia traz soluções para a falta de saúde, de educação, de transporte, de segurança e constrói um discurso próprio de apropriação dos valores cidadãos.

Notoriamente, como diz Correia (2004, p.1), o poder da Religião, da Família e da Escola enquanto mecanismos que organizavam a dinâmica social perdeu força. E historicamente está se alterando as formas de mediação de suas relações, principalmente por meio de outra força, antes inexistente, que é a penetração midiática nestes ambientes. Os valores que antes eram transmitidos do pai para o filho, do professor para o aluno, do padre/pastor para o fiel, receberam um novo ente, a mídia e sua diversidade de canais, que se apropria desses valores de cidadania e os difunde conforme sua necessidade, “os sistemas de relações sociais tornaram-se inseparáveis da formulação de um imaginário, [...] a atividade dos *media* faz parte do cerne de seu funcionamento”.

Por isso torna-se tão importante ampliar a visão da análise dos discursos de grandes organizações comunicativas e suas grandes marcas, como o programa Fantástico, capaz de fomentar valores e possibilitar uma nova visão social no que tange a vivência e a percepção do entendimento dos direitos sociais e do que se entende por cidadania.

Inicialmente, portanto, é preciso verificar e entender alguns conceitos elementares para a leitura crítica da mídia em questão. E de antemão, a herança conceitual e de metodologia de estudo deixada pelos frankfurtianos, que mais enfaticamente examinaram e criticaram na sociedade do início do século XX a influência midiática no âmbito social, é imprescindível para o estudo.

Como diz Temer e Nery (2009, p.87) a abordagem crítica fundamenta-se em uma visão reflexiva do pesquisador sobre as questões analisadas e seu significado social. A teoria crítica tem como identidade central a construção analítica de sua investigação atribuindo aos fenômenos estudados uma força social. E assim a experiência do pesquisar, sua visão de mundo, são ferramentas importantes para a análise estrutural que se pretende realizar.

O conceito de indústria cultural, herança importantíssima da Escola de Frankfurt, surgiu em 1947 a partir das reflexões de Horkheimer (2003) e Adorno (1978), em uma análise sobre o totalitarismo político vivenciado na Alemanha nazista, e também pela massificação cultural, percebida pelos autores ao se exilarem no Estados Unidos da América, no período da segunda guerra mundial.

Este binômio, indústria cultural, pode ser definido com uma reflexão crítica a uma cultura introduzida pela produção em série a partir de um distanciamento entre a produção de necessidades e a produção de bens. Carregando assim uma carga simbólica de desejos de consumo, em muitas vezes não necessários e, comumente, sem qualidade cultural e estética.

Outro conceito principal dos estudos da Escola de Frankfurt é a racionalidade técnica pautando a construção de um modo vivente, ao fomentar o consumismo além do próprio consumo em uma impossibilidade de alcance da satisfação, numa era de vida simbólica e externalizada. Estas percepções e críticas sociais que, diminuídas da exacerbação negativa e apocalíptica que carregam, ainda são imprescindíveis para a construção de um estudo crítico na comunicação, pois institucionalizaram e possibilitaram uma relação social de lutas de classe e de poder ao estudar a comunicação na sociedade.

A importância da indústria cultural na economia psíquica das massas não dispensa a reflexão sobre sua legitimação objetiva, sobre seu ser em si, mas ao contrário, a isso obriga – sobretudo quando se trata de uma ciência supostamente pragmática. Levar a sério a proporção de seu papel incontestado, significa leva-la criticamente a sério, e não se curvar diante de seu monopólio. (ADORNO, 1978, p.287)

Estes conceitos e valores apocalípticos dos frankfurtianos, no que tange a impossibilidade da construção de novas culturas, a partir da subjugação da indústria cultural e da massificação servem para fazer uma reflexão sobre a força midiática e sua capacidade de transformação social e uma não aceitação completa do que é imposto ou sugerido pela mídia. Para a teoria críticas seria como se “o indivíduo deixasse de decidir de forma autônoma, perdendo o seu poder crítico e o conflito entre impulsos e consciência fosse abafado pela adesão aos valores impostos” (TEMER; NERY, 2009, p.92). E se sabe que não há como garantir uma impossibilidade da ressignificação social, os indivíduos também são atores no processo de construção da cultura e da mesma forma influenciam a mídia numa troca intermitente de valores.

Como num jogo de espelhos há uma refração da sociedade para a mídia e desta para sociedade. Mesmo que a força midiática consiga mais voz é verificável que há uma participação social, cultural, neste processo. O conceito da indústria cultural aqui é posto porque é importante perceber que estamos analisando, primeiramente, uma instituição privada com interesses próprios e com uma grande bagagem de induções de consumo, sejam ideológicos ou mercadológicos, associados a uma indução de valores cidadãos. Sendo este apenas uma das características possíveis dessa força midiática em estudo. O objetivo do trabalho, importante lembrar, é verificar como a mídia utiliza dos valores cidadão, os reconceitua e os incorpora como seus, ela repassa seus valores a sociedade que é impactada, que como um ente crítico no processo a apropria, ressignifica e reenvia como resposta à própria mídia que utiliza desta resposta social para criar demandas ou agendas cidadãos.

Há dentre os frankfurtianos um exemplo que conseguiu ver algo além da reprodutibilidade técnica e da massificação popular, percebendo com mais proximidade alguma cultura ainda existente nas relações sociais, com estudos que iniciaram o entendimento do que foi posto anteriormente. Benjamin (2000) buscou pensar o popular na cultura, não como algo a ser negado exclusivamente, mas como experiência e produção de sentidos. Ou melhor, ainda enxergou a cultura popular como possibilidade de uma ação crítica e transformadora frente à paralização intelectual e reprodutível da indústria cultural (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.54).

É pertinente ao estudo perceber como os indivíduos podem e devem entender este processo diminuindo assim o grau de influência e reação imediata que possuem frente à mídia e seu discurso cidadão. Não há um caminho de direção única tendenciando a uma uníssona alienação dos cidadãos como massa, são públicos distintos que são influenciados em distintos graus pelos meios de comunicação. E é possível ver reflexões cognitivas da sociedade, mesmo que disformes, e mesmo não utilizando de um estudo de recepção, é perceptível pelo reforço ou não do discurso emitido pela mídia que há uma análise e interpretação dos receptores ao discurso que é propagado.

[...] a comunicação não permite estabelecer hierarquias perceptivas de altura, mas uma infinidade de pontos de estância, diversas posições para os participantes. Estâncias que, ainda hoje, são mais heterogêneas e menos redutíveis ao estritamente político; o próprio conceito – polêmico e complexo – de sociedade civil contempla a pluralização de atores e de temas que aparecem e desaparecem da

cena social de maneira bastante fluida e desconcertante. (MARTÍN-BARBERO, 2001, p. 85)

A mídia hoje é estruturada e constantemente reestruturada por percepções e cognições dos sujeitos que compõem o mundo social. Como uma grande agenda coletiva, que segue valores e variações dominantes de grupos hegemônicos, mas com possibilidade de novas construções de conhecimento provenientes da base social que a também influenciam.

É possível sustentar que a Comunicação ocupa hoje uma posição reflexiva sobre a vida social, se não com um objeto claramente discernível, certamente com um nó ou um núcleo objetivável, onde se entrelaçam problematizações diversas do que significa a vinculação ou a atração social. (SODRÉ, 2002, p. 222)

Na linha cronológica dos estudos da comunicação, seguindo esta vertente da escola crítica é preciso explorar as perspectivas dos conceitos da escola latino-americana com seu hibridismo característico de uma realidade de dominação ideológica e de imperialismo cultural, conceitos que vão mais ao encontro da perspectiva aplicada na leitura metodológica desta análise. Como exemplo os autores Martín-Barbera (2000,2001,2003), Garcia Canclini (2006) que fazem uma releitura muito interessante dos estudos do frankfurtiano Benjamin (2000), e se utilizam da mesma leitura de mundo buscando uma relação dialética entre o domínio da indústria cultural e a cultura popular.

Pensar os processos de comunicação neste sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela educação da problemática da comunicação à das tecnologias (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 297).

Associando estes conceitos teóricos da comunicação a uma reflexão crítica do objeto midiático do estudo desta dissertação, o programa televisivo “Fantástico” e seu possível discurso cidadão, se vê a importância que a própria mídia dá à experiência social de seu público receptivo. O aparato midiático mesmo não deixando de valorizar e fomentar valores ou difundir conceitos importantes dentro de sua proposta ideológica e capitalista em que está inserida, também pode ser capaz de imputar discussões sobre a ausência de direitos em que nossa sociedade está circunscrita. Se há uma possível difusão predeterminada de valores e discussões cidadãs que são colocados em pauta pelo programa, há, em contrapartida, também uma recepção crítica da população-

espectadora principalmente quanto aos valores de cidadania que ela quer se valer pertencida e deseja consumir, porque sem uma relação de troca da mídia com o público, o próprio discurso do programa pode não ter a legitimidade necessária para sua melhor difusão e almejada credibilidade.

O receptor deve ser encarado, sim, como um sujeito ativo (embora também passivo) do processo de comunicação, que interage, interpreta e reelabora informações e imagens. Enfim, um sujeito inserido profundamente num processo de comunicação, sempre contraditório e complexo, cujo poder maior está circunscrito à dinâmica conflituosa do desejo. (MEDEIROS, 1998, p. 52)

Assim sendo entendo que a TV pode contribuir com a formação social dos indivíduos, porque pressupõe atuar como instrumento capaz de esclarecer debates quanto à qualidade de vida, os direitos e deveres dos cidadãos em sua sociedade, possibilitando uma interação que levaria à prática social no que tange os valores de cidadania.

Mas lembremos ainda que o objeto em questão no estudo é uma empresa privada que pode, pela necessidade do lucro, maquiar maiores interesses de veiculação e discussão produtivas e reais em políticas públicas e sociais a fim de fortalecer seu interesse comercial, em contraposição aos interesses amplos e necessários da cidadania ligados aos mais diversos setores da sociedade brasileira.

3.2. Porque se falar de Cidadania

Cidadão e cidadania são expressões comuns e repetidas no dia a dia. Há no discurso midiático e no discurso popular a figura do “cidadão” representando aquele entrevistado na fila do hospital lotado ou o indivíduo sem transporte público adequado na confusão do terminal de ônibus; lê-se na notícia sobre o aumento de juros que vai influenciar a vida do cidadão, ou se fala do governo que criou um novo “programa de cidadania” e como isto altera as relações na sociedade. Naquelas propagandas em que se incentivam solidarizar uns com os outros como bons cidadãos, utilizando produtos recicláveis, econômicos e que não agredem a natureza; seja também quando se olha as ruas e se percebe ações como “a prefeitura no bairro”, “dia do cidadão”, “amigos da escola” e tantas outras ações do governo, de sindicatos ou de empresas solidárias na busca da melhoria social. Ou por fim, nas conversas informais em que se reclama da

falta de cidadania, na ausência de boas escolas e de praças nas cidades para os cidadãos. São inúmeros os exemplos cotidianos em que a palavra cidadania e suas diversas formas de associação estão presentes.

Mas enfim, como conceituá-la? O que se deve entender por cidadania? Etimologicamente, cidadania é derivada de *civitas*, vocábulo que deu origem à palavra "cidade". Conceitua-se de forma simples como o conjunto de direitos atribuídos ao cidadão, ao morador da cidade ou do Estado-nação. Cidadania estabelece, inicialmente, uma relação do indivíduo com uma comunidade territorial e politicamente articulada. Na história, o conceito de cidadão origina-se na Grécia e é ressignificado em Roma, sociedades organizadas, entretanto, oligárquicas e autocráticas, em que a cidadania era exclusividade dos homens, livres e capazes de se manifestar social e politicamente. (GUARRINELO, 2003)

Conceito este que foi se expandindo e se alterando ao longo do tempo, influenciado por revoluções burguesas e populares que disseminaram um pensamento voltado para os direitos sociais, e por vivências mais democráticas de povos e governos, que trouxeram aos dias atuais valores relacionados à igualdade, aos direitos e deveres cívicos, políticos e sociais daquilo que se entende do “ser cidadão”. Para tanto, conhecer e perceber como o conceito de cidadania se alterou ao longo do tempo é apenas o princípio, uma vez que é necessário compreender como a cidadania está realmente inserida na vida dos indivíduos e em nossa sociedade atual, além dos fatores que os fazem mais ou menos pertencentes a uma cidadania real ou não.

Na busca de um conceito mais completo é preciso analisar primeiramente o que se denomina “cidadania formal”. Conforme dita o Direito Internacional é o conceito indicativo de nacionalidade, de pertencimento a um Estado-Nação, seja por nascimento ou por descendência sanguínea, mas que não totaliza e não completa o conceito do “ser cidadão” como percebemos. Nem mesmo o que está expresso na Constituição Federal do Brasil (1988), que determina o cidadão como aquele indivíduo nascido ou naturalizado brasileiro, maior de idade, capaz de votar e ser votado é capaz de definir o conceito.

Visto que ao definir estas condições se está excluindo boa parte da população que não se enquadra, seja os menores de idade, os estrangeiros ou os incapazes civis nascidos ou moradores desta nacionalidade. E, além disso, a definição do conceito de cidadania pela nacionalidade ou consanguinidade deixam de lado outros valores de igual modo importante nas relações sociais, como acesso à saúde, ao lazer, a educação,

que são de igual modo importante para o indivíduo sentir-se parte e integrante do ambiente cultural e territorial em que vive.

A compreensão do conceito de cidadania é ampliada a partir dos estudos de Marshall (1967), que com um olhar para a sociedade inglesa, procurou organizar a extensão e a história da legalização de direitos sociais, civis e políticos, nesta ordem, para todos os cidadãos, sustentando assim, que a cidadania só é plena se dotada dos três tipos de direito. “A cidadania é um *status* concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem o *status* igual com respeito aos direitos e obrigações pertinentes ao *status*” (MARSHALL, 1967, p. 76).

Carvalho (2003), que estuda sobre a história da cidadania no Brasil, reforça que o cidadão pleno seria sim aquele que fosse titular dos três direitos e cidadãos incompletos seriam os que possuíssem apenas alguns destes direitos. E sem dúvida, na sociedade brasileira não possuímos a completude dos direitos do “ser cidadão”. Historicamente, Carvalho (2003) reforça que a construção de nossa cidadania foi invertida. Nos foi garantido primeiramente os direitos políticos, com a questão do voto obrigatório, e os direitos civis, na obrigatoriedade dos documentos pessoais dos indivíduos-cidadãos que o garantiriam direitos de pertencimento social, e aos poucos estão nos sendo oferecidos os direitos sociais, valores como saúde, educação, lazer e segurança públicos, mas de forma desigual e insipiente, estando a plenitude destes direitos, principalmente o social, ainda no campo da utopia.

Após a Segunda Guerra Mundial e o aumento substancial dos direitos sociais, com a criação do estado de bem-estar social nos países ditos desenvolvidos, estabeleceram-se princípios mais coletivistas e igualitários. Os movimentos sociais e a efetiva participação da população em geral foram fundamentais para que houvesse uma ampliação significativa dos direitos políticos, sociais e civis alcançando um nível geral suficiente de bem-estar econômico, de lazer, de educação e de política. No entanto, o nível de participação social e acesso aos direitos básicos de transporte, educação, política e lazer não se deu de igual modo em todo mundo, visto que nos países em desenvolvimento como o Brasil o processo ainda é iniciante e incompleto.

Com a globalização e ausência de fronteiras sociais outros fatores de distanciamento desta real cidadania tornaram-se ainda mais fortes, as inter-relações culturais e as distâncias entre o que se tem de cidadania em um país em desenvolvimento e o que se tem como cidadania nos países desenvolvidos tornaram-se muito mais visíveis e distantes. Imaginava-se que com o avanço da modernização

houvesse de igual modo uma aproximação das diferenças sociais e da diminuição da exploração, se vê, no entanto, milhares de pessoas procurando sobreviver sob formas arcaicas, reforçando uma existência, conforme Souza (2012), de uma subcidadania.

Souza (2012) propõe uma hierarquia para explicar o processo da subcidadania, no que chamou de "pluralidade de *habitus*". Mas o conceito inicial foi esculpido por Bourdieu (2007) e uma definição simples de *habitus* pode se configurar como um processo de ação desenvolvido por cada indivíduo em virtude da posição que ocupa na estrutura social, suas representações sobre si e sobre a realidade, acrescida da forma em que a pessoa se inclui, seus valores e crenças. O *habitus* é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2007, p. 191). A releitura de Souza (2012), a partir de Bourdieu (2007) busca definir três outros termos: "*habitus* primários", "*habitus* secundários" e "*habitus* precários". Para ele, o *habitus* primário seria a noção de dignidade, que se pode chamar de cidadão. O "*habitus* secundários" tem a ver com o limite do "*habitus* primário" para cima, ou seja, tem a ver com uma fonte de reconhecimento e respeito social que o indivíduo possui ou conquistou lhe dando uma condição acima dos cidadãos comuns, o "*habitus* precário" seria o que está abaixo do "*habitus* primário", aquele indivíduo que ainda não alcançou o direito de gozar de reconhecimento social com tudo o que esta expressão envolve, desde participação política, econômica, índice de produtividade e utilidade no grupo social em que está inserido, portanto, aqui, para este trabalho poderia ser chamado, conforme Tuzzo (2014) de subcidadão.

Neste contexto, em que a cidadania é um reconhecimento social calcado na troca de favores sociais e percebida, efetivamente, na compra financeira dos direitos sociais básicos de reconhecimento do indivíduo em sociedade, se vê também governos como do Brasil para, de forma mínima, garantir direitos básicos a sociedade se utilizar da cidadania. Conceito apropriado de Carvalho (2003), que ocorre quando não existe uma unidade nacional articulada em torno dos direitos sociais, a "cidadania" ocorre quando o Estado acaba não cumprindo o seu papel de garantidor dos direitos de igualdade, concedendo privilégios a grupos de apoio. Os direitos civis, político e sociais não são conquistados, mas utilizados como moeda de troca da elite nacional. Neste contexto, mais uma vez o público e o privado se misturam, não existindo linha divisória entre os

mesmos. O uso da máquina pública é feito por interesses particularistas. Os sujeitos não são vistos como cidadãos, mas sim com uma clientela do Estado.

É salientável dizer que há alguns valores necessários na formação do cidadão e na sua percepção como tal, valores que constituem importantes na sua própria identidade. Este entendimento é necessário antes mesmo de refletir sobre o que falta na formação dos atuais cidadãos, como a informação e a formação crítica dos indivíduos, além das ausências claras e evidentes de nossa frágil cidadania como foi dito anteriormente.

3.2.1. A Cidadania e o Pertencimento

O sentimento de pertencimento é fator essencial na construção do ser cidadão. Sua relação intrínseca a algum grupo social, cidade ou nação é imprescindível para a formação humana. Da menor construção social, a família, até o conjunto de habitantes de uma nação, com sua cultura e valores, possui em comum características que nos tornam mais ou menos pertencentes a estes grupos. A necessidade de buscar valores semelhantes, de integrar-se, ser ouvido e fazer-se ouvir é importante para o fortalecimento deste *status*, e para a formação das personalidades nos indivíduos que as compõe.

O estado de pertencimento, se enquadrar ou não a um determinado grupo, está intimamente ligado aos valores que tangem direitos e deveres sociais, cívicos e políticos. Pertencer àquele grupo social, a determinada sociedade, e àquela nação torna-se o princípio do pensamento da igualdade e da cidadania. E somente a partir daí, da certeza de estar pertencido, se busca o estado de bem-estar social.

Ter direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território não é fator único na formação da cidadania, mas as práticas sociais e culturais, que dão sentido de pertencimento, fazem com que os indivíduos se sintam diferentes ao confrontarem costumes e culturas e ao mesmo tempo semelhantes com aqueles de seu grupo, satisfazendo as necessidades pessoais e sociais.

Qualquer ser humano precisa ter a sensação de pertencer, mas, neste início de século, pertencer representa muito mais do que uma característica familiar ou territorial, passando a ser múltiplo e transnacional, representado pelos bens que consumimos, por nossas preferências e nossos estilos de vida. Isto é, encontramos nossas

identidades mais como consumidores globais do que como cidadãos locais. (GOIADANICH, 2002, p.74)

Em contraste com a noção jurídica de cidadania em que os Estados tentam delimitar sobre as bases de uma “mesmice”, desenvolvem-se formas heterogêneas de pertencimento, cujas redes se entrelaçam com as do consumo. Quando consumimos ressignificamos, porque o consumidor é um receptor ativo, capaz de avaliar de forma quantitativa e qualitativa suas decisões. Sendo, portanto, difícil pensar o consumo, como hoje existe em nossas relações, sem pensar nas escolhas subjetivas dos indivíduos (TONDATO, 2011, pg.154) que perpassam primeiro pelo crivo do pertencimento.

Ao pensar na publicidade e em seu discurso, o conceito de pertencimento está presente, de uma forma ou de outra, na maioria das campanhas institucionais e comerciais. A marca inserida em uma sociedade precisa ter em sua essência valores que a torna pertencente àquele grupo social de sua atuação. Como diz Baudrillard (2007, p. 134) “A mensagem pressupõe uma verdade ulterior, algo que irá se tornar real na vida cotidiana através da adesão do consumidor àquele consumo”, e este acontecimento futuro que tem como função gerar o desejo e aquisição só é fomentado porque há ali uma relação ou uma sugestão de pertencimento cultural e de um sentimento de participação do indivíduo no cotidiano social.

Para Baccega (2010) o entendimento da cidadania deve se pautar na tríade comunicação, educação e consumo, porque as relações dos direitos só se encontram nas “práticas sociais e culturais que lhe dão sentido de pertencimento” (GARCÍA CANCLINI, 2006, p.35).

Consideramos que a cidadania requer o conjunto de, pelo menos, três aspectos: 1. O sujeito ter consciência de que é sujeito de direitos; 2. Ter conhecimento de seus direitos, ou seja, serem dadas a ele condições de acesso a esse conhecimento; 3. Serem adjudicadas ao sujeito as garantias de que ele exerce ou exercerá seus direitos sempre que lhe convier, logo impossível sem a relação comunicação/educação [...] que permitem sua participação em múltiplos territórios, permitindo-lhe o desenho de suas múltiplas identidades. (BACCEGA, 2010, p. 248)

A relação comunicação, consumo e cidadania, pelo processo da educação será mais profundamente discutida no capítulo referente ao consumo, no entanto, é indissociável que todas estas relações sociais, e seus conflitos e ausências, perpassem

pelas relações culturais e consequente pelo sentimento de pertencer ou não aquela sociedade inserida e analisada.

3.2.2. A Cidadania e a Confiabilidade

Outro fator determinante na formação do ser cidadão é a confiança. Nas sociedades em que o bem-estar social é garantido, o Estado fornece de forma satisfatória acesso à saúde, educação, ao lazer, auxiliando e fomentando a economia e fortalecendo esta relação de confiança e segurança para o cidadão. Onde não há esta relação positiva Estado-Indivíduo, o sujeito busca outras garantias de confiabilidade e por meio do consumo vão adquirindo cidadania.

Com a tecnologia e a maior facilidade de acesso aos bens de consumo, o controle sobre os modos de produção deixa de estar na mão de todos e passa às grandes empresas que realizam as tarefas e criam os produtos com os quais a sociedade necessita. A partir dessa mudança na estrutura da sociedade, nas relações econômicas e de controle do capital, os indivíduos permitem-se correr riscos previsíveis, buscando adequar aos serviços e produtos que mais lhes convém, assim simplesmente, confiam, mesmo deixando de participar ou entender como os produtos foram produzidos e se realmente os necessitam. E esta confiança se dá pelo consumo, é por ele que se tem a segurança de estar representado, e principalmente por ele, se tem poder para se representar e se reconhecer no meio social (GIDDENS, 1991, p. 83).

A opacidade da política e a falta de confiança nos sistemas abstratos que ela representa podem levar os indivíduos a agir em ambientes conhecidos—“sei o que quero, o que estou comprando e exijo receber” — levam-nos a exercer seus direitos-cidadania. O terreno é mais seguro. (GOIDANICH, 2002, p.75)

Ao consumir temos a ilusão de escolher e uma busca pela satisfação, que quase nunca se concretiza inteiramente. O que também está acontecendo constantemente em outras esferas sociais, por exemplo, na política. Percebe-se a liberdade de escolha pelo voto muito distante da possibilidade real de mudanças sociais e benéficas ao ser cidadão, porque não há a transferência da representação do eleitor cidadão ao representante eleito, gerando a descrença com a estrutura governamental e falta de participação popular no processo de transformação social por esta esfera.

O cidadão vai aos poucos transferindo esta confiança para os bens e serviços que adquire e isto passa indubitavelmente pela mídia como instrumento e ferramenta para o exercício da representação (GARCÍA CANCLINI, 2006, p.50). A mídia substitui o Estado e vai assumindo para si as funções de educação, de justiça e de serviços. Isto é facilmente percebido quando se liga o rádio e a televisão e a “solução” de problemas urbanos e sociais são midiáticos como resolvidos e realizados. Seja um buraco que foi tapado na rua, seja o assaltante que foi preso pela força midiática, seja pelas dicas de português em pílulas antes do intervalo publicitário. Neste ambiente há a percepção de solução e resolução da nossa subcidadania e, portanto, se confia, credita e se consome.

Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento, e fazem que se sintam diferentes os que possuem uma mesma língua, formas semelhantes de organização e de satisfação das necessidades. (GARCÍA CANCLINI, 2006, p.35)

Esta falta de perspectiva oriunda do enfraquecimento primeiramente do Estado que não garante os direitos mínimos de saúde, transporte, educação e lazer, se vê também enfraquecido nas esferas de formação primeira dos indivíduos, a família e a religião. Esferas que neste início de século estão passando por transformações de valores e ressignificados.

Todas aquelas situações sociais descritas anteriormente, ilustrando como “se ouve” e “se insere” a cidadania no nosso dia a dia, são comuns, pautadas e influenciadas por discursos da mídia. O conceito clássico de cidadania parece ser ressignificado levando-se em consideração contextos e interesses outros. As ausências de esferas sociais fortes, principalmente o Estado, fortalecem esta mudança. Tem-se a impressão de que o exercício da cidadania é uma ação externa, algo fora de nós, parece ser algo a ser buscado, adquirido e não algo que nos é socialmente garantido e constitucionalizado.

Na mídia se encontra um discurso cidadão, e a ausência das relações de cidadania em outras esferas sociais, principalmente na do Estado, que deveria com mais excelência fomentar e contribuir para a formação da igualdade social na saúde, na educação, no lazer, na segurança, no transporte público, e em outras esferas, permite a mídia incorporar o discurso para a ressignificação de seu sentido. “A legitimidade

creditada à mídia foi dada pela própria sociedade, ao transferir os diálogos das ruas para o monólogo da mídia” (TUZZO, 2014, p. 165).

Esta percepção se torna evidente quando as discussões sobre cidadania, quando ocorrem, são direcionadas por uma força midiática. Na discussão sobre o aumento da passagem de ônibus, ou do desespero para ser atendido num pronto socorro hospitalar público em qualquer lugar do país, a busca por uma resposta é iniciada com uma ligação para o programa de rádio que discute “os problemas da cidade”, ou quando se aciona um programa de televisão para que seja “mostrado” o problema para o país. Sejam estes ou quaisquer outros exemplos que reflitam a ausência efetiva das garantias cidadãs de nossa população a discussão, muito infelizmente, é encaminhada a princípio para o órgão público competente, ou é realizado dentro dos sindicatos ou grupos sociais, possuem comumente um outro caminho, é transferido para a mídia para depois mobilizar a comunidade a cobrar uma ação do Estado.

Cirino e Tuzzo (2016) propõem a elaboração de uma pirâmide social com estágios de cidadania. Iniciando com indivíduos que recorrem ao desejo da cidadania porque não a possuem, os “subcidadãos” (SOUZA, 2012), visto que esta expressão não se encontra no discurso midiático é substituída sempre por cidadania, mas reforçando a ausência de seu exercício. Posteriormente nessa pirâmide, estaria o “cidadão”, aquele que pode pagar pela cidadania, que pelo consumo compra o que naturalmente deveria ser oferecido pelo Estado: compra saúde, educação, segurança, transporte e lazer. A cidadania sendo definida pelo poder financeiro e não pela legitimidade pública, a necessidade privada sobrepondo-se a necessidade social. Deste cidadão “habilitado pelo consumo”, Cirino e Tuzzo (2016) avançam para o estágio de “célebre-cidadão”, aquele indivíduo que ascendeu por alguma característica célebre, deixou de ser “alguém”, para ser “o alguém”, no esporte, na economia, no direito, na música, e que é tratado midiaticamente acima dos demais. E ainda há aqueles que são os semideuses sociais, os “supracidadãos”, que estão acima das leis e deveres, ligados ao poder político, muitas vezes ao poder midiático, e mantêm o sistema.

Nessa relação entre expectativas e perspectivas de direitos e deveres, a sensação de pertencimento do indivíduo é exposta metaforicamente numa prateleira de possibilidades da mídia, que vai alterando as relações locais e territoriais, que passa a ansiar desejos inatingíveis e verdades ulteriores de uma pseudo-realidade disseminada. O cidadão passa a ser múltiplo e transnacional, e começa a ser representado mais pelos bens que consome do que pela comunidade que vivencia, como diz García Canclini

(2006, p. 47), que afirma “em contraposto a noção jurídica de cidadania, os indivíduos desenvolvem formas heterogêneas de pertencimento, cujas redes se entrelaçam com as do consumo”.

A noção de cidadania é reforçada quando consumimos, porque ao pagar pela cidadania temos direito a ela, ou a sensação do direito, como se já não o tivéssemos anteriormente. Tondato (2014, p. 199) diz que “o consumo é uma atividade essencial não apenas pelo preenchimento de necessidades materiais e físicas, mas, e principalmente, pelo atendimento do simbólico, especialmente a partir da mídia, outro aspecto relevante da cultura de nossos tempos”, se é, portanto, essencial o consumo, e hoje indissociável das relações sociais, o que nos falta é uma criticidade na percepção e realização deste consumo. Talvez seja necessária uma percepção mais apurada do que nos é ofertado pela mídia, uma ação social mais forte na busca de direitos já legalizados e não usufruídos, e uma racionalidade naquilo que precisamos ou desejamos consumir, e não menos importante, o entendimento de que a cidadania deveria ser um direito tácito e não variável, que a plenitude dos direitos civis, políticos e sociais não tivesse diretamente uma relação de compra e uso.

3.2.3. A Cidadania e Mídia

No dia a dia da sociedade, em seu discurso, muitas vezes refletido no discurso da mídia, a população diz muito sobre cidadania, direitos e deveres, mas é percebido nos mais diferentes graus deste discurso uma ausência desta cidadania, a temática refere-se quase sempre ao que falta, e ao que deveria existir do que daquilo que se tem e se utiliza. O ato de “ser cidadão” deveria ser um ato participativo, com voz ativa nas decisões da esfera pública, e ter reconhecido as garantias já legalizadas, mas infelizmente o que é legal e justo, nem sempre é socializado, e é encontrado sempre no desejo de possuir. Noberto Bobbio ao discorrer sobre a cidadania brasileira atual fala muito sobre o desejado e não realizado, que infelizmente é rotineiro quando a temática é a cidadania no Brasil.

Nem tudo o que é desejável e merecedor de ser perseguido é realizável. Para a realização dos direitos do homem, são frequentemente necessárias condições objetivas que não dependem da boa vontade dos que os proclama, nem das boas disposições dos que possuem os meios para protegê-los. (BOBBIO, 2004, p.63)

Na ausência sistematizada do Estado em garantir e proteger os direitos já estabelecidos à população há a mídia, que se destaca nesta relação com a sociedade auxiliando ou interferindo na formação de identidades, comportamentos e atitudes dos indivíduos. A cidadania hoje dificilmente é percebida sem analisar a relação social, da sociedade e a mídia, suas interações e construções de significados. Ao estudar a mídia é possível perceber a cidadania almejada, e a realidade cidadã que vivemos.

A mídia como reorganizadora de sentidos passa a desempenhar um papel importante na construção daquilo que é ser cidadão, ou seja, o que a mídia entende e divulga como sendo cidadania é o que a sociedade compreenderá como sendo real. (TUZZO, 2014, p. 166)

O programa de rádio ou de televisão que possui um programa dando “voz ao cidadão” e que pela força de seu poder midiático, traz aos holofotes aquele servidor, representando a esfera pública que não foi capaz de gerar os benefícios sociais, exige e consegue solucionar um problema pontual, como exemplo, tira-se o lixo que acumulava em um determinado ponto da cidade ou se consegue fazer com que o Estado troque as lâmpadas queimadas da via pública, e assim parece solucionar os problemas de cidadania (ou ausência dela) que a sociedade possui. Contudo, e em sua maioria, a essência destes problemas “solucionados” não é discutida e nem se incentiva a população a compreender e legitimar os direitos que possui como cidadão. Nesse contexto é importante lembrar que as emissoras são mantidas pelo merchandising e pela veiculação dos reclames publicitários, fortalecendo marcas e deferindo o que deve ser consumido pelos ouvintes-clientes-cidadãos, quase sempre, se contradizendo a esse discurso cidadão e solutivo dos problemas sociais que é defendido ao longo de sua programação. Braga (2009) nos fala desse processo de midiatização, como se os processos sociais que antes existiam sem a mídia, hoje parecem não mais existir, a mídia apropria desses valores sociais e o indivíduo a tem como referência, e o conclama como o ente capaz de atender suas necessidades cidadãs.

Temos processos sociais que já existiam sem a mídia e, portanto, as interações ocorriam fora de qualquer interferência midiática. Aos poucos, esses processos passam a ser midiatizados, perpassados pela mídia. [...] os eventos passam a se organizar segundo o olhar midiático. [...] do ponto de vista social geral, a partir daí percebo a midiatização como processo interacional de referência (BRAGA, 2009).

O discurso jornalístico é capaz de valorizar tendências e ícones, enfatizar possíveis “benfeitores” e “malfeitores”, é responsável por agendar, muitas vezes, o dia a dia da sociedade, graças a sua penetrabilidade e audiência, dando aos cidadãos símbolos diversos sobre a cidadania, oportunizando a sociedade leituras de mundo que, infelizmente, em alguns casos são lidas como incontestáveis, o que agrega à mídia maiores condições de credibilidade e confiabilidade, que assim como qualquer outra instância social, deveriam ser sempre postas à prova.

“É por meio dos significados produzidos pelas representações (midiáticas) que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 2009, p.17). Ou seja, a mídia se utiliza da cultura existente para gerar ou fomentar uma visão de mundo que consumimos. Mesmo que haja um jogo de refração, em que a sociedade emita e gere conteúdo para mídia, que é apreendida pela força midiática e retransmitida com os valores ideológicos de seu interesse para seu público alvo, em nossa sociedade a criticidade para fazer essa releitura do discurso da mídia percebendo o jogo de interesses mercadológicos, ainda é baixo. Por isso a importância da formação crítica, da educação de valores cidadãos, em nossa sociedade. O movimento circular como está, em que falta a criticidade social para o contraponto da força midiática favorece o fortalecimento do *status quo* e conseqüentemente do enrijecimento da estrutura social sem muitas mudanças.

Contudo é preciso visualizar os pontos em que há uma perspectiva positiva e eficaz deste poder midiático. O alcance nos mais diversos grupos, a amplitude globalizada, a possibilidade de audiência especializada, podem dar à mídia condições de ser instrumento de um novo processo cidadão. Processo em que haja uma aproximação do significado e da percepção principalmente do que é público.

Além disso uma disseminação das variedades dos extratos sociais, da importância da boa convivência, da inclusão aos poucos oportunizados, são ações da mídia que podem auxiliar na diminuição de preconceitos e intolerâncias sociais. Quando a mídia visualiza na sociedade as diferenças de tratamento social, o abismo das diferenças financeiras dos extratos sociais, ou qualquer outro exemplo que traga a valorização de qualquer fagulha de criticidade social é louvável e merece ser destacado. Porque este senso crítico pode ser uma chama capaz de despertar os valores comunitários, tão necessários e, atualmente, tão adormecidos, na busca por uma cidadania mais eficiente e garantida em nossa sociedade.

O programa da Rede Globo de Televisão, “Fantástico – o show da vida” possui ferramentas necessárias para ser um local em que haja a reprodução destas boas características da mídia no que tange ao fomento e valorização da cidadania, e o estudo de seu discurso nas reportagens dentro desta temática poderão confirmar uma relação positiva mídia-comunicação-cidadania no Fantástico, ou ao contrário, confirmar que se trata de um discurso informacional com temáticas sociais e carregado de interesses próprios.

O porquê de se escolher um programa televisivo tem respaldo em Temer (2014 p.166) que afirma que “ver televisão[...] é embarcar em uma rápida sucessão de imagens esteticamente sedutoras que exigem do receptor se abstrair das condições de produção[...], mas também é o esforço permanente de ignorar/recompôr as dimensões que faltam”. Ou seja, ao ver televisão nos permitimos ser levados pela sedução de imagens, edições e infinitas possibilidades de se “narrar” a realidade existente, e muitas vezes não percebemos os recortes opinativos desta realidade criada para ser aceita e não criticada.

Este estudo refere-se a esta apropriação da mídia na ressignificação do conceito de cidadania. E o interesse dos cidadãos por informações sobre seus direitos, sobre a percepção do que precisa ser mudado ou realmente garantido, no que se refere aos direitos civis, políticos e sociais é necessário e urgente. Podendo ser a mídia um instrumento para este aporte de criticidade social, mas ela de fato está tendo alguma participação nesse processo?

A “formação educacional — principal caminho para que os indivíduos aprendam e cultivem um olhar crítico em relação não só a mídia, mas às interlocuções político-sociais como um todo” (TONDATO, 2014, p.203). É sem dúvida o melhor caminho melhor para o fortalecimento da cidadania no Brasil, mas é preciso que haja uma pluralidade de vozes e uma comunicação bilateral mídia e sociedade, com uma maior participação social e política dos cidadãos para que realmente haja agentes de transformação social e atitudes reais de uma mudança positiva.

A necessidade de se falar do consumo, neste ambiente, mídia-cidadania-sociedade é percebê-lo diferente do consumismo, ou do consumo apenas pelo viés comercial, com o sentido de inutilidade ou futilidades, mas pensando o campo semântico do consumo como conceito presente nas relações sociais, suas trocas e aquisições de valores simbólicos, que podem ser mercadorizadas ou não. O estudo tem como proposta vislumbrar uma possível formação de cidadãos-consumidores-críticos e

participativos, e procurar perceber no discurso do programa esta valorização, que, sem dúvida, caso haja, será recompensador para uma nova construção social no Brasil.

Neste entendimento a análise pretende responder se o “Fantástico” como um programa de massa, de uma empresa privada, mas que objetiva ações sociais de cidadania, está contribuindo para este novo processo.

Os direitos do cidadão, legítimos e necessários ao bem-estar social, hoje se pautam na cartilha de direitos ao consumidor, o qual prefere comprar e cobrar pelos direitos que se compra do que cobrar e fortalecer os direitos que deveriam ser naturalmente institucionalizados. Isto passa pelo fato de que as esferas sociais, antes legitimadas ou que pretendiam possuir uma legitimidade - Estado, família, religião - se utilizam da mídia, e vice-versa, para se estruturarem, se reafirmarem e procurar novas formas de representação num ambiente sem muitas referências em que estão inseridas.

3.3. O consumo na construção cidadã

Tondato (2011, p. 154) afirma que vivemos “em um tempo de identidades múltiplas, em um ambiente dominado pela mídia, em que o próprio homem se transforma em mercadoria como estratégia de inserção”. Neste sentido, é importante frisar que o homem é um receptor ativo, sujeito das suas escolhas, que consegue avaliar subjetivamente suas decisões, a partir do seu grau de criticidade construído com base na educação formal, ou vivência social, e por isso diferente em cada receptor. Não se pode ver mídia como uma simples emissora de informações e o indivíduo como um receptor uniforme e reproduzidor de ideologias. O indivíduo é carregado de subjetividades, portanto, carregado de aspectos sociais e culturais, é também ativo no processo de comunicação.

Para vincular o consumo com a cidadania, e vice-versa, é preciso desconstruir as concepções que julgam os comportamentos dos consumidores como predominantemente irracionais e as que somente veem os cidadãos atuando em função da racionalidade dos princípios ideológicos. (GARCÍA CANCLINI, 2006, p.35)

Como afirma Baccega (2010, p.51) é preciso pensar o consumo também “como um conjunto de comportamentos no âmbito privado, que revelam as mudanças culturais

da sociedade em seu conjunto”, como ação ativa de sujeitos na busca de sua inclusão social, como meio utilizado para o pertencimento e a confiabilidade nas relações.

Souza (2012) comenta sobre um “desconhecimento específico” que se tem pelas configurações sociais que a sociedade adquire, pela ilusão do sentido imediato das suas relações. E muito dessa falsa percepção do todo advém da mídia que fraciona e exhibe pedaços de várias realidades, promovendo um descentramento das identidades e da própria comunidade que estamos inseridos. Exerce-se a cidadania aos pedaços e de acordo com as formas de pertencimento midiáticas, prontas para serem consumidas.

Estas relações favorecem uma nova percepção do social, não como cidadãos munidos de direitos e deveres pré-estabelecidos pelo nascimento ou pela nação, tampouco como indivíduos-cidadãos munidos de uma formação moral de respeito às diferenças e ao próximo, valores tradicionalmente transmitidos pela família e pela religião. Ou ainda, nem mesmo na escola recebem, uma formação racional e crítica da sociedade. Há na verdade uma massa de clientes, satisfeitos ou não com as relações que compram, com os direitos que pagam ou com bens e valores que apropriam. Percebe-se que a cidadania está imbricada nessa relação de consumo, indissociando o cidadão e o consumidor. (CARVALHO JÚNIOR, 2015)

Tondato (2016) faz uma reflexão interessante sobre a transposição de conceitos e práticas promovidas por dinâmicas constituídas de transformações, especialmente quanto “ao entendimento da cidadania a partir da passagem dos indivíduos da condição de trabalhadores para cidadãos e finalmente consumidores” (TONDATO, 2016, p.155) se alternando de acordo com a demanda e a necessidade político-econômica que estamos inseridos, ou seja, somos cidadãos quando convenientes e consumidores quando necessário para a manutenção do modelo popular-dominante que politicamente estamos inseridos.

Mas como estamos falando de mídia, cidadania e consumo, não há como não associar como fator importante no alicerce dessa tríade a questão das novas tecnologias. Quando se pensa na convergência como fator de integração público-mídia, fatores como a interação tecnológica por meio das redes sociais, compartilhamento de notícias, difusão e comentários de reportagens, fomentam e dão continuidade a um processo de construção do discurso cidadão que a mídia quer fortalecer, e o Fantástico como objeto de estudo, faz e constrói estas relações tecnológicas como agregador de sua força midiática.

Jenkins (2009) atenta para o comportamento das pessoas diante das novas possibilidades. “A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com o outro” (JENKINS; 2009: 30). O que reforça a importância de uma leitura crítica da mídia. São os discursos em consonância com as expectativas sociais, com os anseios dos consumidores cidadãos que validam tendências e define conceitos.

O autor se referia também a um consumidor com mais liberdade de escolha e com a possibilidade de participação por meio da interatividade. Para ele a convergência provoca mudanças nas duas extremidades envolvidas no processo de comunicação – emissor e receptor, porque, “altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (JENKINS, 2009: 43). Ou seja, num processo de múltiplos espelhos em que a mídia alimenta a sociedade com suas ideologias, a população também alimenta a mídia com seus anseios e expectativas. Com o advento da tecnologia facilitando o processo de interação, esta relação torna-se cada vez mais rápida e direta. Estudar a emissão do discurso midiático é também entender como ele se forma e é executado para os públicos.

E o processo de transformação não para por aí, acontece também uma espécie de democratização que coloca a mídia em cheque no que tange a produção. “A convergência envolve uma transformação na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação” (JENKINS, 2009: 44). Não é mais possível manter um mesmo padrão de produção diante de um consumidor mais exigente e com mais possibilidades de escolha, ter a atenção do expectador, e principalmente, a fidelidade de um público por um programa, necessita de uma grande leitura social de mundo, o discurso terá validade e trará força de veracidade na igual medida que for ao encontro das expectativas deste cidadão, hoje mais interativo e com uma maior dispersão frente às multtelas e mídias existentes.

A sociedade de consumo é melhor definida como uma sociedade de consumidores, por que os parâmetros sociais do consumo são inúmeros e como diz Slater (2002), há uma nova cultura que interliga todas as outras, principalmente quando se fala de cidadania, que é a cultura do consumo. Que estabelece indivíduos capazes de definir nas práticas sociais, o que quer consumir de valores, aspirações e imagens, nos mais diversos ambientes, seja no trabalho, nas relações familiares, na religião ou na participação política. “Entender essa nova sociedade, orientada pelo mercado, material

e simbólico, constitui-se num desafio cada vez mais abrangente e complexo” (TONDATO, 2016, p. 173), visto que as inter-relações do que é público e social, e aquilo que é privado e pessoal, estão cada vez mais difíceis de serem dissociadas.

Quando se quer entender a questão da cidadania pela comunicação, é preciso entender que este outro tripé é indissociável do processo, Baccega (2010) nos fala que a comunicação e o consumo estão ligados em pelo menos três aspectos:

[...] 1. O consumo é, ele próprio, um código capaz de comunicar-se com os sujeitos. Ele tem uma linguagem que é possível identificar e compreender; 2. No âmbito da difusão dos produtos e serviços, apresentados como necessidades e revelados como índices de classificação social; 3. Na importância que a publicidade assumiu em nossa época, também chamada era da publicidade, devido à transformação das coisas em mercadoria e sua estatização...o consumo relaciona-se com o campo da comunicação na configuração que o último assumiu como lugar da interação entre os polos da emissão e da recepção (BACCEGA, 2010, p.262).

Como foi dito, no primeiro item deste capítulo, uma leitura comunicativa, se a comunicação é uma ação sempre em movimento que se apoia nas relações sociais e culturais daqueles que utilizam, o encontro dos sentidos sociais para se falar de cidadania também perpassa pelos sujeitos que hora são consumidores, ora são cidadãos, mas que não agem diuturnamente em separado de suas funções, e tampouco a mídia, ao falar de cidadania, faz esse discernimento.

No mesmo sentido em que se pensa a cidadania nas relações de pertencimento e de confiabilidade, o consumo também perpassa pela questão da necessidade, mas sempre reconfigurada e ressignificada. Ter direito a um transporte público é necessidade social e imprescindível a equidade de oportunidades a todos, mas o indivíduo ter seu carro para não utilizar do benefício social quando lhe for conveniente é mais que necessidade, é desejo, é ressignificação dos valores sociais para uma ascensão pessoal. Seguindo este pensamento, esta ação implica ao indivíduo pedir a mídia que faça as vezes do Estado que não tapa o buraco da rua para que ele transite com seu carro, entretanto, não seria melhor se pensar e se exigir uma via expressa para um melhor transporte público, que em muitos casos nem é uma opção cogitada em lugar do problema do buraco na via pública? É notório que este exemplo é corriqueiro e faz parte da prática social do mundo que estamos inseridos, por isso, comunicação, cidadania, consumo e a educação, principalmente no que tange ao entendimento de uma vida em comunidade, são conceitos indivisíveis para esta análise.

3.4. Identidade; opinião pública e suas relações na esfera pública e privada

É preciso fazer de antemão uma divisão conceitual entre identidade, imagem e opinião pública para se ter uma noção mais ampla do processo da análise crítica da mídia e seus discursos. Identidade é aquilo que se é, suas características, seus preceitos e missões, já a imagem é aquilo que é refletida desta identidade, aquilo que é concebido na percepção do outro.

A identidade é construída a partir de uma observação, sobretudo o que cerca um indivíduo. Ao mesmo tempo em que se cria uma identidade única, permeada de diferenças e similaridades, esta construção é feita de características de várias pessoas que cada um admira, com conceitos e modos de existência que cada um julga importante e que quer copiar para si. (TUZZO; BRAGA, 2014, p.4)

Mas se falar em identidade é falar de identificação, Bauman (2008) diz que o que adquirimos ou herdamos é uma associação, dentro do mundo globalizado, de nossa identificação com o mundo, é uma atividade incompleta em que nos engajamos a cada instante num processo de construção contínuo e transformador, a partir dos valores que buscamos e esperamos representar.

A “era da identidade” está cheia de som e fúria. A busca pela identidade divide e separa; porém a precariedade da solitária construção da identidade faz com que os construtores de identidade busquem um bode expiatório para pendurar nele seus medos e ansiedades vividos individualmente e executar os ritos de exorcismo na companhia de outros indivíduos, similarmente temerosos e ansiosos. (BAUMAN, 2008, p. 192)

A construção da identidade, portanto, é um caminho de duas vias, é individual, na perspectiva de representar a personalidade do indivíduo, seus valores morais, sua ideologia, seus preceitos. Mas é também social porque esta representação simbólica é construída em sociedade, apropria-se de construções em grupos, de ídolos, de outras instituições. Valoriza-se bens simbólicos através da aquisição de produtos ou ideias que as represente, e a construção da identidade personalizada se torna válida na percepção positiva de seus pares. Assim a formação da identidade é também um reflexo da imagem que cada um extrai do meio social e da imagem que quer ser reconhecida nesse meio.

A identidade [...], preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. (HALL, 2014, p. 11)

A identidade dos indivíduos não pode ser engessada. Deve-se ajustar ao grupo que pretende ter penetrabilidade. Ser adaptável é fator importante na construção de instituições vivas, que assim como o ambiente social se renovam com as diferenças e com as gerações. As interações sociais e a leitura dessa identidade demonstrada criam as imagens. Visto desta forma, é importante frisar que a necessidade a relação identidade/imagem também se dá em dois sentidos. A identidade criando/alterando a imagem, e a própria imagem sendo capaz de mudar a identidade de acordo com a leitura feita pelos receptores. Porque a imagem percebida pelo público-alvo, que muitas vezes possui uma percepção de mundo diferente daquela de quem trabalha com a comunicação da instituição, altera e modifica a identidade inicial ao longo do processo de comunicação. É necessário uma construção viva, de identidades e imagens, por isso é tão importante pensar na comunicação de forma integrada e ampla, com as mais variadas vertentes e possibilitando ler as mais diversas reflexões do que é comunicado. Tuzzo afirma que:

[...] a identidade é aquilo que uma pessoa é; e a imagem é como as demais pessoas a veem. Mas a imagem é capaz de modificar uma identidade, pois é no reconhecimento social que o "eu" se percebe como sujeito e refaz as suas próprias concepções e realidades numa simbiose de fatores externos e internos. (TUZZO, 2016, p. 137)

Não se criam imagens ao se comunicar, elas são criadas pelo receptor da mensagem proferida, ao mesmo tempo não se criam imagens sem comunicação, a comunicação é imprescindível para que haja a possibilidade de uma identidade se tornar uma imagem na concepção do receptor. A comunicação possibilita caminhos para uma imagem idealizada, que pode ou não ser concebida pelo receptor crítico do processo de comunicação. Portanto, é imprescindível atentar-se às similaridades daquilo que se busca com aquilo que é buscado pelo seu público-alvo, isto quando estamos pensando na comunicação midiática. Deve-se reforçar valores e bens que analogicamente fazem

parte do que deseja transmitir na comunicação, e sem dúvida, um dos caminhos mais utilizados para essas transmissões é o consumo. É preciso compreender e fomentar os bens simbólicos comuns ao público de interesse, e o consumo (simbólico) necessariamente necessita ser entendido nesta perspectiva.

Esfera pública pode ser definida como a dimensão na qual os assuntos públicos são discutidos pelos atores públicos e privados. Tal processo culmina na formação da opinião pública, que, por sua vez, age como uma força oriunda da sociedade civil em direção aos governos no sentido de pressioná-los de acordo com seus anseios. O conjunto total da visibilidade e discussão pública e sua função principal seria a de influenciar as decisões do sistema político dos atores sociais e ações da esfera política. Para designar esse fenômeno político complexo a esfera pública forma uma estrutura intermediária que faz a mediação entre o Estado e a esfera civil. Em sua concepção, o Estado abarcaria a administração pública e estaria sujeito aos interesses autocentrados de atores políticos. A esfera civil, por sua vez, abarcaria a esfera privada cujo âmbito o Estado, normativamente, não deve intervir. A esfera pública se caracterizaria, sob esse aspecto, pelo *locus* de discussão pública entre os indivíduos de uma comunidade política. (HABERMAS, 1978)

A opinião pública possui significados diferentes a partir da condição que assume frente à exposição midiática. Podendo ser numa instância crítica em relação ao poder político e social, ou uma instância receptiva em relação àquela difundida por pessoas, instituições e bens de consumo. A opinião pública atua como um substituto funcional do público. (HABERMAS, 1978)

O conceito de opinião pública define-se como uma conexão que constrói a estrutura social. É o modo de ligação, do ato comunicativo possível que se ligue o que é público e o que é privado. É orientada nessa ou naquela direção conforme medidas e ocorrências determinadas. É através da opinião pública que as instituições de base constitucional democrática legitimam a dominação política, o Estado moderno, por exemplo, põe como princípio sua própria soberania e esta “deveria ser” em teoria a opinião pública difundida para a sociedade.

Na medida que a opinião pública substitui o público enquanto sujeito, através de sua capacidade política, é necessário pontuar que não há uma opinião pública, como postula o Direito Público, que seja possível de identificação total no comportamento real do próprio público, porque a sua representação pelas instituições políticas não

totaliza o comportamento público da sociedade, não se pode vê-la como uma substituição inteira do conjunto social, mas sim como uma representação.

Os processos de comunicação sofrem a influência dos meios de comunicação de massa, seja de modo direto, seja através dos “líderes de opinião”. Dentre os líderes de opinião encontra-se com frequência aquelas pessoas dotadas de opiniões refletidas, formadas através de discussões literárias e racionais, ou por algum tipo de celebração social que as colocaram nesta posição. Tendo em vista que a opinião pública evidentemente “não existe”, porque ela é uma construção social da força de um ou vários públicos, ou é uma construção hegemônica de um grupo, mas nem sempre é a opinião formal de uma maioria, entende-se que a opinião pública pode isolar tendências que influem no sentido da formação pública.

A esfera pública representa uma dimensão do social que atua como mediadora entre o Estado e a sociedade, na qual o público se organiza como portador da opinião pública. Mas para que a opinião pública seja formada, tem de existir liberdade de expressão, de reunião e de associação. Por conseguinte, o acesso a tais direitos deve ser garantido a todos os cidadãos. De acordo com Habermas (1978), mudanças políticas no sentido da democratização emergiram com mais força onde tais processos subjacentes estavam transformando o contexto geral da comunicação social (crescimento da cultura urbana, metropolitana e provinciana), incorporando novos cenários às relações sociais: 1. Arena da vida pública organizada (casas de encontros, teatros, museus, livrarias); 2. Infraestrutura de comunicação social (editoras, imprensa e outras mídias literárias); 3. Surgimento de um público leitor através de sociedades de língua e leitura, além de bibliotecas; e 4. Transportes melhorados e centros adaptados de sociabilidade (cafeterias, tavernas, clubes). "Argumentação", "alegação" e "discurso": são esses princípios comunicativos que direcionam a análise habermasiana. Os direitos de expressão, pensamento e debate, com razoável troca entre iguais, conformam ao ideal proposto por Habermas (1978).

Portanto, comunicação dentro da esfera pública exige a participação da sociedade e seus segmentos, não apenas como receptores (mais ou menos críticos do processo) mas também como produtores ativos do processo comunicacional. E a partir deste raciocínio se faz necessário associar a mídia ao contexto, não somente a mídia dos órgãos governamentais, mas a mídia para o público, lícita como veículo social de grande alcance como um mercado agente de transformação e impacto social.

Neste entendimento está contido o objeto de estudo da dissertação. O programa jornalístico “Fantástico – o show da vida”, da Rede Globo de televisão, que só pode ser um ente da esfera pública quando se compreende este conceito dentro desta amplitude. Mesmo pertencente a uma televisão privada, com interesses comerciais em primeiro plano, a Rede Globo é uma concessão pública, e no programa Fantástico a cada domingo, e de forma crescente, estão sendo discutidas ações sociais, tornando-se um possível espaço midiático capaz de discutir relações de cidadania e direitos sociais.

Através de reportagens nesta temática há de certo modo um processo de interação entre a mídia e a sociedade e há, mesmo que muitas vezes incompleto, o levantamento dos conceitos cidadãos que possibilitam a criação de um ambiente para se pensar e discutir comunicação e cidadania. Sendo assim, como esfera pública, e não governamental, verifica-se a possibilidade de construção de uma identidade cidadã pelo programa ao se visualizar reportagens veiculadas ligadas a temas sociais, sendo isso ressignificado e lido pela sociedade como uma possível imagem de acesso à cidadania, ou simplesmente, como apenas um canal de informações sobre cidadania, como um simples programa de divulgação de fatos sociais. Qual a mais correta percepção do discurso do programa será melhor compreendida pela análise crítica do próprio discurso midiático desenvolvida no capítulo correspondente.

Os agentes sociais são múltiplos e a preocupação em estabelecer propostas e soluções para o bem-estar social é um dever e necessidade plural. O legislador, o cidadão, a mídia, as organizações não governamentais, o Estado, são agentes do governo, e a forma de distribuir, compartilhar as informações sociais é dever e direitos de todos, entretanto, o modo do pensamento e ação deve ser para o público, visto que o assunto é cidadania, e não para a privacidade, sem essa construção, efetivamente não se estarão fazendo comunicação social, porque o objetivo primeiro não estará sendo o bem-estar da sociedade

Valores como solidariedade, lealdade e confiança estão na base do capital social, e nem sempre estão presentes na comunicação midiática, mas são valores que precisam ser reforçados e incentivados para uma construção positiva do ambiente que vivemos e se quer ver transformado. A comunicação social deverá ser uma ação coletiva sobre questões de interesse público, cuja decisões sejam consensualmente em benefício dos públicos e que promovam um ambiente de confiança e cooperação entre os agentes.

4. Gênero jornalístico misto: o entretenimento e a notícia

Para este trabalho, se torna precioso também fazer algumas considerações importantes sobre o objeto analisado. Ao longo do texto foi feito um levantamento do porquê da escolha do programa “Fantástico: o show do vida” da Rede Globo, e foi descrito também um pequeno histórico da criação e do momento social/político de sua formação, o modo como foi ao longo dos anos estruturada as informações e notícias no programa, além de enumerar algumas inquietações sobre sua mudança estrutural de pautas, com o crescimento de temas sociais dentro do propósito de ser uma revista de entretenimento no qual formou seu cerne estrutural. Contudo, é necessário conceituar e melhor entender este modelo jornalístico: o gênero misto, em que o entretenimento e a notícia fazem parte do mesmo escopo, com a finalidade de verificar como são definidas suas estruturas e como são construídas para veiculação o próprio programa Fantástico.

Não é matéria central dessa dissertação os estudos teóricos dos gêneros jornalísticos, e nem a busca etimológica de seus termos a partir dos estudos jornalísticos de emissão ou de recepção informativa, mas sim situar dentro deste contexto teórico o objeto analisado, e entender a partir desta localização os discursos do programa dentro das reportagens interessantes ao tema proposto.

A partir dos estudos de Assis (2014), em sua tese sobre Jornalismo Diversional, pode-se fazer um breve exercício de identificação dos gêneros jornalísticos legitimados, que descritivamente seriam: o gênero informativo (relativo aos grandes acontecimentos e sem espaço para pontuações extras, mais próximo do conceito factual da informação), o gênero opinativo (ligado geralmente às denúncias e críticas sociais sempre com o posicionamento, claro ou não da editoração), o interpretativo (em que há ferramentas de outros campos da ciência para ancorar e justificar a reportagem como mapas, cartas e relatórios), o utilitário (que cria ferramentas a partir de dados informativos em tabelas, estatísticas, preços e outros) e o diversional (que se ancora em informações e construções literárias na sua estrutura textual para informar e noticiar informações).

O estudo de Assis é uma releitura das definições de seu orientador, o professor Marques de Melo (2012a, 2012b), que procurou organizar os tipos de textos jornalísticos (formatos) de acordo com os gêneros que mais os adequam dentro desta relação conforme ilustra o quadro abaixo:

GÊNEROS	FORMATOS
Informativo	Nota, Notícia, Reportagem, Entrevista
Opinativo	Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura, Carta
Interpretativo	Análise, Dossiê, Perfil, Enquete, Cronologia
Diversional	História de interesse humano, História colorida
Utilitário	Indicador, Cotação, Roteiro, Serviço

Quadro 1 – Gêneros e Formatos Jornalísticos (MARQUES DE MELO, 2012b, p.36)

A partir desta organização teórica percebe-se que o Programa Fantástico por ser uma extensa revista eletrônica com duas horas de duração em média por programa a cada domingo, não se enquadra todo dentro de um gênero específico conforme organizou José Marques de Melo e ressignificou Francisco de Assis. No Fantástico há notas informativas, quadros opinativos, crônicas, entrevistas, histórias de interesse humano contadas de forma literária com pequenos esquetes ou em capítulos, serviços de utilidade pública, resenhas políticas, reportagens temáticas sobre a sociedade, esporte, meio ambiente e outras mais, além, e em menor número, de outros formatos jornalísticos que não foram enumerados. Partindo desta percepção vê-se que para cada caso, cada reportagem escolhida para a análise será necessária uma associação de gênero e formato jornalísticos específica, porque a essência do Fantástico é ser plural, um programa capaz de falar diversas linguagens para alguns nichos de públicos específicos, num horário nobre para a televisão de sinal aberto no país e dotado de uma certa capacidade midiática de interação familiar. E hoje seu modo de ação plural situa-se além do horário de veiculação televisivo, seus recortes diversos de temas e modos de ação jornalística são comumente pulverizados em pílulas de vídeo e texto durante a semana por compartilhamentos nas mais diversas redes sociais, esta força intermediática do programa auxilia na manutenção de seu público e na difusão de seu discurso/reportagens para novos públicos desejantes.

Mas é importante salientar um pouco mais sobre o jornalismo diversional. Este gênero é cada vez mais utilizado em espaços em que o leitor ou telespectador não está diretamente interessado na notícia ou no tema a ser apresentado, e assim de forma mais natural e menos formal é feita a ponte entre o entretenimento e a reportagem de temática social e cidadã, por exemplo. Ao tornar ficção os casos reais, criando enredos e fortalecendo personagens, as histórias sociais e temas políticos relevantes para o entendimento e a criticidade cidadã são contados como histórias literárias em que, em

alguns casos, os cenários ganham mais cor e visibilidade, e a essência do que é social se perde nas entrelinhas.

Temer (2011a) ao discorrer sobre o jornalismo diversional faz algumas considerações importantes sobre a questão dos objetivos jornalísticos frente ao público alvo, notoriamente porque é preciso novos modelos e formas de fazer jornalismo para manter e buscar novos públicos, no caso telespectadores.

Mais do que aspectos textuais, o jornalismo diversional se delimita no contexto e no âmbito dos objetivos. Trata-se, então, de um gênero que procura atender um público ávido por emoções, prazer, entretenimento, espetáculo e resistente ao esforço, à profundidade e à paciência. Ou ainda, o jornalismo diversional engloba o jornalismo leve, que lança mão da literatura apenas naqueles recursos que possibilitem a leveza de um texto elegante, atraente, chamativo. (TEMER, 2011a, p.6)

Marques de Melo (2012a), cria um conceito interessante para explicar como este modo de agir jornalístico está cada vez mais ganhando espaço, porque se utiliza das “histórias de interesse humano” para falar do que é factual e ancorar assim os interesses do público aos interesses da mídia, fortalecendo este ou aquele tema definido como o de maior “importância”.

[...] é narrativa que privilegia facetas particulares dos “agentes” noticiosos. Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas de protagonistas anônimos ou traços que humanizam os “olimpianos”. Apesar da apropriação de recursos ficcionais, os relatos devem primar pela verossimilhança sob o risco de perder a credibilidade. (MARQUES DE MELO, 2006)

Assim sendo, quando o Fantástico relata fatos, situações, histórias de vida em reportagens e insere neste contexto a temática social é preciso que haja um esforço para desvelar além da história o entendimento do discurso. Como comentado anteriormente não se pretende com esta análise teorizar sobre os princípios do jornalismo ou verificar se a forma como o programa Fantástico está de acordo com esta ou aquela teoria desta ciência da comunicação, mas sim perceber como a comunicação do programa expõe, explora, divulga e ensina, se há ou não a promoção da cidadania, em especial nas categorias de justiça e educação. Sobre a importância desta leitura crítica há um pensamento da Márcia Tondato (1999) que vai ao encontro com a proposta crítica desenvolvida.

[...] assim vejo a atividade do crítico. Através do conhecimento especializado, inserido no momento cultural, ao crítico cabe mostrar o que há por baixo da obra, fazendo uma ponte entre o espectador e o produto, num processo de mediação entre criação e recepção e entre gêneros. (TONDATO, 1999, p.32)

A leitor/observador crítico não pode utilizar dos mesmos óculos que o expectador habitual, com mesmos conceitos e pré-conceitos do senso comum, o uso ou não de uma expressão específica, o ângulo de captação da imagem, o uso das cores, a ordem cronológica dos fatos informados, a mudança do uso da pessoa no discurso, são informações relevantes para o entendimento do discurso midiático, a forma e o modo de construção falam tanto quando o que é realmente dito. Lembrando sempre que a temporalidade e o espaço social são direcionamentos da análise, como reforça Tondato (1999):

[...] a crítica de televisão não pode se limitar à crítica de obras isoladas no interior da programação. Ela deve ser a crítica de um novo patamar das relações sociais e das relações ideológicas entre os sujeitos. E será mais frutífera se o programa servir como porta de entrada a questões relevantes, contextualizadas no momento histórico- político-social. (TONDATO, 1999, p.34)

5. A cidadania na prateleira

Após uma imersão no caminho da escola crítica da comunicação e na apropriação dos valores culturais como essenciais ao estudo atual sobre a mídia e seus discursos é preciso retornar a temática proposta e ao problema de pesquisa: *Qual é o discurso do programa Fantástico em suas reportagens que trazem os temas: justiça e educação?* Podemos entender este discurso como elucidativo do status de cidadania? Ou apenas um discurso informativo para a sociedade? Antes da descrição metodológica da análise é importante frisar algumas hipóteses de trabalho dentro deste escopo que orientam este processo de construção.

É notório que a mídia possui, pelo enfraquecimento de outras esferas sociais, uma parcela significativa de responsabilidade na formação dos valores nos sujeitos. Tuzzo (2014, p. 164) propõe uma reflexão sobre “os quatro 'Ps' referidos ao Pai, Pastor/Padre, Professor e Político que serviam de modelo para o comportamento social e foram sendo substituídos pela mídia”, o que se percebe é o cidadão se moldando mais pelos modelos ditados nos meios de comunicação do que pelas antigas referências, e é por meio da apropriação de bens e valores adquiridos pelo cidadão-consumidor a partir da sugestão ou do encantamento midiático, valores simbólicos, que ele se utiliza para representar-se socialmente.

A hipótese do estudo aqui discutido é a compreensão que há, por analogia, se inter-relacionando aos quatro “Ps” citados por Tuzzo (2014) representativos na sociedade, um novo “P”: que se pode definir com uma Prateleira. Um *locus* de exposição midiática que evidencia o desejo de uma cidadania que não é exercida. Um ambiente criado para se extasiar, se almejar, e, sobretudo, consumir formas mercadorizadas de ser cidadão. Com variadas formas de aquisição ou simplesmente de deslumbramento.

A “cidadania na prateleira” seria uma apropriação da mídia na ressignificação da cidadania a partir da ausência de referências cidadãs tradicionais na formação social atual – família, escola, religião e Estado. Em nossa sociedade é criado a cada dia novos modelos de interação e relação social com novas ações e práticas que são reforçadas pela mídia, mas também ressignificada socialmente, e novamente reorganizadas pela mídia, num jogo de reflexões e apropriações.

Decorrente desta aquisição pela mídia da própria formação cultural da sociedade em que ela está imersa, nota-se que muito além do exercício da função

informativa, que para o observador comum é a principal função da mídia na construção e ressignificação da cidadania, há a construção simbólica de um poder midiático que espera confirmar-se com exclusividade, dando a este ente a capacidade de realizar o exercício cidadão.

Na busca por uma melhor visão, a partir de um exercício imaginativo desta prateleira de exposição midiática, ao se comparar com uma prateleira física, o material que seria mais adequado para sua construção seria o “vidro”, um material transparente que permite que aquilo que esteja nela exposto seja visto por vários ângulos, por todos aqueles que estejam em contato com as possibilidades de consumo midiático oferecidas. É uma prateleira (cidadania) destacada e bela, iluminada por tudo que nela consta. Entretanto, por ser de vidro, se quebra com facilidade, dificultando o acesso, não suportando o peso de todos aqueles que desejam o que estiver ali exposto. Uma prateleira que está distante, inatingível para a maioria, porque uma prateleira de vidro não fica exposta sem uma proteção, ou uma barreira de isolamento, somente podendo ser alcançada e usufruída por poucos. E mesmo quando adquirem os bens simbólicos expostos nesta prateleira, não levam tudo que nela tem, são sempre estimulados a novas buscas, são sempre novas possibilidades criadas, novos desejantes estimulados em uma eterna incompletude, em uma eterna recolocação de novos produtos na prateleira.

Essas características da mídia: o deslumbramento, a inacessibilidade ao seu modo produtivo, e uma grande capacidade de penetração social, auxiliam na construção de seus produtos que vão sendo facilmente absorvidos socialmente, possibilitando à mídia ser uma porta voz social “constituída” e valorizada. E o Fantástico possui estas características, numa análise preliminar apenas se baseando na decupagem das reportagens e numa primeira classificação por temáticas dentro do programa, já se percebe uma grande personificação ao se falar de cidadania. Não se fala da comunidade, ou do direito a ser buscado e fortalecido, se fala de um indivíduo em especial, como um ator central dentro de uma reportagem ficcional da realidade e ali se expõe o que ele não possui, buscando uma exemplificação para todo contexto social. Como um presidiário que foi preso injustamente, sem o julgamento necessário, em que a família em desespero não tendo outra melhor expectativa para ver seu direito cidadão de justiça exercido procura o Fantástico que auxilia no caso e acompanha a história até a

libertação do indivíduo⁵. Mas não é discutido pela reportagem que aquele direito é de todos, ou simplesmente que não se precisa da mídia para usufruí-lo, ao contrário, parece que há a criação de uma dependência de direitos que precisam ser expostos no Fantástico, como o caso pessoal e específico para que aquele indivíduo, e pelo seu reflexo, a comunidade, se sintam representados. Atualmente a cidadania vai deixando de ser um conceito comunitário, e vai se tornando uma busca individual carregada de simbolismos consumistas e pouco sociabilizados. A mídia como regente da indústria do consumo simbólico vai reconceituando estes valores que deveriam ser coletivos.

A prateleira seria um nicho de exposição onde os produtos adquirem uma aura de desejos, mas também de uma nobreza não permitida para todos. Ainda que não seja uma barreira física, legaliza-se socialmente como uma barreira simbólica, ninguém pode adquirir aquilo pelo que não pode pagar. A prateleira pode ser admirada por quem assim desejar, mas seus produtos serão consumidos apenas por alguns. Só se consegue chegar até os produtos (cidadania) comprando por eles. Somos impactados por construções simbólicas exacerbadas que visam preencher nossos desejos e necessidades sociais e confortar nossos medos, mas a materialização deste consumo é apenas para aqueles que podem pagar por essa cidadania. Quando o bem é simbólico, é preciso entender que a “venda” está na continuidade do próprio consumo de desejos. E nesta relação vamos “construindo” e comprando valores cidadãos, numa constante busca de desejos realizados e tantos outros frustrados. Quando na realidade os direitos sociais, políticos e civis deveriam ser postos, e o consumo deveria estar além dessas premissas básicas, numa relação crítica sobre necessidades e impactos sociais.

⁵Materia exibida no Fantástico veiculado no dia 1º de maio de 2016, intitulada “Preso injustamente, empresário volta para casa depois de mais de um ano”.

6. **Análise de discurso crítica (ADC) e o processo metodológico da pesquisa**

Um dos conceitos básicos para o entendimento da Análise de Discurso Crítica (ADC) é a relação entre o Discurso e a Prática Social. A centralidade do discurso como foco dominante de análises deu lugar à centralidade em práticas sociais, de forma que o discurso passou a ser visto como um momento da ação social analisada. (FAIRCLOUGH, 2001)

As duas faces da análise de discurso, comumente organizada, o processo social e a análise linguística, não podem ser separados no trabalho analítico, pois o objetivo da análise é justamente mapear as conexões entre relações de poder e recursos linguísticos utilizados em textos, de forma crítica e contextualizada ao momento histórico e às práticas cotidianas do recorte social em foco. Lembrando que no caso deste trabalho a análise é de reportagens de um programa de televisão, sendo assim, envolve conceitos e teorias da organização do audiovisual: música, cena, ângulo de captação, processos de edição e outros conceitos que também são recursos para a construção do discurso e estão presentes na inter-relação com a análise da prática social inserida.

A Análise de Discurso Crítica (ADC) se baseia em uma percepção da linguagem como parte irredutível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais (FAIRCLOUGH, 2001). É um modelo teórico-metodológico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social, capaz de mapear relações entre os recursos linguísticos utilizados por atores sociais e grupo de atores sociais e aspectos da rede de práticas em que a interação discursiva se insere.

O conceito funcionalista do discurso, que vê na linguagem a autonomia do objeto é o conceito que importa para a análise de discurso, visto que o importante é o entendimento de como se dão os sistemas linguísticos e não somente a estrutura da linguagem. Visto que o necessário é o entendimento da construção das relações sociais, sua estruturação e o entendimento do discurso (RESENDE; RAMALHO, 2006).

Foucault (1988), em suas inúmeras contribuições à análise do discurso, traz referência ao aspecto constitutivo do discurso, sua interdependência das práticas discursivas, da natureza discursiva do poder, e da natureza discursiva da mudança social. Essa noção de várias vozes que se articulam e debatem na interação discursiva é crucial para a abordagem da linguagem como espaço de luta hegemônica, uma vez que viabiliza a análise de contradições sociais e lutas pelo poder que levam o sujeito a

selecionar determinadas estruturas linguísticas ou determinadas vozes, articulando-as de outras maneiras, diferentes da estrutura social dominantes, possibilitando um conjunto de outras possibilidades.

Analisar os discursos corresponde a especificar sociohistoricamente as formações discursivas interdependentes, os sistemas de regras que possibilitam a ocorrência de certos enunciados em determinados tempos, lugares e instituições.

O termo “Análise de Discurso Crítica” foi cunhada pelo linguista britânico Norman Fairclough (1985), da Universidade de Lancaster, no artigo publicado no periódico *Journal of Pragmatics*. A ADC confere continuidade aos estudos da Linguística Crítica, e foi consolidada como disciplina na década de 1990, a partir da reunião em um Simpósio em Amsterdã, com participação de estudiosos como Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak. (RESENDE; RAMALHO, 2006)

Fairclough (1995) explica que a abordagem “crítica” implica, por um lado, mostrar conexões e causas que estão ocultas e, por outro, intervir socialmente para produzir mudanças que favoreçam àqueles (as) que possam se encontrar em situação de desvantagem. A visão científica de crítica social justifica-se pelo fato de a ADC ser motivada pelo objetivo de prover base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e de poder. O enquadramento no campo de pesquisa social crítica sobre o a modernidade tardia é resultado do amplo escopo de aplicação da ADC em pesquisas que contemplam investigações sobre discurso em práticas sociais da atualidade. A teoria e a análise linguística e semiótica, por sua vez, auxiliam a prática interpretativa e explanatória tanto a respeito de constrangimentos sociais sobre o texto como de efeitos sociais desencadeados por sentidos dos textos. (RESENDE; RAMALHO, 2006)

O discurso como modo de ação historicamente situado implica considerar que, por um lado, estruturas organizam a produção discursiva nas sociedades e que, por outro, cada enunciado novo é uma ação individual sobre tais estruturas, que pode tanto contribuir para a continuidade quanto para a transformação de formas recorrentes de ação, ou seja, entende-se que há uma dialética entre discurso e sociedade: “o discurso é moldado pela estrutura social, mas é também constitutivo da estrutura social. Não há, portanto, uma relação externa entre linguagem e sociedade, mas uma relação interna e dialética” (FAIRCLOUGH, 2001).

O uso da linguagem é proposto como uma forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. O discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, como também é uma forma de representação (FAIRCLOUGH, 2001). Ao se pensar no Fantástico, espera-se, portanto, ver em seu discurso e linguagem, como o programa exhibe e difunde a realidade e as relações sociais. Se é tomando para si um discurso transformador e proativo na construção da cidadania, ou se é apenas um canal informativo para a sociedade; se é plural e capaz de angariar novas vozes numa construção social do discurso, ou se apenas divulga fatos e compartilha notícias de interesse midiático, sendo um programa hegemônico, que não busca uma transformação social a partir das reportagens pró-cidadania que produz e auxilia na manutenção do *status quo*, ou é revolucionário no sentido transformador da realidade posta, a partir da força midiática que carrega a falar da temática cidadã.

Leia-se que não é interesse dar algum juízo de valor sobre como o Fantástico se posiciona socialmente. Como um importante programa de televisão de grande penetração na sociedade, objetiva-se apenas entender como ele se posiciona ao exhibir e falar de assuntos ligados a cidadania, e para tanto serão decupados e analisados programas, suas reportagens e temáticas desvelando de forma crítica e analítica o seu discurso.

A Teoria Social do Discurso trabalha com um modelo que considera três dimensões passíveis de serem analisadas, ainda que essas três dimensões possam estar integradas na análise, e não claramente separadas por fronteiras, são elas: **o texto, a prática discursiva e a prática social** (FAIRCLOUGH, 2001). A prática social é descrita como uma dimensão da prática discursiva, assim como o texto. Entende-se como a prática discursiva o conjunto ou o ambiente sócio temporal em que acontece o discurso. Sendo a prática social o ambiente que se focaliza os processos sócio cognitivos de produção e distribuição e consumo do texto. São processos sociais, que mesmo identificados de forma particular e aparentemente isolada recebem influência do meio social. Portanto, o texto não existe só, ou isolado de um modo discursivo de quem o produz. Sendo que o olhar que aglutina toda esta ação, discurso e texto, é própria prática social.

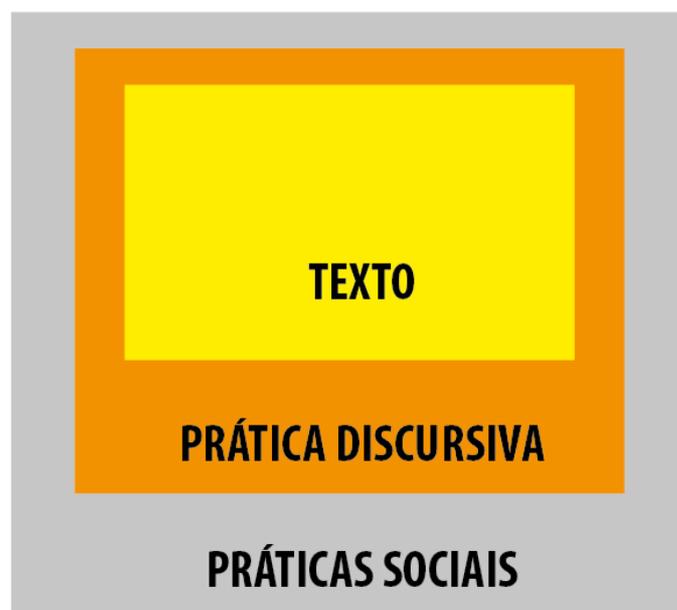


Figura 1 - **Concepção tridimensional do discurso em Fairclough**
 Fonte: RESENDE; RAMALHO, 2006, p.28

Ao se pensar nas categorias desenvolvidas para a análise do objeto, a divisão para o entendimento de como deve seguir a estrutura da análise orientar-se-á pela estrutura organizada abaixo. Mesmo que no discurso extraído não esteja, como dito anteriormente, claramente definidas estas divisões, elas deverão ser compreendidas e catalogadas para a compreensão do discurso a partir da ADC:

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICAS SOCIAIS
Vocabulário Gramática Coesão Estrutura textual	Produção Distribuição Consumo Contexto Força Coerência Intertextualidade	Ideologia - Sentidos - Pressuposições - Metáforas Hegemonia - Orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas

Figura 2 – **Categorias analíticas**
 Fonte: RESENDE; RAMALHO, 2006, p.29

Neste contexto, primeiramente, como descrito na tabela, é preciso ser extraído do discurso sua própria estrutura textual e gramatical. De sua relação vocabular já é possível, embrionariamente, entender a quem se destina o discurso proferido e qual a relação pretendida a partir de sua estrutura semântica. Consequentemente, é preciso entender como se dá a prática discursivo deste discurso, seu contexto, seu modo de produção e distribuição, a força de penetração no público a que se destina, a coerência com a conceito daquilo que é expressado no discurso, e a intertextualidade frente a outros discursos com temáticas semelhantes. Estas duas etapas e seu processo de construção darão suporte ao entendimento do terceiro passo: a prática social. Momento em que se dá o completo entendimento crítico do discurso, possibilitando o entendimento do sentido do que é discursado, sua organização ideológica, sua orientação econômica, política e cultural, e sua relação com a hegemonia e a manutenção do *status quo*, ou ao contrário, de sua força revolucionário, com mudanças e novas proposições sobre o assunto proferido no discurso.

Para a ADC o objetivo é refletir sobre a mudança social contemporânea, sobre as mudanças globais de larga escala e sobre a possibilidade de práticas emancipatórias da vida social. E toda análise parte da percepção de um problema (muitas vezes ligado a relações de poder) e segue por cinco passos no momento de análise do discurso crítica analisado:

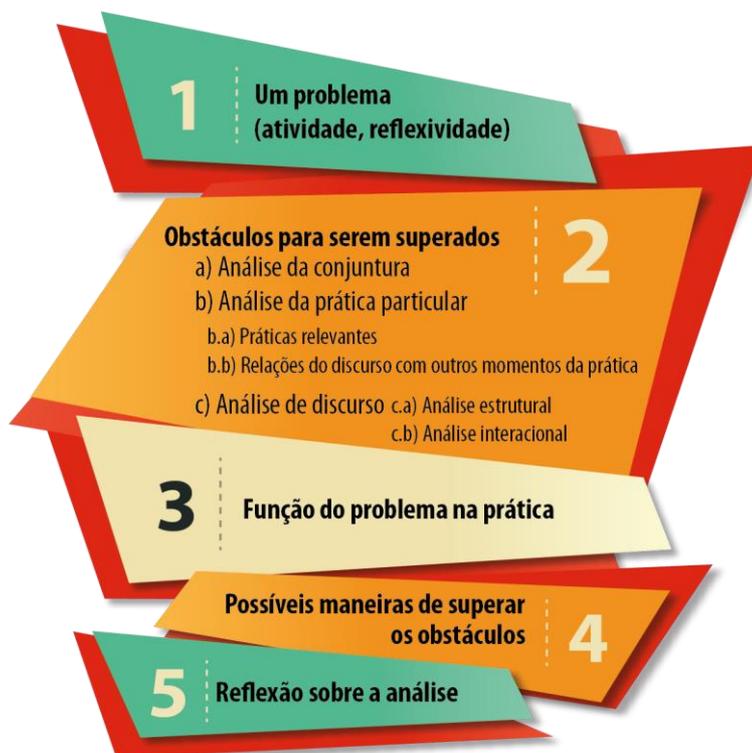


Figura 3 – Cinco passos da Análise do Discurso Crítica
Fonte: RESENDE; RAMALHO, 2006.

Assim sendo, para o melhor entendimento do processo de análise a partir da organização estrutural da ADC do programa televisivo “Fantástico – o show da vida”, e seu discurso, segue sequencialmente as etapas da análise:

1. Organização e divisão do próprio conteúdo a ser analisado, suas estruturas, seu texto, sua apresentação audiovisual, o tempo de exposição, além de outras informações de sua formatação, a partir de um olhar classificatório e científico, importantes para a análise do discurso;

2. Divisão do trecho do discurso selecionado a partir das três estruturas importantes para a ADC: o texto, a prática discursiva e a prática social, facilitando assim o entendimento global do discurso, desvelando características à primeira vista não descritas e verificadas;

3. Feita esta análise o processo de avaliação crítica só se completa na última etapa em que se é decupado o discurso em cinco fases a partir da ação do pesquisador como participante, afetado e envolvido no processo de análise, sendo:

a) detectar o problema, ou a atividade em que se encontra o discurso;

b) os obstáculos a serem superados, a análise conjectural daquele discurso, sua prática particular em comparação com outras práticas particulares do programa, além da própria análise do discurso, sua estrutura e sua interação social;

c) A função do problema encontrado na prática, em uma leitura sócio temporal;

d) as possíveis maneiras de superação dos obstáculos encontrados a partir do problema (participação efetiva do analisador crítico);

e) e por fim, a reflexão encontrada a partir da análise realizada.

7. Definição da escolha da amostra e suas justificativas

7.1. Escolha da primeira amostra

A primeira divisão para diminuir a amplitude e a generalidade do estudo deste objeto: o programa “Fantástico – o show da vida” é a escolha temporal e a quantidade de programas a serem analisados. O ano escolhido para a análise é 2016. Todos os 52 programas do Fantástico veiculados neste ano foram vistos e catalogados, e várias informações foram utilizadas em artigos e estudos no programa de mestrado em curso ao longo dos anos 2016 e 2017.

A partir da definição temporal é necessário escolher os programas a serem analisados, a quantidade de programas e justificar o motivo destas escolhas. Para a definição da amostra da pesquisa é importante uma justificativa que vá ao encontro do processo metodológico (Análise de Discurso Crítica) e que possa responder a problemática definida, assim sendo, para escolha dos programas analisados nesta dissertação alguns levantamentos foram feitos e a escolha destes programas foram resultado deste estudo inicial.

O principal argumento para a definição desta amostra é o entendimento de que é preciso haver uma representação que contemple a estrutura da **prática social** em que o Fantástico está inserido. Como definido no capítulo anterior, referente ao cerne da questão metodológica, pode-se resumir a prática social como o conjunto ou o resultado da própria estrutura do discurso: texto, organização gramatical e semântica, somado a prática discursiva: o contexto que é inserido o discurso, sua intertextualidade, sua coerência com a entendimento do assunto e o consumo ideológico. A junção destas construções referentes ao discurso, unidas, são capazes de definir e fomentar a prática social: o sentido do discurso, sua construção ideológica, sua relação hegemônica e seu pertencimento cultural.

É necessário pontuar novamente que o trabalho não é um estudo de recepção, e sim de emissão, e que se objetiva estudar e compreender o discurso midiático do Fantástico, mas compreendo o tempo, a localidade dos fatos e principalmente sua relação com a cidadania, no que tange à justiça e à educação. Sendo importante destacar, desta forma, que as relações sócio temporais do programa com o meio em que ele está inserido são também relevantes para a entendimento de seu discurso e seu posicionamento social.

É preciso ter o entendimento de alguns fatores já comentados anteriormente que são responsáveis pela construção e pela essência do programa, que orientam e facilitam o entendimento do que circunda o objeto. O Fantástico possui uma grande visibilidade dentro da sociedade brasileira por ser um programa popular e em uma emissora de grande audiência; possui também alguns canais de interatividade com a sociedade o que possibilita entendê-lo com características de uma esfera pública para discussão dos problemas sociais e de cidadania. É um programa de uma empresa privada que visa o lucro econômico, mas que existe a partir de uma concessão pública, necessitando respeitar os critérios de uma programação de qualidade voltada para um conteúdo educativo, cultural e informativo, em teoria, como manda a Constituição Federal no artigo 222, e no decreto nº 52.795 de 31 de outubro de 1963. É preciso também o entendimento de que o Fantástico busca sempre a verificação de seu discurso, sua aceitabilidade frente ao público, justificando-se por pesquisas de opinião e de audiência qual a direção de conteúdo adequados para o que se pretende produzir e veicular.

Ao se utilizar de fatos e notícias que falam sobre assuntos cidadãos, a ausência ou a eficiência do uso destes direitos, fatos sociais, políticos, econômicos e de interesse social, o programa incide diretamente no cotidiano do telespectador, no seu dia a dia, auxiliando na representação midiática daquilo que foi definido como prática social. Lembrando que esta convergência das escolhas das notícias e temas com maior relevância utilizados no discurso do programa também precisam estar de acordo com os interesses econômicos da emissora, por isso a importância de se analisar criticamente seu discurso verificando se há ou não uma difusão e um real incentivo do Fantástico à cidadania.

Um dos modos de verificação da aceitabilidade do discurso do programa pode ser feito pela medição dos níveis de audiência, fator essencial na produção de conteúdo para televisão hoje em dia. Bons níveis de audiência representam quantidade maior de anúncios publicitários e uma grande rentabilidade, e não menos importante representam também maior penetrabilidade social e maior número de pessoas e públicos interagindo com o programa.

O estudo da audiência possui vários fatores para avaliar picos e declínios de visibilidade pelo que é noticiado. Grandes eventos sociais, notícias de importância internacional, destaques da própria emissora (num processo de retroalimentação da

notícia), também influenciam em grandes audiências, assim como assuntos sociais ligados a cidadania (ou a ausência dela) de maior interesse para a sociedade.

Para uma leitura da relação da audiência e das datas de veiculação dos programas no ano de 2016, abaixo estão listados todos os programas do Fantástico exibidos e sua audiência medida por total de domicílios e total de indivíduos para a praça de Goiânia (IBOPE, 2016).

	Total Domicílios		Total Indivíduos	
	Live		Live	
	Rat% {Ponderada}	Rat# {Media(Pond)}	Rat% {Ponderada}	Rat# {Media(Pond)}
FANTASTICO				
Dom Jan 03, 2016	18,10	143,353	9,18	204,704
Dom Jan 10, 2016	16,65	131,913	8,07	179,907
Dom Jan 17, 2016	16,42	130,117	8,07	179,958
Dom Jan 24, 2016	15,36	121,706	8,44	188,167
Dom Jan 31, 2016	15,31	121,268	8,08	180,178
Dom Fev. 07, 2016	11,42	90,465	5,22	116,401
Dom Fev. 14, 2016	18,02	142,748	10,06	224,295
Dom Fev. 21, 2016	17,47	138,403	9,65	215,096
Dom Fev. 28, 2016	20,57	162,935	10,99	244,874
Dom Mar 06, 2016	19,50	154,504	10,07	224,522
Dom Mar 13, 2016	19,01	150,602	10,29	229,364
Dom Mar 20, 2016	15,76	124,865	7,98	177,843
Dom Mar 27, 2016	19,18	151,907	10,48	233,575
Dom Abr. 03, 2016	17,06	135,114	9,04	201,550
Dom Abr. 10, 2016	13,43	106,394	7,42	165,282
Dom Abr. 17, 2016	9,54	75,544	5,54	123,583
Dom Abr. 24, 2016	16,90	133,869	8,47	188,693
Dom Mai 01, 2016	15,48	122,621	8,30	185,097
Dom Mai 08, 2016	15,68	124,196	7,62	169,879
Dom Mai 15, 2016	14,06	111,389	7,15	159,446
Dom Mai 22, 2016	11,84	93,800	5,60	124,790
Dom Mai 29, 2016	19,94	157,955	9,67	215,529
Dom Jun. 05, 2016	14,60	115,698	7,28	162,329
Dom Jun. 12, 2016	15,61	123,641	7,99	178,149
Dom Jun. 19, 2016	12,47	98,751	5,61	125,134
Dom Jun. 26, 2016	12,67	100,335	6,60	147,187
Dom Jul. 03, 2016	13,36	105,833	7,56	168,457
Dom Jul. 10, 2016	14,63	115,862	7,97	177,576
Dom Jul. 17, 2016	15,62	123,760	7,08	157,719
Dom Jul. 24, 2016	17,83	141,236	8,82	196,514
Dom Jul. 31, 2016	13,90	110,143	7,07	157,650
Dom Ago. 07, 2016	17,88	141,630	9,09	202,712
Dom Ago. 14, 2016	18,73	148,340	9,76	217,601
Dom Ago. 21, 2016	20,22	160,156	9,52	212,098
Dom Ago. 28, 2016	15,99	126,671	7,74	172,478

Dom Set 04, 2016	17,22	136,381	7,78	173,360
Dom Set 11, 2016	17,16	135,911	8,17	182,168
Dom Set 18, 2016	26,54	210,265	13,90	309,732
Dom Set 25, 2016	18,32	145,149	8,70	194,024
Dom Out 02, 2016	21,91	173,574	10,10	225,074
Dom Out 09, 2016	14,25	112,887	6,87	153,233
Dom Out 16, 2016	17,80	141,026	9,06	202,040
Dom Out 23, 2016	16,32	129,267	8,54	190,353
Dom Out 30, 2016	19,50	154,514	11,41	254,333
Dom Nov. 06, 2016	15,23	120,628	8,54	190,429
Dom Nov. 13, 2016	16,76	132,808	8,60	191,604
Dom Nov. 20, 2016	20,61	163,250	9,72	216,676
Dom Nov. 27, 2016	18,73	148,378	9,08	202,359
Dom Dez 04, 2016	23,90	189,354	12,08	269,164
Dom Dez 11, 2016	22,80	180,65	11,15	248,52
Dom Dez 18, 2016	21,36	169,23	10,39	231,5
Dom Dez 25, 2016	14,91	118,11	6,86	152,87

Tabela 1 – Níveis de audiência Fantástico, 2006.

Fonte: IBOPE, 2006.

O local geográfico é relevante para o estudo por alguns fatores: no processo da ADC o pesquisador também precisa estar inserido dentro do contexto social de análise porque sua visão de mundo é determinante na construção crítica da linguagem (TUZZO, 2016), e o mestrado é realizado na cidade de Goiânia, sendo assim a relação desta prática social e sua leitura a partir do local da análise convergem positivamente para a análise. Houve também uma facilidade econômica, baixo custo e maior acessibilidade para a pesquisa em se conseguir os dados do IBOPE para esta praça em comparação ao custo mais elevado de outras praças ou dos índices de audiência do programa de forma nacional.

De acordo com a tabela acima, já grifados em vermelho, estão os cinco programas de maiores audiências, com relação à porcentagem de domicílios com a televisão ligada no horário de veiculação do programa, domingo de 20 às 22 horas no ano de 2016, foram em ordem decrescente:

1. **18 de setembro: 26,54%**
2. **04 de dezembro: 23,90%**
3. **11 de dezembro: 22,80%**
4. **02 de outubro: 21,91%**
5. **18 de dezembro: 21,36%**

Alguns pontos importantes desta lista necessitam de destaque. A escolha da audiência pelo total de domicílios e não pelo total de indivíduos (em porcentagem) vai ao encontro de uma leitura social. No início da dissertação foi comentada a pluralidade de públicos que são atingidos pela veiculação e pelo discurso do Fantástico. O ambiente familiar, o horário noturno do domingo em que a família está reunida discutindo as relações sociais que as afligem, refletem uma marca do programa desde a sua criação. Portanto, faz mais sentido à análise a escolha da audiência pelo total de domicílios, o que valoriza assim a proposta no âmbito familiar e social, em comparação a outra parte da tabela que reflete a audiência pela porcentagem de indivíduos que estão assistindo ao programa.

Seguindo a leitura e interpretação da tabela é importante pontuar um outro fator. Há nas datas dos programas de maior audiência uma curiosidade. Todas são datas do segundo semestre de 2016, semestre que se iniciou com duas grandes características sócio históricas para o Brasil, quais sejam, a troca do chefe do poder executivo pelo impeachment da presidente eleita Dilma Rousseff e a nomeação de seu vice, Michael Temer; e o maior evento esportivo do mundo acontecendo no Brasil, no Rio de Janeiro, as Olimpíadas. No entanto, e de forma surpreendente, as maiores audiências do programa durante o ano de 2016 foram decorrentes de outros fatores, conforme está descrito e comentado abaixo.

Segue organizado de forma cronológica os programas do Fantástico de maior audiência no ano de 2016, sendo um programa no mês de setembro, um programa no mês de outubro e três programas no mês de dezembro, com suas características sociais-históricas, e os possíveis fatores que os influenciaram estes programas a serem aqueles com os maiores índices de audiência:

1. **18 de setembro de 2016:** Morte do ator global Domingos Montagner no dia 15 de setembro, três dias antes da veiculação do programa. Neste dia o Fantástico exibiu 21 reportagens, sendo 06 reportagens temáticas sobre a morte do ator (**maior audiência do ano**).
2. **02 de outubro de 2016:** Data da votação em primeiro turno para os cargos de prefeitos e vereadores para todo o país, e houve uma grande cobertura do Fantástico para as apurações em tempo real,

visto que o programa entrou no ar poucas horas após o término da votação. Neste programa o Fantástico exibiu 33 reportagens, sendo 09 reportagens diretas sobre as eleições em primeiro turno, e mais 03 reportagens com a temática política (**4º maior audiência do ano**).

3. **04 de dezembro de 2016:** Primeiro domingo posterior ao acidente aéreo, ocorrido em 29 de setembro, madrugada de terça-feira, em que morreram 77 pessoas, em sua maioria atletas e funcionários da Associação Chapecoense de Futebol, além de profissionais da imprensa esportiva e da companhia aérea. Foram exibidas pelo Fantástico 25 reportagens, sendo 11 delas diretamente ligadas ao acidente, e mais uma retratando um caso histórico semelhante na Itália no século passado, sendo ao todo, 12 reportagens sobre a temática (**2º maior audiência do ano**).
4. **11 de dezembro de 2016:** Não houve um fato social importante para pautar e dominar as reportagens do programa, no entanto, ainda havia a onda da agenda jornalística sobre o acidente com o voo da Chapecoense, foram duas grandes reportagens no programa, sendo a maior delas uma entrevista de mais de 9 minutos com um dos sobreviventes. O programa que teve ao todo 21 reportagens que trataram também sobre atentados terroristas, política mundial, educação, saúde pública e entretenimento. (**3º maior audiência do ano**).
5. **18 de dezembro de 2016:** Novamente a força midiática presente neste programa ainda foi o acidente aéreo da Chapecoense, o que mostra um fato jornalístico com uma relevância muito grande, sendo estendido a três programas, estando, portanto, na agenda midiática nacional por mais de 03 semanas. Reforçando a proposta teórica da agenda setting (MCCOMBS; SHAW, 1972), que conceitua a capacidade de os meios de comunicação darem ênfase a determinado tema ou assunto e da possibilidade dos indivíduos

incluam esse tema em sua lista de prioridades diárias. Neste programa específico houve mais uma grande entrevista com um sobrevivente, novamente com mais de 9 minutos de duração e outras 02 reportagens com esta temática. Ainda se falou muito sobre notícias internacionais, atentados terroristas, houve 01 reportagem sobre educação, 01 sobre ações de lavagem de dinheiro investigadas pelo Ministério Público Federal e outras ligadas ao entretenimento, já pontuando o clima da festividade natalina que se aproximava. Ao todo foram 21 reportagens (**5º maior audiência do ano**)

A partir desta descrição global de informações do contexto sócio temporal dos cinco programas de maior audiência no ano de 2016, há uma característica instigante que une três destes programas, o acidente aéreo do clube de futebol Chapecoense. São 03 programas, dentre os 05 de maior audiência no ano, todos no mesmo mês (dezembro de 2016), mostrando uma excessiva notoriedade a este fato, e conseqüentemente uma repercussão positiva frente ao público, visto o grande tempo de exposição na agenda midiática jornalística no Fantástico, em outros programas no Brasil e no mundo sobre o fato.

Numa primeira análise percebe-se que a noticiabilidade da tragédia, dos grandes acontecimentos não premeditados e de alto grau de comoção popular geram e comandam a audiência em programas de grande alcance e penetração social como o Fantástico.

A primeira tragédia do ator global Domingos Montagner e a repercussão deste fato, uma vez que ele estava presente em uma novela da emissora que ainda estava no ar, gerou uma grande comoção em todo o país. Confirmando assim a força da televisão, da marca Globo no dia a dia dos brasileiros, mesmo com a concorrência de outras mídias, da internet e dos canais de entretenimento em *streaming*, como o Netflix, a Globo ainda possui uma força e uma penetração social muito grande, e acima de qualquer outro fato de relevância social para o Brasil e para o mundo, o programa que deu visibilidade a esta tragédia foi o de maior audiência no ano.

Três meses depois outra tragédia, desta vez envolvendo o clube de futebol brasileiro, a Chapecoense em um acidente aéreo em outro país, no contexto de um evento de futebol sul americano, obteve rapidamente uma visibilidade mundial e foi

exacerbadamente divulgada e noticiabilizadas pelo Fantástico, obtendo assim a segunda maior audiência do ano.

Estas tragédias noticiabilizadas obtiveram maiores audiências que programas específicos sobre as Olimpíadas no Brasil, ou sobre a mudança no cenário político na Presidência da República, fatos de enorme repercussão nacionais e internacionais. O que demonstra, inicialmente, que os assuntos com uma temática cidadã, por mais que sejam atualmente cada vez mais utilizados dentro do programa, com grande relevância dentro da estrutura social brasileira, carente de ações ou discussões completas sobre a cidadania, não são mais importantes que assuntos de notoriedade social e culturais, como o futebol, o carnaval, a vida de atores famosos ou grandes celebridades que aliadas a grandes tragédias ganham uma imensa força midiática, capaz de não ser ultrapassada por nenhuma outra temática desenvolvida pelo programa.

Assim mesmo há na construção do discurso sobre as tragédias noticiabilizadas durante estes programas, a percepção de palavras e contextos que circundam a temática da justiça, como a “falta de direitos”, a “punição aos culpados”, “ausência do Estado”, “não cumprimento das leis de regulação da aviação”, e várias outras características que ligam o fato a uma temática cidadã, principalmente sobre justiça e cidadania, um dos temas escolhidos para a análise.

Para esta dissertação foram escolhidos os dois programas do Fantástico de maior audiência, quais sejam, o programa do dia 18 de setembro e o do dia 04 de dezembro que mereceram uma análise maior e mais detalhada.

Sendo assim, são contempladas duas grandes características nesse processo de escolha. A primeira questão ligada diretamente à audiência e conseqüentemente a maior penetrabilidade do discurso do programa, e a segunda questão ligada a característica do assunto de maior interesse social dentro os programas de maior audiência, no caso a tragédia do voo do clube de futebol Chapecoense, assunto que esteve presente em três programas consecutivos e que muito foi detalhado.

Desta forma serão buscadas nestes dois programas os assuntos que possam responder à pergunta proposta neste estudo, *qual é o discurso do programa Fantástico em suas reportagens que trazem os temas: justiça e educação?* E se nesta proposição do programa em assuntos pró-cidadania são efetivamente elucidativos à cidadania. Ou seja, verificar se nos momentos de maior audiência, e maior visibilidade do programa estes temas são ou não tratados, se é relevante para o Fantástico utilizar destes momentos de maior apelo social para fomentar e auxiliar no entendimento cidadão de

seu público, ou se o Fantástico não utiliza destes momentos para valorização da temática em estudo.

7.1. Escolha da segunda amostra

De acordo com a ADC em que a realidade sócio temporal é imprescindível para a leitura crítica, a questão da audiência é uma definição importante e plausível para a escolha dos programas. No entanto, somente o fator da audiência não define uma visão completa para a análise do discurso do Fantástico porque não atende outros momentos em que assuntos pró-cidadania, independentemente dos picos de audiência, são mais contempladas ou mais sugeridas pelo programa. Sendo assim uma segunda amostra complementar possibilita uma visão mais ampla do discurso do Fantástico, dando a possibilidade de uma análise comparativa com a primeira amostra e mais completa.

Para se ter uma visão mais ampla do Fantástico, e ter como foco o estudo enfático no processo de emissão de seu discurso é preciso ter a escolha de um outro programa capaz de realizar um contraponto de análise, e uma comparação entre momentos distintos do programa. Um programa que não esteja entre os de maior audiência do ano, em que assuntos de apelo social, como comoções populares, tragédias ou assuntos ligados ao entretenimento, não pautassem em grande parte o tempo de veiculação do Fantástico.

E que neste programa escolhido houvesse maior espaço para reportagens pró-cidadania, e que fosse possível perceber no Fantástico uma maior efetividade na forma de tratar as questões sociais. Ou não, perceber se mesmo neste programa com menor apelo de audiência e uma gama maior de reportagens pró-cidadania, o Fantástico também não elucidada de forma eficaz a questão da cidadania fortalecendo assim a temática para seu público, auxiliando na formação crítica da sociedade que ele está inserido.

Este terceiro programa analisado é definido por meio de uma escolha por conveniência dentro os 52 programas do Fantástico no ano de 2016. Um programa escolhido de forma aleatória, que contemple ao olhar do pesquisador estas características pró-cidadania e temáticas ligadas a questões dos direitos sociais, com reportagens que interagem dentro dos dois pilares escolhidos para avaliação do discurso do programa, justiça e educação. A escolha é pelo programa do dia 06 de novembro. Neste domingo houveram 19 reportagens e 10 delas tiveram uma temática pró-

cidadania, sendo, portanto, um exemplo em que mais de 50% do tempo, e da quantidade de matérias exibidas a questão “cidadania” esteve presente, sendo um bom comparativo aos programas de maior audiência do ano, possibilitando assim uma visão mais ampla do discurso do Fantástico.

De antemão, a escolha pelo segundo semestre de 2106 aproxima os três programas escolhidos, em que a vivência sócio temporal do Brasil é parecida, assemelhando assim os discursos. É uma data que está entre os dois outros programas, entre duas grandes tragédias noticiabilizadas deste período. Contudo um domingo sem outra força midiática capaz de influenciar a orientação das reportagens do programa, tendo espaço assim para que o Fantástico discorra sobre assuntos do interesse do cotidiano, entretenimento e cultura, e assuntos de interesse social, pró-cidadãos, sendo ou não elucidativo.

Portanto, os programas do Fantástico a serem analisados em ordem cronológica de exibição, são: 18 de setembro (18/09), 06 de novembro (06/11) e 04 de dezembro (04/12) de 2016. Dentro desta proposta há uma organização de todos os assuntos tratados no programa, seu tempo de veiculação, a organização temporal de cada assunto e por fim, dentro da estrutura proposta no capítulo sobre metodologia (ADC), há uma leitura de como se desenvolveu o discurso do Fantástico no programa proposto e quais as prioridades do programa na construção deste discurso.

8. Análise do objeto: conhecendo melhor o discurso do Fantástico

Como definido no item anterior será realizada neste capítulo uma Análise de Discurso Crítica dos programas Fantástico veiculados nos dias 18 de setembro, 06 de novembro e 04 de dezembro de 2016. De forma detalhada para o processo de análise segue o levantamento dos dados, número e nome das reportagens de cada programa, seu tempo de exposição, a relação temática entre elas, a quantidade de matérias que se aproximaram numa mesma temática, e por fim uma avaliação do próprio discurso dentro dos temas propostos para a análise, a partir da estrutura determinada pela ADC.

FANTÁSTICO – 18 DE SETEMBRO DE 2016

Em forma de tabela, descrito e organizado o programa do dia 18 de setembro obteve 97 minutos (1 hora e 37 minutos) de reportagens, não contabilizando os reclames publicitários. Sendo todo o programa exibido no horário nobre de domingo (a partir das 20h05min) na Rede Globo de televisão por 2 horas e 5 minutos. Segue abaixo o título, a ordem de veiculação e o tempo de duração de todas as reportagens exibidas no programa:

ORDEM DE VEICULAÇÃO	TÍTULO DA MATÉRIA	TEMPO DE DURAÇÃO
1	Flausino e Sideral tocam Ideologia no palco do Fantástico / Abertura do Programa	4 minutos
2	Fantástico vai ao local da morte de Domingos Montagner para entender tragédia	9 minutos
3	Dez anos depois, reportagem volta ao local de acidente do voo 1907 da Gol	11 minutos
4	Gaby Amarantos participa da festa de encerramento da Paralimpíada	2 minutos
5	Brasil ganha medalha no último dia da Paralimpíada na maratona	25 segundos
6	Confira quadro de medalhas da Paralimpíada	35 segundos
7	Veja a última cena gravada por Domingos Montagner para Velho Chico	7 minutos
8	Governo de Nova York classifica explosão como ato terrorista	4 minutos
9	Daniel Dias é maior medalhista na Paralimpíada do Rio de Janeiro	3 minutos

10	Candidatos à presidência dos EUA se manifestam após explosão em Nova York	2 minutos
11	Monica Santos joga esgrima e luta pelos direitos dos cadeirantes	4 minutos
12	Menopausa sem segredo: veja riscos e vantagens da reposição hormonal	15 minutos
13	Operação desarma o maior esquema de falsificação de bebidas do Brasil	7 minutos
14	Exclusivo: nova tecnologia se torna arma eficiente na caçada aos pedófilos	12 minutos
15	Nico Rosberg vence em Cingapura e reassume a liderança do mundial de pilotos	1 minuto
16	Rogério Flausino e Wilson Sideral apresentam música inédita do Cazuza no Fantástico	5 minutos
17	Autores de Velho Chico decidem qual será o final de Santos dos Anjos, saiba	5 minutos
18	Camila Pitanga fala sobre morte do amigo Domingos Montagner	12 minutos
19	Flamengo vence e fica mais perto da liderança; veja os gols do Fantástico	10 minutos
20	Fantástico presta homenagem a Domingos Montagner	3 minutos
21	Paralimpíada do Rio de Janeiro deixará saudades	3 minutos

Quadro 2 – Reportagens exibidas no Fantástico em 18 de setembro de 2016

Neste Fantástico houveram 21 reportagens ao todo. A exibição foi dividida em 7 blocos, com 6 intervalos para os comerciais publicitários, conforme pode ser averiguado no próprio vídeo do programa do Fantástico disponível no histórico do programa na página de vídeos em *streaming* da emissora Rede Globo, a Globo Play. Segue abaixo a estrutura do programa vista a partir dos blocos construídos para veiculação.

BLOCOS	REPORTAGENS	TEMPO DE VEICULAÇÃO
1	Flausino e Sideral tocam Ideologia no palco do Fantástico / ABERTURA DO PROGRAMA	4 minutos

2	Fantástico vai ao local da morte de Domingos Montagner para entender tragédia / Dez anos depois, reportagem volta ao local de acidente do voo 1907 da Gol / Gaby Amarantos participa da festa de encerramento da Paralimpíada	22 minutos
3	Brasil ganha medalha no último dia da Paralimpíada na maratona / Confira quadro de medalhas da Paralimpíada / Veja a última cena gravada por Domingos Montagner para Velho Chico / Governo de Nova York classifica explosão como ato terrorista / Candidatos à presidência dos EUA se manifestam após explosão em Nova York / Candidatos à presidência dos EUA se manifestam após explosão em Nova York	17 minutos
4	Monica Santos joga esgrima e luta pelos direitos dos cadeirantes / Menopausa sem segredo: veja riscos e vantagens da reposição hormonal / Operação desarma o maior esquema de falsificação de bebidas do Brasil	26 minutos
5	Exclusivo: nova tecnologia se torna arma eficiente na caçada aos pedófilos / Nico Rosberg vence em Cingapura e reassume a liderança do mundial de pilotos / Rogério Flausino e Wilson Sideral apresentam música inédita do Cazuza no Fantástico	18 minutos
6	Autores de Velho Chico decidem qual será o final de Santos dos Anjos, saiba / Camila Pitanga fala sobre morte do amigo Domingos Montagner /	17 minutos
7	Flamengo vence e fica mais perto da liderança; veja os gols do Fantástico / Fantástico presta homenagem a Domingos Montagner / Paralimpíada do Rio de Janeiro deixará saudades	16 minutos

Quadro 3 – Reportagens do programa exibido no dia 18/09/17 dividido em blocos, conforme o vídeo online no site da Globo Play: <https://globoplay.globo.com/v/5491784/programa/>

Pela leitura da tabela percebe-se que o assunto da tragédia e morte do ator Domingo Montagner circundou todo o programa, e foi a linha mestre da organização do Fantástico estando presente nos blocos 2,3,6 e 7. Tendo como outro assunto de destaque o encerramento das Paralimpíadas no Brasil, nos blocos 2,3,4 e 7, presente também em grande parte do Fantástico demonstrando que este sim, seria o grande tema do programa até o acontecimento da tragédia, que mudou o eixo já organizado para o Fantástico.

A quantidade de reportagens e consequentemente de tempo do programa dedicado à tragédia e morte do ator global foram de 36 minutos, o que corresponde a 37,1% do tempo de exibição do programa. A segunda temática, que seria a mais forte do programa na ausência da tragédia noticiabilizadas, as Paralimpíadas, contabilizaram 13 minutos, o que corresponde a 13,4% do tempo de exibição do Fantástico. Desta forma, estas duas temáticas somaram 49 minutos, 50,5% do programa. Os outros 48 minutos do programa foram divididos em assuntos que sempre estão presentes no Fantástico como entretenimento (futebol, música, cultura) e assuntos ligados às questões com temáticas sociais.

Destes 48 minutos restantes, o Fantástico exibiu assuntos ligados ao futebol, ao automobilismo, e à música, que podemos inserir na temática entretenimento; teve também uma reportagem histórica ligada a uma outra tragédia sobre os dez anos após o acidente de avião da Gol que caiu na Floresta Amazônica; duas reportagens internacionais ligada às eleições nos EUA ao terrorismo em Nova York, e quatro reportagens com temáticas sociais, uma delas ligada a questão da saúde, a reportagem sobre a Menopausa e a reposição hormonal, maior reportagem da edição com 15 minutos de duração. E três delas ligadas a questões da justiça, a primeira com relação a inclusão e acessibilidade dos cadeirantes no Brasil junto ao assunto das Paralimpíadas, o que de antemão demonstra uma associação positiva e pró-cidadã do programa ao juntar entretenimento e direito ao portador de necessidades especiais. A segunda reportagem ligada à justiça e a legalidade, sobre a falsificação de bebidas no Brasil, e a terceira referente à justiça, tecnologia e crime, com relação a nova arma da Polícia Federal para detectar e prender pedófilos na internet. Estas três reportagens serão melhor decupadas e analisada quanto à estrutura de seus discursos.

É evidente que na busca da audiência, e mais do que isso, na importância da retroalimentação dos assuntos da Rede Globo sendo valorizado pela Rede Globo durante toda a programação o enfoque à tragédia da morte do ator Domingo Montagner

foi maior e mais valorizada. Como não é o cerne da pesquisa não será analisado o teor dessas reportagens, mas é evidente que a valorização do luto e da perda, inclusive de forma sensacionalista, ferindo o momento de dor com entrevistas com amigos e parentes da vítima, sobressaíram a questionamentos realmente importantes sobre o fato. Como, exemplo a regulamentação de áreas de banho e de movimentação turística no Brasil, a ausência de profissionais de salvamento nestas regiões, a falta de participação do Estado na regulamentação destas estruturas, além de outros questionamentos importantes que poderiam ser feitos, que num momento ou noutro foi citado, mas não foram investigados como deveria acontecer dentro da função de um jornalismo participativo e social.

O segundo grande tema, as Paralimpíadas, foi melhor trabalhado quanto a importância da divulgação dos fatos, da relação com a temática a assuntos de interesse social, e quanto ao envolvimento e participação jornalística no assunto. Possivelmente, pela grande exposição na sociedade da temática acessibilidade e da equidade nas relações humanas no trato com o portador de necessidades especiais, valorizados por este grande evento em todo o mundo, as Paralimpíadas. A associação do Fantástico com o esporte paralímpico com a questão social é mais perceptível, e há uma reportagem a ser decupada e analisada quanto a esta relação e ao discurso empregado.

De forma concreta no Brasil a aceitação e a inclusão dos portadores de necessidades especiais ainda é incipiente. É imprescindível que a mídia auxilie na aplicabilidade real destas ações, forçando e auxiliando o Estado a valorizar realmente a temática, dando não só voz, mas instrumentos materiais de inclusão social e participação desta grande fatia da sociedade na efetividade de ações cidadãos nesta proposição.

A grande surpresa dentro deste programa é a reportagem com uma temática pró-cidadã ligada a uma questão de saúde pública, a reposição hormonal durante a menopausa. A maior reportagem do programa em tempo de exposição, tratou de um tema muito pertinente e atual, de uma forma didática e informativa, com referências a tratamentos públicos, casos reais compartilhados e sem a inserção exacerbada da marca “Fantástico” na construção da reportagem, valorizando mais a temática do que o programa ao falar do tema. Sem dúvidas, um caso importante na valorização do discurso do Fantástico na construção pró-cidadania. Como não faz parte do escopo dos pilares escolhidos para o estudo dentro da cidadania, a questão da saúde pública, a reportagem não será decupada como àquelas matérias referentes a justiça. Contudo, é

importante salientar e destacar a boa reportagem e esta luz de cidadania no Fantástico, principalmente neste programa em específico de maior audiência no ano.

De forma geral, podemos dividir o programa do dia 18 de setembro por reportagens temáticas em grupos que tratam de assuntos semelhantes, contabilizando-os, da seguinte forma:

	Quantidade de Matérias
Entretenimento (Futebol / Automobilismo/Musica/Paralimpíadas) (Música ao vivo no Palco / Matérias sobre a Paralimpíadas / Gols da rodada / Cobertura F1)	9
Matérias especiais (apelo popular / tragédias e assuntos históricos) (Morte do ator global / dez anos após queda do avião da Gol na Floresta Amazônica)	6
Justiça (Inclusão e acessibilidade, falsificação de bebidas e justiça, tecnologia e crime, luta contra os pedófilos na internet)	3
Matérias Internacionais (eleições nos EUA e terrorismo em Nova York)	2
Saúde (Menopausa sem segredo: veja riscos e vantagens da reposição hormonal)	1
Educação (e outros temas sociais)	0

Quadro 4 – Divisão por temas das reportagens exibidas no Fantástico no dia 18 de setembro de 2016

Pela leitura da tabela é visto que os assuntos ligados a cidadania perdem força frente a um grande apelo popular. Se somarmos os dois primeiros blocos, serão 15 matérias das 21 reportagens exibidas pelo programa, o que corresponde a 71,4% do Fantástico neste dia. Desta forma evidencia que a valorização da audiência e a exibição de temas popularescos e/ou tragédias vistas com um viés sensacionalista não favorece a busca por questões de maior importância social, de crescimento e educação para sociedade, como as temáticas pró-cidadania. A prateleira de exposição midiática é precisa ser preenchida com o que é consumido de forma mais rápida e deglutível ao público.

No entanto, é perceptível que o contexto das questões sociais também é foco do programa, visto que houveram 4 reportagens com a temática dentre as 21 exibidas. Mas estes temas não são definidos como prioridade, e tampouco são valorizados como deveriam em momentos de maior audiência no programa, já que estão presentes em apenas 6 matérias (4 com temáticas pró-cidadania e 2 matérias internacionais), 28,6% das reportagens em números, e 45,4% em tempo de exibição (44 minutos, dos 97 minutos do programa). Entretanto, é importante frisar que houve espaço para estas temáticas e foram levantados casos relevantes à cidadania e sua relação direta com a sociedade.

Após uma análise geral do programa é possível fazer algumas outras considerações de forma pontual, analisando apenas as reportagens que se enquadram diretamente nos temas de justiça, único dos dois vértices de cidadania escolhidos para a análise (justiça e educação) verificando assim, criticamente, o discurso do Fantástico de forma específica. De acordo com a última tabela das reportagens divididas em temas comuns, seguem abaixo, descritas e analisadas, as que se enquadram nos seguintes temas: *Justiça (Inclusão e acessibilidade)*, *Justiça (Falsificação de bebidas no Brasil)* e *Justiça (Tecnologia e crime na luta contra os pedófilos na internet)*

Reportagens sobre Justiça (Inclusão e acessibilidade)

Reportagem 1: “Monica Santos joga esgrima e luta pelos direitos dos cadeirantes”

Esta foi a 11ª matéria do programa com 4 minutos de duração. A reportagem abriu o quarto bloco do Fantástico trazendo uma história real de superação e busca por direitos e equidade para os portadores de necessidade especiais. “Mônica Santos” atleta profissional da seleção paralímpica de esgrima conta um pouco da sua vida e de como escolheu a maternidade mesmo deixando-a paraplégica e como busca através do esporte a superação para a dificuldade de aceitação social e de equidade quanto a uma vida.

A matéria teve um tom ficcional de dar importância ao drama pessoal da personagem principal da matéria, fazendo a relação familiar da atleta com os jogos, mas a partir deste gancho foi capaz desenvolver a temática e dar visão a importância da valorização, como um todo, do ser humano em situação de necessidades especiais.

Texto, Práticas Discursivas e Práticas Sociais, conforme orienta a ADC, da reportagem podem ser assim definidas:

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Monica Santos joga esgrima e luta pelos direitos dos cadeirantes</p>	<p>Contexto: Paralimpíada no Brasil</p>	<p>Reflexão e causas sociais Momento propício para se alertar e cobrar maior envolvimento do Estado e da população quanto a situação dos portadores de necessidades especiais.</p>
	<p>Coerência e novos dados: Relação com a assunto do esporte paralímpico e a busca por direitos de inclusão ao portador de necessidades especiais.</p>	<p>Discussão hegemônica: Há pelo Fantástico a necessidade de se valorizar frente a temática social abordada. No entanto, neste caso o tom ficcional da reportagem desenvolvida pelo Fantástico alertou à uma necessidade de apoio ao deficiente físico e sua inclusão social, valorizando assim uma proposta cidadã.</p>

Quadro 5 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Monica Santos joga esgrima e luta pelos direitos dos cadeirantes”, 18/09/16

Reportagens sobre Justiça (Falsificação de Bebidas no Brasil)

Reportagem 2: “Operação desarma o maior esquema de falsificação de bebidas do Brasil”

Esta foi a 13ª matéria do programa com 7 minutos de duração. A reportagem fecha o quarto bloco do Fantástico trazendo uma reportagem investigativa sobre o crime de falsificação de bebidas no Brasil. A reportagem conta com o apoio da Polícia Civil dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo uma ação conjunta da polícia para prender traficantes que lavavam o dinheiro ilícito do tráfico na produção e comercialização de bebidas falsificadas. De forma informativa e muito descritiva a reportagem valoriza

enormemente o trabalho da polícia com uma série de entrevistas com os responsáveis em diversas áreas pela operação, e traz como base de sustentação da reportagem a figura do próprio Fantástico, que assim como a polícia busca a preservação da ordem pública e da licitude das ações, buscando o bem social informando a população quanto aos malefícios das bebidas falsificadas e dos riscos eminentes à saúde dos indivíduos. No entanto, ações mais efetivas como divulgação de pontos de comercialização de bebidas falsificadas, ou o desenvolvimento de uma campanha social contra a ilicitude das compras de bebidas não regulamentadas, não é feito, demonstrando neste caso que a proposta pró-cidadã do Fantástico é mais informativa, e elucidativa de sua força midiática nos assuntos de importância a população.

Texto, Práticas Discursivas e Práticas Sociais, conforme orienta a ADC, da reportagem podem ser assim definidas:

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Operação desarma o maior esquema de falsificação de bebidas do Brasil</p>	<p>Contexto: Crime de falsificação de bebidas e ligação com a lavagem de dinheiro pelo tráfico de drogas</p>	<p>Reflexão e causas sociais: Não foi desenvolvida uma proposta social de combate a comercialização de bebidas não regulamentadas, mas houve uma matéria informativa com muitos dados e de relevância social.</p>
	<p>Coerência e novos dados: Relação informativa do assunto bem resolvida, valorização da força policial e entrevistas pontuais com os responsáveis pela ação.</p>	<p>Discussão hegemônica: Há uma valorização do Fantástico na apropriação da ação policial, como corresponsável pela segurança da população, e nenhuma outra discussão sobre legalização de bebidas ou outros levantamentos reflexivos sobre esta temática.</p>

Quadro 6 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Operação desarma o maior esquema de falsificação de bebidas do Brasil”, 18/09/16

Reportagens sobre Justiça (Tecnologia e crime na luta contra os pedófilos na internet)

Reportagem 3: “*Exclusivo: nova tecnologia se torna arma eficiente na caçada aos pedófilos*”.

Esta foi a 14ª matéria do programa com 12 minutos de duração. A reportagem abre o quinto bloco do Fantástico trazendo uma reportagem investigativa sobre o crime de pedofilia, a partir de uma nova tecnologia americana que consegue identificar o computador que está armazenando e baixando vídeos e fotos proibidas, e que está sendo utilizada pela polícia brasileira, tornando-se assim uma arma eficiente na caçada aos pedófilos no Brasil.

A temática é de suma importância na questão de justiça social no Brasil e no mundo. A pedofilia é um crime gravíssimo que traz consequências psicológicas profundas em crianças que são abusadas, e traz à tona uma doença psicossocial de vários adultos, em sua maioria homens, que se utilizam dessa psicopatia e da força física para abusar de crianças, sem o entendimento e a maturidade para a sexualidade. A gravação e o compartilhamento de fotos e vídeos de pornografia infantil fomentam este crime, e precisa realmente ser evitada e combatida, o que traz um caráter muito positivo a iniciativa do programa.

Nesta reportagem o Fantástico traz uma evocação grande ao trabalho policial, à parceria da polícia brasileira com um centro americano de combate a pedofilia no mundo, dando também ao Fantástico essa visão em evidência na prateleira do consumo simbólico da cidadania, sendo o responsável pela divulgação e combate deste crime no Brasil.

Pontos altamente positivos na reportagem, no entanto, são a divulgação de alguns casos, com detalhes dos crimes e nomes dos envolvidos, fazendo assim uma função informativa da reportagem com qualidade. Entrevistas com profissionais, como psicólogos e psiquiatras, para analisar como se dão estas relações na vítima e no criminoso, além de trazer para conhecimento da população a lei do Estatuto da Criança e do Adolescente, que precisa tornar-se cada vez mais acessível e conhecido da população. A imparcialidade nos fatos, em contraponto, não houve. Há uma valorização importante ao Fantástico o incluindo nos “Caçadores de Pedófilos” como sugere a reportagem, mas isso apenas comprova a necessidade do programa em valorizar uma

prateleira de exposição não só da temática cidadã, mas sobretudo, da sua imagem quanto responsável pela inserção da temática cidadã no contexto social.

Texto, Práticas Discursivas e Práticas Sociais, conforme orienta a ADC, da reportagem podem ser assim definidas:

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Exclusivo: nova tecnologia se torna arma eficiente na caçada aos pedófilos</p>	<p>Contexto: Crime de pedofilia, novas formas de descobrir criminosos no Brasil</p>	<p>Reflexão e causas sociais: Assunto importantíssima na questão de justiça social, bem difundido pelo Fantástico no que tange principalmente a divulgação de dados científicos de profissionais da área (psicólogos e psiquiatras) e sobre a lei que rege o assunto no Brasil, o Estudo da Criança e do Adolescente</p>
	<p>Coerência e novos dados: Associação positiva da polícia brasileira com uma organização americana sobre o assunto e divulgação elucidativa de alguns casos de apreensão de pedófilos virtuais.</p>	<p>Discussão hegemônica: Há uma valorização do Fantástico na apropriação da reportagem, se personalizando de ente social como a polícia, mas a reportagem traz novidades quanto ao combate desse crime no país e no mundo, favorecendo a uma ação elucidativa do tema cidadão para os telespectadores</p>

Quadro 7 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Exclusivo: nova tecnologia se torna arma eficiente na caçada aos pedófilos”, 18/09/16

FANTÁSTICO – 06 DE NOVEMBRO DE 2016

Em forma de tabela, descrito e organizado o programa do dia 06 de novembro teve duração 91 minutos e 42 segundos (1 hora, 31 minutos e 42 segundos) de reportagens, não contabilizando os reclames publicitários. Sendo todo o programa

exibido no horário nobre de domingo (a partir das 20h03min) na Rede Globo de televisão por 1 horas e 58 minutos. Segue abaixo o título, a ordem de veiculação e o tempo de duração de todas as reportagens exibidas no programa:

ORDEM DE VEICULAÇÃO	TÍTULO DA MATÉRIA	TEMPO DE DURAÇÃO
1	Asilo divulga pedidos de Natal de idosos para arrecadar presentes	4 minutos
2	Mais de 8,3 milhões de candidatos fazem o segundo dia de provas do ENEM	2 minutos
3	Polícia Federal faz operação para combater fraudes no ENEM	7 minutos
4	Fantástico mostra o que muda nas multas de trânsito	6 minutos
5	SBP lança cartilha sobre como crianças devem lidar com a internet	6 minutos
6	Quem é você no grupo? Fantástico mostra os perfis do aplicativo de mensagem	4 minutos
7	Quadrilha cobrava taxa por água e luz em acampamento do MST	6 minutos
8	Menina de 10 anos sonha em ser reconhecida pelo pai em “Segredos de Justiça”	13 minutos
9	Casal Schurman assiste pela 1ª vez ao filme sobre filha adotiva	5 minutos
10	Fantástico percorre o rio Doce para analisar qualidade da água	8 minutos
11	Ozzy Osbourne fala sobre última turnê do Black Sabbath	4 minutos
12	Fantástico mostra como funciona a reabilitação de homens agressores	9 minutos
13	A dois dias da eleição nos EUA, Hillary e Trump tentam conquistar eleitores indecisos	4 minutos
14	Daniel Ortega é eleito para terceiro mandato consecutivo como presidente da Nicarágua	33 segundos
15	Mais de 2,2 mil refugiados são resgatados em dois dias no Mar Mediterrâneo	27 segundos
16	Ataque contra rebelde na Síria atinge creche e mata seis crianças	42 segundos
17	Cachorros atacam meninas de dois e quatro anos na região metropolitana de Belo Horizonte	2 minutos
18	Confira os gols da rodada do Campeonato Brasileiro	10 minutos
19	Paulinho da Viola vai comemorar cem anos do samba no palco do Fantástico	2 minutos

Quadro 8 – Reportagens exibidas no Fantástico em 06 de novembro de 2016

Neste Fantástico houveram 19 reportagens ao todo. A exibição foi dividida em 6 blocos, com 5 intervalos para os comerciais publicitários, conforme pode ser averiguado no próprio vídeo do programa do Fantástico disponível no histórico do programa na página de vídeos em *streaming* da emissora Rede Globo, a Globo Play. Segue abaixo a estrutura do programa vista a partir dos blocos construídos para veiculação.

BLOCOS	REPORTAGENS	TEMPO DE VEICULAÇÃO
1	Asilo divulga pedidos de Natal de idosos para arrecadar presentes / ABERTURA DO PROGRAMA	4 minutos
2	Mais de 8,3 milhões de candidatos fazem o segundo dia de provas do ENEM / Polícia Federal faz operação para combater fraudes no ENEM / Fantástico mostra o que muda nas multas de trânsito	15 minutos
3	SBP lança cartilha sobre como crianças devem lidar com a internet / Quem é você no grupo? Fantástico mostra os perfis do aplicativo de mensagens / Quadrilha cobrava taxa por água e luz em acampamento do MST	16 minutos
4	Menina de 10 anos sonha em ser reconhecida pelo pai em “Segredos de Justiça / Casal Schurman assiste pela 1ª vez ao filme sobre filha adotiva /	18 minutos
5	Fantástico percorre o rio Doce para analisar qualidade da água / Ozzy Osbourne fala sobre última turnê do Black Sabbath / Fantástico mostra como funciona a reabilitação de homens agressores	22 minutos
6	A dois dias da eleição nos EUA, Hillary e Trump tentam conquistar eleitores indecisos / Daniel Ortega é eleito para terceiro mandato consecutivo como presidente da Nicarágua / Mais de 2,2 mil refugiados são resgatados em dois dias no Mar Mediterrâneo / Ataque contra	19 minutos 42 segundos

rebelde na Síria atinge creche e mata seis crianças / Cachorros atacam meninas de dois e quatro anos na região metropolitana de Belo Horizonte/ Confira os gols da rodada do Campeonato Brasileiro / Paulinho da Viola vai comemorar cem anos do samba no palco do Fantástico

Quadro 9 – Reportagens do programa exibido no dia 06/11/17 dividido em blocos, conforme o vídeo online no site da Globo Play: <https://globoplay.globo.com/v/5491784/programa/>

Pela leitura da tabela percebe-se um programa com uma variedade maior de assuntos. Neste programa as reportagens vão do entretenimento às questões sociais, e como não houve uma grande temática para que se concentrasse uma maior visibilidade e maior tempo do programa em um determinado assunto, houve uma pluralidade de temas e uma possibilidade maior de análise do discurso do Fantástico nas questões sociais.

Este programa obteve pouco mais de 15 pontos de audiência no IBOPE para a praça de Goiânia. Uma pontuação mediana e muito distante dos programas de maior audiência do ano. E foi escolhido pela variedade de temas pró-cidadania que abarcou, principalmente tratando-se dos pilares de justiça e educação que são as vertentes escolhidas para a análise.

Uma leitura detalhada dos seis blocos do programa pode ser assim desenvolvida:

Bloco 1: Saúde (Cuidado com os idosos)

Bloco 2: Educação (Matérias sobre o ENEM, Educação no Trânsito)

Bloco 3: Educação (Infância e Internet) / ***Entretenimento*** / ***Reforma Agrária e crimes*** (Justiça Social)

Bloco 4: Justiça (Direito Familiar) / ***Entretenimento***

Bloco 5: Justiça (Meio Ambiente) / ***Entretenimento*** / ***Justiça*** (Direito Criminal, Lei Maria da Penha)

Bloco 6: Reportagens Internacionais / ***Saúde*** (Cachorros atacam crianças) / ***Entretenimento***

Nessa perspectiva podemos dividir este programa do Fantástico nos seguintes grupos temático, com as seguintes quantidades de reportagens:

	Quantidade de Matérias
Saúde (Cuidado com os idosos, cachorros atacam crianças)	2
Educação (ENEM, Educação no Trânsito, Infância e Internet)	4
Justiça (Reforma Agrária e crimes, Direito Familiar, Meio Ambiente, Direito Criminal)	4
Matérias Internacionais (eleições nos EUA e terrorismo em Nova York)	4
Entretenimento (Menopausa sem segredo: veja riscos e vantagens da reposição hormonal)	5

Quadro 10 – Divisão por temas das reportagens exibidas no Fantástico no dia 06 de novembro de 2016

A divisão dos temas dentro deste programa é bastante equilibrada, dando voz a temáticas cidadãs em 10 das 19 reportagens, contabilizando 57,4% das reportagens do programa. Sendo este um dos programas avaliados, dentre todos os programas de 2016, em que houve a maior parte do Fantástico dedicada a assuntos de interesse social. Em relação a quantidade de tempo dedicado a estes assuntos neste programa foram 63 minutos (1 hora e 3 minutos), dos 91 minutos e 42 segundos (1 hora, 31 minutos e 42 segundos) de toda a programação, contabilizando 68,5% do tempo de exibição do programa, o que demonstra ser esta uma amostragem interessante para a leitura crítica do discurso do Fantástico em matérias pró-cidadania.

Temas cidadãos propostos pelo programa, 04 reportagens estão ligadas ao pilar da educação, 04 outras ligadas a questão da justiça social e outras 02 estão ligadas à saúde. A construção destas reportagens foi bem interessante estando as matérias com caráter educativo de forma sequencial no início do programa, e as matérias de caráter de justiça e sociedade, também organizadas de forma sequencial na metade para o fim da exibição do Fantástico. Estas 08 reportagens, ligadas a educação e justiça social, vão ao encontro da proposição da pesquisa, e serão decupadas e analisadas a seguir de acordo com a estrutura metodológica da ADC.

Reportagens sobre Educação (ENEM, Educação no Trânsito, Infância e Internet)

Reportagem 1: “Mais de 8,3 milhões de candidatos fazem o segundo dia de provas do ENEM”

Esta foi a 2ª matéria do programa, abrindo o segundo bloco com 2 minutos de duração. Uma matéria de caráter informativo, mas que elucidou alguns pontos importantes sobre a aplicação das provas do ENEM naquele domingo, na ocasião o segundo dia de provas. A temática é indubitavelmente de interesse social, são milhões de estudantes que fazem o exame em todo o Brasil e centenas de universidades utilizam da nota do exame como nota para o acesso de novos alunos.

A matéria inicia-se com a informação de que a polícia federal havia prendido 11 pessoas suspeitas de fraude do Exame Nacional do Ensino Médio, em uma ação em 8 estados, dando assim valorização a ação policial em detrimento a falta de segurança do exame, devido a casos noticiados no primeiro dia da aplicação das provas. Em seguida, a matéria torna-se descritiva elucidando sobre a quantidade de pessoas que realizaram as provas, a entrada dos alunos e daqueles que não conseguiram entrar sendo mostradas imagens em diversas cidades pelo país.

A matéria torna-se opinativa quando fala sobre o adiamento do exame para outros milhares de estudantes. As escolas, onde seriam realizadas as provas, estavam ocupadas por movimentos estudantis contra a PEC 241, que limitou os gastos do governo federal principalmente com relação a educação pública, e contra a medida provisória que permitiu a mudança na grade curricular do ensino médio. As informações feitas pelo Fantástico são pontuais quanto ao adiantamento da prova para milhares de estudantes no Brasil e não informativa sobre a importância do movimento estudante, diminuindo assim a mobilização, comparando-a a um obstáculo para o bom andamento do exame.

Há um momento de discussão e socialização na matéria ao ser comentado pelo Fantástico o tema da redação: “Os caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil”, temática de relevância social muito importante para o atual momento de nossa sociedade que foi bem discutida pelo Fantástico com entrevistas e opiniões dos alunos.

O Fantástico finaliza a matéria, retomando a chamada inicial, com a entrevista do ministro da Educação comentando sobre as ações da Polícia Federal contra fraudes na prova do ENEM e relatando as prisões ocorridas. Não há uma conclusão e um

fechamento da matéria porque a 3ª reportagem do programa, em sequência a esta também abordaria o tema e a questão da ação policial contra as fraudes e crimes no exame.

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Mais de 8,3 milhões de candidatos fazem o segundo dia de provas do ENEM</p>	<p>Contexto: Segundo dia de aplicação de provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)</p>	<p>Reflexão e causas sociais: Temática de suma importância para a população, com pouca discussão sobre a prova, e maior referência a ação policial contra as fraudes no exame</p>
	<p>Coerência e novos dados: Matéria descritiva em vários pontos, com dados sobre as provas e opinativa em outros, quando faz referência ao movimento estudantil contra a PEC 241</p>	<p>Discussão hegemônica: O Fantástico poderia ter dado mais ênfase na importância do ENEM para o país, as discussões sociais que ele provoca e a importância de seu despertar crítica nos jovens brasileiros, mas valorizou mais a questão imediata das fraudes, valorizando o trabalho do Ministério da Educação nesse quesito.</p>

Quadro 11 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Mais de 8,3 milhões de candidatos fazem o segundo dia de provas do ENEM”, 06/11/16

Reportagem 2: “Polícia Federal faz operação para combater fraudes no ENEM”

Esta foi a 3ª matéria do programa, reportagem que deu sequência ao assunto do ENEM no programa. Ela teve 7 minutos de duração e teve como foco principal a ação da Polícia Federal contra as fraudes no exame, e principalmente, a exclusividade do Fantástico nessa cobertura, tendo acesso a imagens, entrevistas e prisões dos envolvidos no tempo exato dos acontecimentos.

A matéria relata que a descoberta do esquema de fraude aconteceu 15 dias antes do dia da aplicação da prova, e que desde então o Fantástico junto a Polícia Federal, apuram o caso. Algumas expressões como “exclusividade”, e o “Fantástico acompanhado” foram ditas. Sendo a primeira, três vezes, e a segunda, outras duas. Ou seja, tão importante como a função informativa da ação policial, que conseguiu evitar fraudes na prova, e do trabalho de inteligência da polícia que merece destaque e precisam ser noticiabilizados, está a função do Fantástico neste processo. Em sua prateleira cidadã, bela e destacada, o programa é capaz de ser o porta-voz do Estado e corresponsável pela ação de sucesso contra a fraude no ENEM.

A matéria é muito bem construída, com uma locução pausada e explicativa, com muitos infográficos, entrevistas, áudios entre os criminosos, e recortes fotográficos da ação policial. O que plasticamente deixou a matéria muito bonita, e o discurso descritivo e explicativo bem construído.

A reportagem ganha força no final com a entrevista do Ministro da Educação elogiando a ação da polícia, e a parceria do ministério com a força policial, dando dicas ao telespectador da valorização do Fantástico para o Ministério da Educação no Brasil. A matéria de forma geral aparenta muito com uma matéria descrita com um informe publicitário, que valoriza o cliente (no caso o governo) com argumentações descritivas e com uma associação lógica a realidade abordada. Ela é finalizada com o a entrevista do delegado da Polícia Federal, com grande força emotiva, sentindo-se feliz pelo sucesso da ação, mas também envergonhado de ter que trabalhar em casos que poderiam lesar milhões de estudantes no Brasil, inclusive seu filho.

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Polícia Federal faz operação para combater fraudes no ENE</p>	<p>Contexto: Ação da Polícia Federal antes e durante a realização das provas do ENEM em todo Brasil</p>	<p>Reflexão e causas sociais: Plasticamente muito bem construída a reportagem valoriza ação justa e benéfica da Polícia Federal e inclui completamente o Fantástico na função de corresponsável pela ação, e não só um veículo informativo dos fatos</p>

	<p>Coerência e novos dados: Muitas informações descritas na reportagem, com alto grau descritivo e informativo para a população quando a importância do ENEM e do crime na tentativa de fraudar o exame e na venda de boas notas.</p>	<p>Discussão hegemônica: Há uma valorização do Fantástico nas ações realizadas pelo governo federal e pouco questionamento quanto às falhas no sistema de aplicação de provas, em alguns momentos a matéria torna-se quase um informe publicitário do Ministério da Educação.</p>
--	--	--

Quadro 12 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Polícia Federal faz operação para combater fraudes no ENEM”, 06/11/16

Reportagem 3: “Fantástico mostra o que muda nas multas de trânsito”

Esta foi a 4^o matéria do programa com 6 minutos de duração e trouxe um novo assunto com uma temática social para o Fantástico neste domingo. A questão do trânsito nas grandes cidades, as alterações no código de trânsito, as multas e novos valores pecuniários correspondentes. A matéria é definida como uma matéria ligada a temática “educação” porque seu teor é educativo, demonstrando ao telespectador condutor de veículos o que pode ou não fazer ao dirigir e quais as infrações foram alteradas no código e os crimes que pode cometer ao trafegar.

Com muitas cenas de infrações, entrevistas com condutores e entrevistas com especialistas sobre as leis de trânsito no Brasil, a matéria é construída de forma leve, bem explicativa e instrutiva. Discorrer sobre dirigir utilizando o celular, sobre estacionar em lugares proibidos, dirigir sob efeito do álcool e do teste do bafômetro, e o que mudou na aplicação destas infrações e nas multas correspondentes.

Não há em evidência na reportagem uma postura do Fantástico diferente da questão informativa e esclarecedora do assunto a população. Este é um bom caso de atitude cidadã na mídia televisiva, e no Fantástico. Foram levantadas algumas dúvidas dos condutores, como exemplo: onde é aplicado os valores arrecadados com as multas ou como são reajustados estes valores, e de forma didática, foram todas as questões respondidas pelo programa, possibilitando assim este ser efetivo como um meio de interação social a favor da cidadania neste caso.

No final da reportagem há um questionamento positivo do Fantástico, feito através da fala dos entrevistados, da importância em haver mais educação para trânsito na mesma medida em que há o rigor na fiscalização, o que realmente surgirá, ao longo dos anos, um efeito mais positivo e com uma perenidade maior.

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
Fantástico mostra o que muda nas multas de trânsito	<p>Contexto: Mudança no Código de Trânsito Brasileiro</p>	<p>Reflexão e causas sociais: São milhões de motoristas no Brasil, o que torna a matéria com um enorme apelo social. E seu teor explicativo e elucidativo quanto às mudanças no Código de Trânsito brasileiro fomentou uma criticidade cidadã para os telespectadores</p>
	<p>Coerência e novos dados: Matéria de caráter informativa e explicativa, com exemplos de infrações, muitas entrevistas e momentos para tirar dúvidas dos telespectadores</p>	<p>Discussão hegemônica: Não houve posicionamento ideológico, de forma evidente, pelo Fantástico, dando a imparcialidade necessária ao contexto para a reportagem. Além de suscitar no final da matéria, uma sugestão pertinente quanto a necessidade de uma maior educação para o trânsito no Brasil, tendo assim uma postura pró-cidadã.</p>

Quadro 13 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Fantástico mostra o que muda nas multas de trânsito”, 06/11/16

Reportagem 4: “SBP lança cartilha sobre como crianças devem lidar com a internet”

Esta foi a 5º matéria do programa, reportagem de abertura do 3º bloco do Fantástico com 6 minutos de duração. Antes do fechamento do 2º bloco, houve uma chamada de 1 minuto da matéria, gerando uma curiosidade no telespectador sobre este assunto e dando sequência a temática educação no Fantástico para o bloco seguinte.

A temática da reportagem é muito atual e necessária. A questão da ligação precoce da criança com a internet e as mídias tecnológicas, a influência deste contato no processo de formação da personalidade infantil e a relação deste realidade na educação familiar.

A discussão feita pelo programa foi instigante, inovadora e com vários esclarecimentos. Acompanhando alguns casos reais, mesclando com várias entrevistas de pais e profissionais da área infantil, o Fantástico foi informando ao telespectador das recomendações feitas em uma cartilha lançada pela SBP – Sociedade Brasileira de Pediatria sobre o uso da internet por crianças e suas faixas etárias. Mostrou comportamentos equivocados e comuns de pais ao lidar com o assunto, a importância do controle e vigilância dos pais com o uso da internet por seus filhos, e alertou quanto ao perigo das relações sociais que os pequenos criam na rede de computadores.

Em forma de infográficos foi demonstrado pelo programa cada faixa etária da criança e qual é a recomendação para o contato dela com o celular/*tablet* e o uso da internet, de forma didática e simples. Além de disponibilizar e compartilhar toda a cartilha em seu site, aumentando assim um canal de interatividade do programa com o telespectador e fortalecendo o caráter educativo do tema.

No entanto, há uma observação importante no posicionamento do Fantástico com o desenvolvimento da reportagem, a necessidade de afirmação do ineditismo feito pelo programa e de sua importância na divulgação do assunto para a sociedade. Mais uma vez o destaque, e porque não dizer da necessidade de se destacar, nos momentos em que há uma temática ligada aos direitos humanos em uma prateleira de especial importância.

Assim mesmo é notório colocar esta matéria como uma das referências do programa na temática pró-cidadania. Pela importância do tema, por se colocar com uma esfera pública recebendo dúvidas e questionamentos da população, não determinando uma ou outra atitude dos pais e sim referenciando-se a normatização organizada pelo órgão público responsável, além de demonstrar em diversos casos reais, situações negativas do uso exacerbado da internet pelas crianças, e em contraponto, situações positivas e necessárias.

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>SBP lança cartilha sobre como crianças devem lidar com a internet</p>	<p>Contexto: Recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria quanto a uso da internet e seus canais de interação pelas crianças</p>	<p>Reflexão e causas sociais: Discussão inovadora, descritiva e esclarecedora a população.</p>
	<p>Coerência e novos dados: A reportagem fomentou a discussão sobre o assunto através de casos reais, entrevistas com pais e profissionais ligados a educação infantil, possibilitando uma gama de visões e interações com o assunto.</p>	<p>Discussão hegemônica: Certo destaque do Fantástico na exposição do tema, mas em menor escala. Não impedindo a reportagem ter boa relevância numa maior efetividade cidadã, possibilitando a sociedade um diálogo sobre o assunto. A matéria foi efetiva ao ser esclarecedora, questionadora e elucidativa quanto ao uso da internet por crianças.</p>

Quadro 14 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “SBP lança cartilha sobre como crianças devem lidar com a internet”, 06/11/16

Reportagens sobre Justiça (Reforma Agrária e crimes, Direito Familiar, Meio Ambiente, Direito Criminal)

Reportagem 1: “*Quadrilha cobrava taxa por água e luz em acampamento do MST*”

Esta foi a 7º matéria do programa, com 6 minutos de duração e a última matéria do 3º bloco do Fantástico. A reportagem pode ser definida como uma denúncia realizada por meio de uma investigação da Polícia Civil em acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no norte do Paraná, em São Paulo e no Mato Grosso do Sul.

A investigação foi iniciada devido a vários boletins de ocorrência que relatavam abusos com os trabalhadores do movimento causados pelos próprios coordenadores. Estes agiam como uma milícia armada com regras e leis próprias, propagando o terror e medo em seus correligionários, destoando em seus acampamentos da finalidade do MST que é a busca por reforma agrária em áreas improdutivas do Brasil. Muitos trabalhadores denunciaram à Polícia e ao Fantástico casos como taxas pelo uso da água, e energia nos acampamentos, e castigos e imposições aplicados pela milícia nos descumprimentos das leis deste “estado” paralelo.

A reportagem contém várias entrevistas anônimas que estariam comprovando as denúncias feitas pela matéria, além de escutas telefônicas dos criminosos, comprovando a ilegalidade na compra de armas e em invasões realizadas em propriedades produtivas. A reportagem mostrou a prisão de vários destes coordenadores, dando ênfase a um deles, conhecido como “Cachorro” que foi o vereador mais votado na cidade em Quedas do Iguaçu, no Paraná, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), fazendo assim uma associação clara do ligação “crime-MST-PT”, colocando-os todos no mesmo escopo, dando a matéria assim um novo tom opinativo.

A matéria ainda conta com entrevistas com policiais e fazendeiros locais que foram ameaçados por esta milícia, reforçando o tom denunciativo da reportagem e dando-a veracidade. A reportagem se encerra, primeiro com o discurso da Polícia Civil dizendo que ainda há criminosos sendo procurados, sendo estes nominados em rede nacional, posteriormente dando voz ao MST que rebate as acusações de ser uma associação criminosa e questiona o modo de ação dos policiais na prisão de vários de seus coordenadores, e por fim, como afirmação da denúncia, dando voz ao Secretário de Segurança Pública, que diz não desmerecer o movimento, mas sim os criminosos que estão envolvidos em suas bases.

Desta feita o Fantástico se coloca como responsável por compartilhar com a sociedade estes crimes, valorizando-se como um ente no processo efetivo da cidadania por meio da justiça, auxiliando a polícia e o judiciário a “limpar” o Brasil de casos assim. E porque não de movimentos populares como o MST contaminado por criminosos.

A denúncia é opinativa, principalmente quando se faz a associação temporal dos fatos, poucos meses após o impeachment da Presidenta Dilma do PT, valorizando assim o discurso midiático-popular de que o partido está envolvido em diversas áreas da sociedade com crimes e condutas ilegais e deve ser combatido com firmeza.

É indispensável ao programa com uma temática jornalística cidadã a denúncia em casos de crimes, principalmente que ferem à liberdade, contudo, a imparcialidade dos fatos deveria acompanhar este processo fortalecendo assim uma possível proposta pró-cidadã do Fantástico.

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Quadrilha cobrava taxa por água e luz em acampamento do MST</p>	<p>Contexto: Caso de crimes e abusos realizados em acampamentos do MST em três estados brasileiros</p>	<p>Reflexão e causas sociais: É imprescindível o jornalismo de denúncias contra a ilegalidade em uma proposta midiática pró-cidadania, e isto foi realizado pelo Fantástico, no entanto, com alguma parcialidade valorizando alguns fatos em detrimento de outros</p>
	<p>Coerência e novos dados: Proposta de um jornalismo cidadão na divulgação de casos reais de crimes cometidos por milícias envolvidas no MST, e consequente inserção e valorização do Fantástico no sucesso da ação.</p>	<p>Discussão hegemônica: Discurso opinativo caminhando com o jornalismo investigativo, fomentando uma ideologia já construída socialmente da associação de crimes à grupos de esquerda no Brasil.</p>

Quadro 15 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Quadrilha cobrava taxa por água e luz em acampamento do MST”, 06/11/16

Reportagem 2: “Menina de 10 anos sonha em ser reconhecida pelo pai em “Segredos de Justiça”

Esta foi a 8º matéria do programa, com 13 minutos de duração. Reportagem que abriu o quarto bloco do Fantástico neste domingo. Uma matéria com caráter ficcional, de um quadro intitulado “Segredos de Justiça” que contou casos reais relatados por uma juíza que trabalhava em uma vara de família no Brasil, alterando assim nome dos personagens envolvidos e inserindo diálogos emotivos, tendo como base de seu roteiro a discussão social a cada domingo de um caso de justiça envolvendo o Direito familiar.

Neste domingo o quadro contou a história de uma mãe solteira, que vivia apenas com o pai em um ambiente rural próximo a uma pequena cidade no Brasil, e que faleceu deixando a filha com apenas quatro anos para ser cuidada pelo avô. O pai da criança nunca soube da existência da filha, e pelo que foi contato no enredo não teve uma relação próxima com a mãe, apenas um envolvimento rápido que foi responsável pela geração da menor. O avô debilitado pela idade, não tendo mais condições físicas de cuidar da criança, vai à justiça para que o pai assuma a paternidade e seja responsável financeira e moralmente pela menina, no entanto, ele alegou que nunca foi informado desta paternidade e não sabia existência da criança nem pela mãe e nem pelo avô, e que hoje estava casado e possuía outro filho recém-nascido. O caso ficcional tentou pontuar as várias situações possíveis e a dificuldade da juíza em definir a sentença no caso.

Para esta situação em especial a história se encerra com o pai assumindo a responsabilidade financeira da criança, mas não assumindo a guarda, deixando a cargo do avô e pedindo para não ter contato com a criação e formação moral da menina.

Neste ponto da reportagem há uma intervenção positiva do Fantástico. É realizada uma ação pró-cidadã de se questionar a lei que só exige a responsabilidade financeira do pai ou da mãe em casos semelhantes, não podendo a juíza intervir na decisão do pai de não participar da formação da menor. Questionamentos sociais assim, se bem orientados e desenvolvidos pela mídia, podem trazer à sociedade grupos de interesse para debater leis ligadas ao Direito familiar no Brasil, suscitar percepções críticas sobre o assunto em outros casos semelhantes pelo país, além de abrir canais com a sociedade e com o Estado para que assuntos como este sejam recorrentes e favoreçam a acesso ao direito social e atualização sociocultural do Direito de família no Brasil.

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Menina de 10 anos sonha em ser reconhecida pelo pai em “Segredos de Justiça”</p>	<p>Contexto: Caso ficcional de um quadro do Fantástico intitulado “Segredos de Justiça” que contou a história de um pedido de paternidade e guarda de menina de 10 anos que com a morte da mãe, sendo criada pelo avô, não sabia da existência do pai.</p>	<p>Reflexão e causas sociais: Ao contar este caso o Fantástico associa a centenas de casos semelhantes no país, e de forma emotiva e com um enredo bem construído, suscita a discussão de possíveis melhorias em leis ligadas ao assunto.</p>

	<p>Coerência e novos dados: Associação de um jornalismo ficcional para tratar de um assunto social ligado à justiça, que é o Direto Familiar no Brasil.</p>	<p>Discussão hegemônica: Exemplo de ação cidadã dentro de um programa pluritemático como o Fantástico. Poderia ser melhor trabalhado em plataformas interativas do programa pela força do assunto e seus desencadeamentos. Mas ainda, através da ficção, o programa fez um papel de ressignificação dos Direitos Sociais no país e se colocou elucidativo para a cidadania.</p>
--	---	---

Quadro 16 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Menina de 10 anos sonha em ser reconhecida pelo pai em “Segredos de Justiça”, 06/11/16

Reportagem 3: “*Fantástico percorre o rio Doce para analisar qualidade da água*”

Esta foi a 10ª matéria do programa, segunda reportagem do 4º bloco, com 8 minutos de duração. Matéria atual e com referência ao aniversário de um ano do enorme crime ambiental ocorrido no Brasil na cidade de Mariana em Minas Gerais, que destruiu boa parte da formação natural do Rio Doce, um dos mais importantes rios dessa região no Brasil, além de afetar negativamente por muitos anos o ecossistema da localidade. Além do fato de que a empresa responsável por esta tragédia ainda não havia sido criminalizada, confirmando assim mais um caso de morosidade da justiça no Brasil, reforçando o sentimento de incredulidade neste poder.

Esta segunda parte, relativa a criminalidade e a morosidade da justiça, foram pouco discutidas na matéria, faltando ao Fantástico um posicionamento mais consistente numa ação pró-social, a favor do processo de assertividade da justiça no país, e no cumprimento das penas independentes da força política ou financeira dos envolvidos.

No caso em questão, a Samarco, uma das maiores empresas de mineração do país, com representação em boa parte do mundo, foi pouco ou quase nada investigada pelo programa. E ainda ganhou uma visibilidade positiva no encerramento da reportagem ao ser exibido um documento oficial da empresa se comprometendo a não

mais deteriorar o leito do rio com dejetos, o que é apenas uma obrigação, uma responsabilidade da empresa com a sociedade e que foi veiculado como um compromisso social.

Mesmo assim é importante frisar que houve uma excelente construção da matéria pelo Fantástico em associação com a Organização não-governamental S.O.S Mata Atlântica, fazendo um levantamento da qualidade da água e da situação do ecossistema do Rio Doce em vários pontos do leito do rio pelo Brasil. Em um processo de comparação com este mesmo levantamento realizado no ano anterior, em que ocorreu a tragédia.

Fomentar a discussão sobre a importância do meio ambiente é uma atitude pró-cidadã realizada pelo programa, mas é necessário um maior envolvimento desta relação com a justiça ligada a casos ambientais, principalmente, na busca por uma justiça imparcial e válida para todos.

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
Fantástico percorre o rio Doce para analisar qualidade da água	<p>Contexto: Aniversário de um ano da tragédia ambiental na região de Mariana em Minas Gerais ocasionada pela mineradora Samarco.</p>	<p>Reflexão e causas sociais: O Fantástico traz à tona a tragédia de Mariana, um ano após o ocorrido, não deixando morrer o assunto. Fomentando um debate muito importante sobre as questões ambientais no Brasil.</p>
	<p>Coerência e novos dados: A construção da matéria se deu por ação comparativa da qualidade da água do Rio Doce e do ecossistema que o rio envolve em comparação com a ano anterior, logo após a tragédia ambiental.</p>	<p>Discussão hegemônica: Pouco envolvimento do Fantástico na questão da justiça ambiental. Além da necessidade de se falar sobre cidadania e meio ambiente, seria necessário um melhor posicionamento do programa a favor de uma justiça real em casos ambientais sem favorecimento a grupos financeiros e políticos.</p>

Quadro 17 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Fantástico percorre o rio Doce para analisar qualidade da água”, 06/11/16

Reportagem 4: “*Fantástico mostra como funciona a reabilitação de homens agressores*”

Esta foi a 13ª matéria do programa, com 9 minutos de duração. Matéria que abriu o 5º bloco do Fantástico. Uma temática importante referente à lei Maria da Penha, e algumas características não muito divulgadas da aplicação de seu processo. A reintegração social do homem infrator através de acompanhamento psicológico e em grupo com outros infratores, uma ação ainda pouco utilizada, mas capaz de trazer muitos benefícios sociais.

O Fantástico em sua proposta pró-social foi feliz em trazer esta temática pouco discutida, suscitando assim em seus telespectadores uma visão mais ampla do desdobramento judicial desta lei. Houve a veiculação de entrevistas de vítimas e algozes, de juízes especializados no assunto e de profissionais na área da psicologia comentando sobre esse procedimento que visa um bem social dos envolvidos no processo, e conseqüentemente, uma ação positiva para toda sociedade.

Discorrer sobre a importância da lei Maria da Penha, e da necessidade das mulheres que sofrem abusos físicos e psicológicos de seus companheiros buscar ajuda é imprescindível. Sendo altamente relevante para a mídia que possui um posicionamento pró-cidadania. Na reportagem foi divulgado o crescimento do número de vítimas que buscam ajuda policial e judicial, e foi incentivado a outras mulheres que ainda não buscaram ajuda, a assim fazer, divulgando os telefones e procedimentos necessários para isso. Esta é sem dúvida uma atitude cidadã realizada pelo programa, no âmbito da justiça social.

A matéria ainda informou que no ano de 2016, a lei Maria da Penha comemorava seu 10º ano de existência. Fez um levantamento do caminho já percorrido no auxílio a mulheres em situação de risco, no número de casos de feminicídio evitados, mas também demonstrou o grande caminho, principalmente no campo da reeducação, que a lei ainda precisa se desenvolver e ser melhor aplicada. Relatou casos positivos em que a reeducação auxiliou no casamento de homens e mulheres, na ressocialização dos infratores, entretanto, e de forma evidenciada, reforçou o número de casos diários de mulheres que buscam ajuda policial e judicial no país, numa soma absurda e quase inacreditável de mais 50.000 casos de abusos a mulheres no Brasil por ano. Sendo este apenas o número oficial dos processos, milhares de casos ainda não são investigados e denunciados.

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Fantástico mostra como funciona a reabilitação de homens agressores</p>	<p>Contexto: Dez anos da regulamentação da lei Maria da Penha, e aplicação do processo de ressocialização dos infratores.</p>	<p>Reflexão e causas sociais: A necessidade de se falar sobre a lei Maria da Penha e a divulgação pelo Fantástico de como se busca ajuda e como são instaurados os processos judiciais foi altamente relevante, e confirmou positivamente a ação pró-cidadã da reportagem.</p>
	<p>Coerência e novos dados: Demonstração pela reportagem de alguns casos pelo país em que são incentivadas a reeducação psicológica e como ela pode ser importante no processo de conscientização dos envolvidos e da sociedade como um todo.</p>	<p>Discussão hegemônica: Em dez anos de aplicação da lei o número de casos aumentou em mais de 50%, mostrando a necessidade ímpar de campanhas contra o feminicídio. O Fantástico cumpriu seu papel, neste caso, no fortalecimento da discussão e incentivando a uma transformação cidadã na sociedade.</p>

Quadro 18 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Fantástico mostra como funciona a reabilitação de homens agressores”, 06/11/16

FANTÁSTICO – 04 DE DEZEMBRO DE 2016

Segue em forma de tabela, descrito e organizado todo o programa que conteve 117 minutos (1 hora e 57 minutos) de reportagens, não contabilizando os reclames publicitários, além de duas chamadas ao vivo antes do programa iniciar, com 5 minutos de veiculação cada uma das reportagens ao vivo, sendo todo o programa exibido no horário nobre de domingo (a partir das 20h) na Rede Globo de televisão por 2 horas e 20 minutos. Segue abaixo o título, a ordem de veiculação e o tempo de duração de todas as reportagens exibidas no programa:

ORDEM DE VEICULAÇÃO	TÍTULO DA MATÉRIA	TEMPO DE DURAÇÃO
1	Ao vivo: Manifestações contra a corrupção acontecem em 13 estados e no DF (17h09, antes do início do programa)	5 minutos
2	Ao vivo: Manifestantes começam a se dispensar em Curitiba (17h34, antes do início do programa)	5 minutos
3	Bombeiros e voluntários falam como foi o resgate de voo da Chapecoense	9 minutos
4	Jackson Folmann se recupera bem, segundo os médicos	3 minutos
5	Mulher de narrador morto diz que ele não queria viajar: Pressentimento	10 minutos
6	Manifestações a favor da Lava Jato reúnem milhares de pessoas em todos os estados e no DF	10 minutos
7	Morre o poeta, escritor e teatrólogo maranhense Ferreira Gullar, no Rio	12 minutos
8	Investigações revelam que piloto da Lamia costumava se arriscar em voos	4 minutos
9	Viúva de piloto diz ter certeza que ele faria o possível para evitar a tragédia	4 minutos
10	Morador de Turim relembra tragédia com o time Torino na região	5 minutos
11	Queda de helicóptero deixa quatro mortos em São Paulo	30 segundos
12	Equipes resgatam 30 corpos de armazém atingido por incêndio	33 segundos
13	Candidatos que tiveram as provas adiadas fazem ENEM neste final de semana	2 minutos
14	Diretor busca no ano de 1977 estilo de "Rogue One, uma história Star Wars"	4 minutos
15	Em 2015, quase meio milhão de brasileiras passaram por aborto ilegal	6 minutos
16	Italianos votam em referendo sobre mudanças na constituição	37 segundos
17	Julgamento de Elize Matsunaga, acusada de matar o marido, deve terminar em algumas horas	29 segundos
18	Veja caça aos dez maiores traficantes de animais silvestres do Brasil	10 minutos
19	Entrevista: Sobrevivente Erwin diz que não sabia que o avião iria direto para Medellin	10 minutos
20	Vítimas de acidente com voo da Chape são sepultados em várias regiões do país	6 minutos
21	Jornalistas mortos em acidente com a Chape recebem homenagens em enterros pelo país	7 minutos

22	Cinzas do ditador cubano Fidel Castro foram enterradas neste domingo 4 de dezembro	1 minuto
23	Solidariedade dos colombianos com a tragédia da Chapecoense	6 minutos
24	Chapecoense recebe homenagens pelo mundo	2 minutos
25	Fantástico cria jogo imaginário da Chape na final da Copa Sul-americana	4 minutos

Quadro 19 – Reportagens exibidas no Fantástico em 04 de dezembro de 2016

Neste Fantástico houveram 25 reportagens ao todo, sendo 23 delas durante o horário de veiculação do programa. A exibição foi dividida em 7 blocos, com 6 intervalos para os comerciais publicitários, conforme pode ser averiguado no próprio vídeo do programa do Fantástico disponível no histórico do programa na página de vídeos em *streaming* da emissora Rede Globo, a Globo Play. Segue abaixo a estrutura do programa vista a partir dos blocos construídos para veiculação.

BLOCOS	REPORTAGENS	TEMPO DE VEICULAÇÃO
1	ABERTURA DO PROGRAMA E CHAMADA DAS PRINCIPAIS REPORTAGENS	3 minutos
2	Bombeiros e voluntários falam como foi o resgate de voo da Chapecoense / Jackson Folmann se recupera bem segundo os médicos / Mulher de narrador morto diz que ele não queria viajar: Presentimento	22 minutos
3	Manifestações a favor da Lava Jato reúnem milhares de pessoas em todos os estados e no DF/ Morre o poeta, escritor e teatrólogo maranhense Ferreira Gullar, no Rio	22 minutos

4	Investigações revelam que piloto da Lamia costumava se arriscar em voos / Viúva de piloto diz ter certeza que ele faria o possível para evitar a tragédia / Morador de Turim relembram tragédia com o time Torino na região/ Queda de helicóptero deixa quatro mortos em São Paulo/ Equipes resgatam 30 corpos de armazém atingido por incêndio / Candidatos que tiveram as provas adiadas fazem ENEM neste final de semana / Diretor busca no ano de 1977 estilo de "Rogue One, uma história Star Wars"	18 minutos
5	Em 2015, quase meio milhão de brasileiras passaram por aborto ilegal / Italianos votam em referendo sobre mudanças na constituição / Julgamento de Elize Matsunaga, acusada de matar o marido, deve terminar em algumas horas / Veja caça aos dez maiores traficantes de animais silvestres do Brasil	17 minutos
6	Entrevista: Sobrevivente Erwin diz que não sabia que o avião iria direto para Medellin / Vítimas de acidente com voo da Chape são sepultados em várias regiões do país / Jornalistas mortos em acidente com a Chape recebem homenagens em enterros pelo país / Cinzas do ditador cubano Fidel Castro foram enterradas neste domingo 4 de dezembro	24 minutos
7	Solidariedade dos colombianos com a tragédia da Chapecoense / Chapecoense recebe homenagens pelo mundo / Fantástico cria jogo imaginário da Chape na final da Copa Sul-americana /	12 minutos

Quadro 20 – Reportagens do programa exibido no dia 04/12/17 dividido em blocos, conforme o vídeo online no site da Globo Play: <https://globoplay.globo.com/v/5491784/programa/>

Pela leitura da tabela percebe-se uma grande quantidade de reportagens e consequentemente de tempo do programa dedicada à tragédia da queda do voo da Chapecoense. Foram 12 reportagens, das 25 exibidas, num total de 70 minutos (1 hora e 10 minutos) de exibição sobre o tema, isto corresponde a 55,1% de todo tempo de exposição do programa. Além disso, no início de cada bloco, com chamadas de 10 segundos, logo após os comerciais, eram mostrados fotos e nomes dos jogadores da Chapecoense que faleceram na tragédia, até a última abertura, fechando assim de dois em dois, o nome e o rosto de todos envolvidos.

É notório que a notícia era a pauta mais importante da semana, devido à proximidade com o fato, a grandiosidade de tragédia e da repercussão dentro e fora do país. Além da junção de um fato jornalístico que agregou futebol, uma tragédia aérea e uma grande comoção popular.

Mas há algumas considerações a serem feitas com relação à estrutura e à abordagem deste episódio ao se pensar pelo viés do enfoque midiático que busca elucidar e fomentar a cidadania. Mesmo se falando de uma tragédia em que uma sequência de falhas humanas ocorreu e ocasionou dezenas de vítimas fatais, não se pautou nas reportagens uma busca informativa dos fatos a partir de fontes às instituições responsáveis por todo o voo, ou uma posição de análise sobre as providências legais, e da relação bilateral do direito internacional dos países com relação à tragédia (pelo menos não foi realizado neste programa). Fatos de interesse social, e conseqüentemente comuns a cidadania, foram deixados em segundo plano dentro do que foi exposto no programa. Como discurso principal veiculou-se a necessidade da exposição emotiva dos fatos, dos infográficos factuais, da reconstituição da cena e das entrevistas que apelaram para a processo emotivo e traumático dos envolvidos no acidente.

De forma geral, podemos dividir o programa do dia 04 de dezembro em reportagens temáticas em grupos que tratam de assuntos semelhantes, contabilizando-os, da seguinte forma:

	Quantidade de Matérias
Cultura e Entretenimento (Filme Star Wars)	1
Política e Justiça (Manifestação contra a corrupção*)	1
Meio Ambiente (Traficante de animais)	1
Matéria especial (apelo popular) (Tragédia do voo da Chapecoense e assuntos semelhantes)	13
Cultura/Literatura (Morte de Ferreira Gullart)	1
Educação (Prova do ENEM)	1
Saúde (Aborto Ilegal)	1
Direito e Justiça (Julgamento de Elize Matsunaga)	1
Matérias Internacionais	3

(Incêndio em armazém nos EUA, Referendo popular na Itália e Cinzas de Fidel Castro em Cuba)	
---	--

*Não contabilizada a matéria AO VIVO antes do início do programa

Quadro 21 – Divisão por temas das reportagens exibidas no Fantástico no dia 4 de dezembro de 2016

Pela leitura da tabela é visto que os assuntos ligados a cidadania perdem força frente a um grande apelo popular. A prateleira de exposição midiática é sempre preenchida pelo que mais brilha, pelo que dá mais destaque ou possui um embrulho mais bonito (ou mais trágico, como foi o caso), por mais que se pretenda ou divulga que também há um objetivo em se fazer um jornalismo ligado a questões sociais e de cidadania dentro da revista semanal das principais notícias nacionais e internacionais como se coloca ser o Fantástico, é perceptível que o contexto cidadania é importante, mas na medida em que não haja uma maior importância de outros assuntos ligados a paixão e comoção populares, como o futebol, o carnaval, as festas populares, e principalmente, as grandes tragédias.

Contudo, após uma análise geral do programa é possível fazer algumas outras considerações de forma pontual, analisando apenas as reportagens que se enquadram diretamente nos temas de justiça e educação, que foram os dois vértices escolhidos para entender o discurso cidadão do Fantástico, e assim verificar o discurso de forma específica. De acordo com a última tabela das reportagens divididas em temas comuns, seguem abaixo, descritas e analisadas, as que se enquadram nos seguintes temas: *Política e Justiça, Direito e Justiça e Educação*:

Reportagens sobre justiça (Política e Justiça/Direito e Justiça)

Reportagem 1: “Manifestações contra a corrupção acontecem em 13 estados e no DF”

Esta foi a 6ª matéria do programa, 4ª matéria não contabilizando as chamadas ao vivo um pouco antes do início do programa, que foram chamadas iniciais exatamente para esta matéria, mostrando em tempo real a situação das manifestações populares contra a corrupção pelo país. A matéria abriu o segundo bloco do programa, após o início do programa ser todo dominado por matérias referentes ao acidente aéreo da Chapecoense na Colômbia.

O assunto das manifestações com ampla participação popular e com visibilidade internacional, foi informado e divulgado pelo Fantástico, com a seguinte estrutura:

Toda a construção da matéria se pautou na capacidade informativa do Fantástico em cobrir todos as cidades em que a manifestação ocorreu, 82 cidades nos 27 Estados da Federação e no Distrito Federal. Houve também a importância de se reafirmar o motivo central da manifestação “contra a corrupção e a favor da operação Lava jato” que foi repetida ao longo dos 10 minutos da reportagem por 08 vezes. A estrutura audiovisual da matéria foi construída por uma locução feminina que narra e reforça alguns pontos destacados pelo programa como mais importantes na manifestação, recortados por imagens de todo o país onde ocorreram o fato, entremeadas por algumas entrevistas de manifestantes que justificavam os pontos altos do protesto levantados pelo programa.

A reportagem mostrou inicialmente a manifestação na capital federal e posteriormente passou por algumas outras capitais e cidades maiores do país. Foi destacado pela reportagem o cunho pacífico das manifestações, com a repetição por 2 vezes da seguinte frase: “clima pacífico nas ruas”, e por outras 2 outras vezes a frase: “manifestantes voltaram a se reunir em praças e ruas pelo país”.

O reforço midiático da reportagem ficou centrada em algumas palavras de ordem repetidas algumas vezes pela reportagem. As mais comentadas foram: “Fora Renan”, presidente do Senado Federal, que foi repetida por 7 vezes, o que reforça um processo da agenda midiática referente à acusação do Senador Renan Calheiros de peculato, amplamente noticiada pela mídia na mesma semana das manifestações. E outras palavras de ordem como “Fora Maia”, presidente da Câmara dos Deputados, que reforçavam a proposta central da manifestação contra a corrupção desta forma construída pelo discurso do Fantástico. A frase mais dita, no entanto, foi “A favor do juiz Sérgio Moro” que foi repetida na reportagem por 12 vezes (a expressão mais difundida no discurso), reforçando um apoio do programa a este apelo popular, reforçado por imagens em primeiro plano de cartazes com seu rosto ou bonecos com o juiz na postura de super-herói.

Outro fato importante percebido na leitura da reportagem foi a construção semiótica, de imagens e sons, dos símbolos nacionais. A expressão “Bandeira do Brasil (ou nacional)” foi dita 7 vezes, e mostrada por 18 vezes, além de deixar em “off” na locução o som do hino por outras 5 vezes. A frase “faixas em verde e amarelo” foram ditas

outras 6 vezes, o que demonstra a preocupação em reforçar uma imagem cívica e nacionalista das manifestações, sendo de forma positiva reforçada pelo Fantástico.

Em dado momento da reportagem mostrou a manifestação de um grupo de pessoas a favor de uma intervenção militar no país, neste instante o discurso do programa passou do tom informativo para o opinativo, dando ênfase ao fato de que uma intervenção militar no país é ilegal e inconstitucional.

No último minuto e meio da reportagem retirou-se a locução em off com as imagens das manifestações, voltou-se aos âncoras do programa para lerem o resumo do direito de resposta (notas oficiais) do Senado, da Câmara Federal e da Presidência da República, reforçados pela reportagem de forma negativa, sendo-os acusados de corrupção informando que as manifestações pacíficas são legítimas e que colaboram para o processo democrático do país, e reforçam que as acusações aos representantes dessas casas serão legalmente esclarecidas pela justiça.

Buscando uma associação entre o Texto, Práticas Discursivas e Práticas Sociais, conforme orienta a ADC, a reportagem pode ser assim definida:

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Manifestações contra a corrupção acontecem em 13 estados e no DF</p>	<p>Contexto: Milhares de manifestantes foram as ruas pelo país com a proposta de lutar contra a corrupção e a favor da operação Lava Jato.</p>	<p>Reflexão e causas sociais (construção ideológica): Momento social em que vários políticos envolvidos em corrupção estão sendo acusados e julgados por crimes contra o patrimônio público, reforçando o desejo social por mudanças na estrutura política carregada de interesses particulares em demérito a interesses sociais, já em descrédito pela população</p>
	<p>Coerência e novos dados: Caráter informativo amplo demonstrando imagens de todo o país e reforço do discurso midiático semanal da acusação do Senador</p>	<p>Discussão hegemônica: Há pelo Fantástico a construção de uma postura de reforço cívico pela exposição e edição exagerada de símbolos</p>

	Renan Calheiros e da construção midiática positiva do juiz federal Sérgio Moro	nacionais (bandeira, hino, cores) reforçados por entrevistas seletivas que reforçam este posicionamento, que se contrapõe a outras manifestações populares ligadas a grupos sociais de esquerda que se identificam com outros símbolos e cores, e não há abertura para pensamentos contrários a este posicionamento dentro da reportagem, demonstrando ser de certo modo, também uma matéria de caráter opinativa revestida de uma estrutura de jornalismo informativo
--	--	--

Quadro 22 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Manifestações contra a corrupção acontecem em 13 estados e no DF”, 04/12/16

Toda a matéria sobre as manifestações contra a corrupção e a favor da operação Lava Jato possuiu um caráter iminentemente informativo. Mas alguns pontos se destacaram com o exagerado enfoque em algumas palavras de ordem e repetições de imagens editadas. Percebeu-se o posicionamento da emissora contra alguns políticos destacados, no entanto, mais no sentido de dar uma resposta social aos anseios de uma mudança política como solução a um total descrédito popular a esta esfera social, do que realmente participar de forma ativa e acusatória aos políticos citados.

Outro fator relevante e que ocorreu de forma repetitiva durante a reportagem, parece ser importante para o Fantástico e conseqüentemente para a Rede Globo de televisão incentivar um caráter de civismo social, que vá de encontro às manifestações dos partidos e sindicatos de esquerda, como um contraponto do certo contra o errado, daquilo que precisa ser valorizado (o nacionalismo) contra aquilo que “destruiu o país” que foram os anos de governo dos partidos de esquerda no Brasil. Obviamente esta leitura não é direta, mas é amplamente notória a importância dada aos símbolos nacionais dentro de uma matéria que teria como caráter ser apenas informativa.

Não menos importante, é relevante destacar a prateleira de destaque em que o próprio Fantástico se coloca durante toda a reportagem. O programa é capaz de mostrar

todo o Brasil se manifestando contra a corrupção e é o porta-voz dos manifestantes dando-os espaço para difundirem seus anseios e desejos. No entanto, o Fantástico se posicionou entrevistando vários atores sociais que reforçavam sempre o mesmo discurso, não dando voz a discursos contraditórios, como aqueles que se manifestaram a favor da intervenção militar e nem aqueles que não concordam com a forma de condução da operação Lava jato e nem supervalorizam o juiz Sergio Moro, ou seja, por meio de entrevistas seletivas, toda prateleira mágica de exposição de seus interesses, estava transvestida de uma reportagem informativa que fomenta um discurso homogêneo e de interesses econômicos e sociais da emissora.

Reportagem 2: “*Julgamento de Elize Matsunaga, acusada de matar o marido, deve terminar em algumas horas*”

Matéria é completamente informativa e factual, possui apenas 29 segundos e mostra que o julgamento de Elize Matsunaga ainda estava acontecendo naquele domingo e que em algumas horas seria dado o veredito da penalidade em que ela seria impugnada por ter assassinado e esquartejado o marido, um empresário de uma grande empresa brasileira no ramo alimentício.

Primeiro, mostra que o assunto é uma ligação do poder econômico frente a uma demanda social, porque casos semelhantes com personalidades desconhecidas não ganham tanta notoriedade e não geram maiores comoções populares. Segundo, é importante salientar que não há como ter uma leitura crítica sobre o posicionamento do Fantástico neste caso por se tratar de uma reportagem factual e muito rápida, mas permite uma análise crítica sobre a temática e ausência de fatos associados a esta reportagem que poderiam ser melhor trabalhados em estruturas midiáticas que elucidam a um processo de cidadania no que tange à educação dos indivíduos para os bom convívio moral e social com seus pares, e mais ainda, na melhor informação e consequente educação sobre a lei penal, e seus processos, em vigor no país, divulgando assim muito mais do que o processo frio da barbárie ocorrida utilizando do mote para fomentar a educação. Contudo, do tempo de 1h e 57 minutos do programa outras temáticas foram mais valorizadas e escolhidas como mais importantes.

Reportagem sobre educação:

Reportagem 3: “*Candidatos que tiveram as provas adiadas fazem ENEM neste final de semana*”

Com o tempo de 2 minutos, correspondendo a 1,61% do tempo total (127 minutos) do programa, 13ª matéria veiculada pelo Fantástico neste domingo, portanto, numa faixa intermediária, com menor visibilidade em comparação ao início e o final do programa, que são os momentos de maior clímax.

A reportagem de grande interesse popular, visto que milhões de brasileiros fazem o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio) devido à importância deste exame para o ingresso na maioria das universidades do país, foi tratada pelo programa de forma informativa, haja vista que houve problemas na aplicação da data anterior do exame devido à ocupação de escolas por estudantes secundaristas que protestavam por maiores investimentos em educação e melhor estrutura para o ensino público. Ao todo 160 mil estudantes fizeram o ENEM nesta segunda data, o domingo de 04 de dezembro.

De forma sequencial os fatos ocorridos na reportagem foram:

O Fantástico falou primeiro sobre a quantidade de alunos que fizeram a prova e sobre um comunicado do Ministério da Educação informando que fará uma consulta pública para melhorar como um todo o ENEM,

Comentou sobre o atraso de estudantes que perderam o horário para realização da prova, citando e entrevistando estudantes em algumas capitais do país.

Informou o motivo do adiamento da prova ser a ocupação das escolas, mas não abriu para discussão do tema, evidenciando apenas ser a ocupação um problema que gerou atraso na aplicação do exame, não havendo uma discussão sobre ser um protesto na busca por soluções para a falta de investimento público na educação no país.

Em seguida, em metalinguagem, expondo a importância do Fantástico na construção deste assunto para o Brasil, é informado que no mês anterior, na primeira data de aplicação de provas do ENEM, no segundo dia desta aplicação, o Fantástico havia denunciado um esquema criminoso de transmissão das respostas por um ponto eletrônico, e várias cenas desta reportagem foram veiculadas novamente.

Após a edição da matéria anterior do Fantástico, retornando-se a matéria do dia 04 de dezembro, é feita uma nova denúncia pelo Fantástico. Divulgou-se que de forma ilegal pessoas haviam conseguido todas as respostas de um modelo de prova do ENEM,

informando que as investigações pela Polícia Federal continuavam e que já havia sido comprovado o vazamento de informações para candidatos do exame.

Posteriormente, agora de forma direta, sem auxílio da locução é inserida uma repórter em frente a uma escola resumindo a fala do Ministro da Educação sobre os candidatos suspeitos que não foram realizar a prova, que estavam sendo monitorados, e que não havia chance de cancelamento do exame, informando que os problemas foram fatos isolados.

Somente após o resumo feito pelo Fantástico feito de forma “didática” para o telespectador é mostrada a entrevista do Ministro da Educação, Mendonça Filho, finalizando a reportagem.

Buscando uma associação entre o Texto, Práticas Discursivas e Práticas Sociais, conforme orienta a ADC, a reportagem pode ser assim definida:

TEXTO	PRÁTICAS DISCURSIVAS	PRÁTICAS SOCIAIS
<p>Candidatos que tiveram as provas adiadas fazem ENEM neste final de semana</p>	<p>Contexto: Milhares de estudantes realizam o ENEM todos os anos, pela obrigatoriedade de serem avaliados e concluírem o Ensino Médio, e dezenas de Universidades utilizarem o exame como avaliação para o ingresso no Ensino Superior</p>	<p>Reflexão e causas sociais (construção ideológica): Discussão sobre o motivo da mudança da data de aplicação da prova do ENEM, a ocupação das escolas por estudantes secundaristas (pouco discutida)</p>
	<p>Coerência e novos dados: Informações nacionais sobre a nova aplicação da prova, sobre as investigações da Polícia Federal sobre fraudes no sistema de aplicação e avaliação do exame</p>	<p>Discussão hegemônica: Reportagem de caráter informativa, com pouca discussão sobre o processo de provas do ENEM, sua aplicabilidade, sobre sua ligação com o investimento de educação no país, fomentando em maior tempo a importância do Fantástico para a solução dos problemas de fraude ocorridos no sistema</p>

Quadro 23 – Análise de Discurso Crítica da reportagem: “Candidatos que tiveram as provas adiadas fazem ENEM neste final de semana”, 04/12/16

Primeiro o caráter informativo da matéria, elencando fatos importantes para a sociedade sobre a temática, mas não abrindo ou suscitando uma possível reflexão do telespectador sobre o motivo de uma nova data para aplicação da prova do ENEM que foram as ocupações nas escolas do Ensino Médio pelo país, questão central da reportagem que foi pouco ou margeamente explorada.

E não menos relevante, a prateleira de exposição midiática do Fantástico. Buscando apesar da matéria informativa falar de si, de suas contribuições no problema socialmente percebido se inserindo no processo como fator solutivo dos problemas cidadãos, sendo o responsável pela denúncia que estava sendo investigada pela Polícia Federal, que somente agiu e investigou as ilegalidades que existiram nesta edição do ENEM, após a ação midiática do programa.

Além de auxiliar o telespectador que aparentemente não é capaz de assistir e entender sozinho a entrevista do Ministro da Educação, dando-lhe o resumo de tudo que “realmente” é importante para o cidadão saber sobre o ENEM e seus problemas.

Por fim, não houve uma divulgação de outros canais de interação com o Ministério da Educação ou abriu espaço nos próprios canais interativos do programa, oportunizando aos telespectadores discutir sobre um tema tão relevante para os estudantes brasileiros, e outros profissionais ligados à área de Educação no país.

9. Considerações finais

A análise dos três programas definidos para serem decupados e estudados à luz da Análise Crítica do Discurso (ADC), possibilitaram uma importante visão do discurso do Fantástico em uma possível elucidação da cidadania. O Fantástico é um programa de variedades com foco no jornalismo e neste processo, primeiramente, procura ser informativo. Ao fazer jornalismo cidadão busca pautar o discurso como uma ferramenta de informação para a sociedade, e em sua grande maioria utiliza-se de um texto emotivo e carregado de adjetivação que muito valoriza ou desvaloriza a situação que é informada, não tendo como maior relevância em sua construção discursiva a imparcialidade e, comumente, se coloca como ente necessário à reportagem veiculada.

A questão da elucidação social da cidadania perde voz frente à importância de se colocar o Fantástico como solutivo do problema social, ou como força capaz de auxiliar a população neste processo. Assim sendo, muitas vezes se coloca opinativo, dando, dentro do discurso proferido como informativo, ganchos de opiniões que levam o telespectador a ver a situação com os olhos já “educados” pró Fantástico, ou com uma tendência a não ver outros lados ou versões do que é veiculado.

Quando se faz a correlação da audiência com a proposta pró-cidadania, a relação de divulgação do próprio Fantástico faz entender que os temas sociais não deixam de estar presentes, mas são colocados em uma prateleira expositiva menor e com um diminuto apelo frente a estes acontecimentos, como foi o caso da morte do ator Domingos Montagner (programa do dia 18 de novembro de 2016) e do acidente aéreo da Chapecoense (programa do dia 04 de dezembro).

Desta forma há um processo de valorização destes outros temas diferentes a temática social, expostos e embrulhados numa grande prateleira. Estes temas impossibilitam o aprofundamento de matérias pró-cidadania, principalmente àquelas analisadas com referência à justiça e educação, que poderiam ter outras leituras e outras reflexões. Estas matérias tornaram-se mais informativas do que elucidativas, e nestes programas analisados não houveram nenhum desdobramento que possibilitariam uma maior interatividade social, fortalecendo sua proposta cidadã.

Em contrapartida no programa escolhido aleatoriamente, o Fantástico do dia 06 de novembro, selecionado por ter uma quantidade maior de matérias pró-cidadania, com mais da metade do tempo de exibição do programa dedicado a questões sociais, houveram sim, momentos em que a temática cidadania foi bem construída, momentos

elucidativos da cidadania, com boas reportagens, e posicionamentos imparciais capazes de fomentar uma discussão na sociedade sobre o tema. Das oito (8) reportagens analisadas, quatro (4) delas, a reportagem sobre a mudança no Código de Trânsito, a cartilha da Sociedade Brasileira de Pediatria, o quadro “Segredos de Justiça” que discorreu sobre o Direito Familiar e a reportagem sobre a ressocialização de homens agressores e os 10 anos da lei da Maria da Penha, foram momentos relevantes deste discurso. Provando ser possível fazer um jornalismo plural, num programa recheado de temas variados, em uma revista eletrônica de variedades, e ter um posicionamento pró-cidadão que vá ao encontro do crescimento de valores de cidadania no Brasil, auxiliando a sociedade na busca e reafirmação de seus direitos.

Entretanto, dentre todo o escopo analisado, de forma geral os cinquenta e dois (52) programas do ano de 2016, e de forma pontual e específica os três (3) programas escolhidos, com mais de seis (6) horas de duração contabilizando nestes programas, foram estes os únicos momentos de destaque de um discurso evidentemente cidadão. Sem a valorização exacerbada do Fantástico na informação de assuntos de interesse social e sem uma parcialidade que mancha a criticidade da matéria, que influenciam assim o entendimento do telespectador e uma consequente e possível capilarização social da temática exibida.

A prateleira da venda simbólica de cidadania, de uma ação midiática pró-social é supervalorizada, é clara e linda a cada reportagem, dá ao Fantástico um ar de indispensabilidade no processo.

Em uma comparação ao *status* de grandes marcas comerciais e a exposição de seus produtos, sendo o produto neste caso analisado “a cidadania pelo Fantástico”, é percebido que se vende a cidadania sempre com a melhor imagem e com textos carregados de positividade ao trabalho do programa, valorizando o *status* da marca Fantástico neste “mercado”, que aparenta ser mais importante que o próprio produto “anunciado”.

Desse modo é repassado aos telespectadores do Fantástico em seu discurso que a melhor forma de se informar, e conseqüentemente não ser um alienado social, o possibilitando entender a ausência de sua cidadania e encontrar algum “remédio” frente à lentidão e ineficiência do Estado em garantir tais direitos sociais, é acompanhar e se informar pelo programa. Visto que num contexto entremeado de reportagens com grande apelo popular, sempre com excelentes edições, imagens e narrativas, adocicadas

pelo entretenimento, pela cultura e pelo esporte, também há importantes matérias de caráter cidadão e todas se encontram dentro deste espetáculo jornalístico.

Pode-se afirmar que o programa se coloca em assuntos pró-cidadania. Mas isto é melhor visualizado em momentos de menor audiência, reforçando que não é essencial ao programa ter uma postura efetiva, elucidativa e cidadã sempre, a cada domingo. Se há uma força midiática que aumenta a audiência, como grandes tragédias com maior noticiabilidade, como foi o caso do ano de 2016 (as duas maiores audiências do ano), esta proposta efetiva pró-cidadã não tem a mesma força. Se é pelo contexto de estar inserida em uma emissora privada que visa o lucro, e a audiência conseqüentemente é sinal de maior lucratividade, o discurso elucidativo de cidadania ainda não possui frente a esta demanda.

Também, como foi dito na introdução desta dissertação como uma das inquietações, buscou-se compreender como se dá as relações de cidadania em que a sociedade brasileira está imersa hoje em dia, vistas pelo discurso do Fantástico. Esta relação foi percebida por uma valorização de particularidades, e que a essência de sociabilidade da justiça ou da educação (temas analisados) estão muitas vezes presos a um consumo simbólico particular. De forma imparcial e social o discurso cidadão do Fantástico é proferido em menor quantidade, pois, em maior quantidade é proferido o discurso hegemônico, com poucas mudanças e questionamentos sociais, que tem uma maior aceitação na população, que quase sempre busca os seus interesses.

Em contraponto pode-se afirmar também que o Fantástico em seu discurso valoriza um posicionamento que fomenta o fortalecimento de direitos civis, políticos e sociais no Brasil, mas há muitas vezes neste contexto, ferramentas mercadológicas de marketing com temáticas sociais que auxiliam no crescimento da audiência e na rentabilidade comercial do Fantástico, o que não contribui para a imparcialidade desse fomento.

Portanto, de tudo que foi analisado e comentado, é possível responder de forma direta *qual é o discurso do programa Fantástico em suas reportagens que trazem os temas: justiça e educação?* E como dito ao longo de toda esta conclusão, em sua maioria, o discurso do Fantástico em reportagens com a temática cidadã de justiça e educação possuem um caráter informativo e de valorização de sua marca “Fantástico” na solubilidade de problemas sociais.

Em conseqüência respondemos também ao segundo questionamento estabelecido na introdução da pesquisa, que era *procurar entender se este discurso é*

elucidativo do status de cidadania? Ou apenas um discurso informativo para a sociedade? Não se pode responder taxativamente que sendo informativo, não há espaço para elucidação cidadã. Há bons momentos e uma expectativa de outros mais, em que a elucidação da cidadania, a proposição de temas relevantes e ricos socialmente são percorridos, mas a questão da audiência e consequente busca por lucratividade ainda se sobrepõem a estes momentos. Por ser na maioria das vezes informativo, o discurso pró social do Fantástico ainda precisa de um melhor e maior envolvimento numa sequência maior de programas, e com maior tempo de exposição, para que haja uma efetiva elucidação da cidadania em seu discurso. E assim o programa cumpra com integralidade sua função social, e a emissora, Rede Globo, como um todo, cumpra a contrapartida de ser um canal com uma responsabilidade cidadã, para valer a concessão pública de transmissão que possui.

Eu espero, como pesquisador e um otimista telespectador da televisão brasileira que esse crescimento das temáticas sociais no programa Fantástico se consolide, e que se possa encontrar outras proposições a serem analisadas e uma maior efetividade de ações de interesses sociais dentro do programa, ao longo dos anos. O Fantástico é um ambiente rico na construção jornalística, com excelentes profissionais e estrutura, e com imenso potencial de crescimento nesta área, capaz de ser um ambiente midiático propício para esta construção tríade, televisão-cidadania-população.

Quiçá haja novas percepções, em outras análises, em que o posicionamento do discurso do programa seja diferente e mais elucidativo a cidadania. Haja visto que o processo da análise científica é sempre um movimento contínuo e não absolutamente conclusivo, e novas visões ou considerações sobre o objeto e seu discurso podem ser encontradas. E, portanto, fica evidenciado que esta análise crítica se encaixa a este recorte levantado e a esta leitura metodológica não tendo a intenção de ser tácito ou definitivo.

Referências

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e Indústria Cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade**. 4. ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1978.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

ASSIS, Francisco de. **Jornalismo diversional: função, contornos e práticas na imprensa brasileira** / Francisco de Assis. 2014. 444 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014. Orientação: José Marques de Melo.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação: relações com o consumo. Importância para a constituição da cidadania**. In: Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol. 7 n. 19 p. 49-65 jul. 2010.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.

BENEVIDES, Maria Victoria. Cidadania e Direitos humanos. In: CARVALHO, José Sérgio (org.) **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 19-42

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: **Teoria da cultura de massa**. LIMA, Luiz Costa (org.). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BOURDIEU, P. (2007). **A economia das trocas simbólicas** (5a ed.). São Paulo: Perspectiva.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BORELLI, S. H. S., PRIOLLI, G. (Coord.). **A Deusa Ferida: por que a Globo não é mais a campeã de audiência**. – São Paulo: Summus, 2000.

BRAGA, José Luiz. **Mediatização: a complexidade de um novo processo social**. Revista do Instituto Humanitas – Unisinos; número 289; Ano 2009. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2477&secao=289> Acesso em 07 set 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CARVALHO JÚNIOR, Eurípedes Ferreira de. Uma nova leitura sobre o entendimento do que é cidadania a partir de uma análise das relações de consumo e sua influência pela mídia. **Anais do IX Seminário de Mídia e Cidadania**. Goiânia: PPGCOM/FIC/UFG, 2015.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CIRINO, José Antônio Ferreira e TUZZO, Simone Antoniaci. Cidadania midiática: a pirâmide da desigualdade, do sub ao supracidadãos. In: CIRINO, José Antônio Ferreira e BRAGA, Claudomilson Fernandes (orgs.). **Mídias e desigualdade**. Goiânia: PPGCOM/ UFG, 2016.

CORREIA, João Carlos. **Comunicação e Cidadania: os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas**. p. 248 ISBN: 972-24-1318-X. Lisboa, Livros Horizonte, 2004.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Um breve histórico dos direitos humanos. In: CARVALHO, José Sérgio (org.) **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 19-42.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2004.

DUARTE, Jorge e Barros, Antônio Teixeira de. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

_____(org). **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

FANTÁSTICO: O SHOW DA VIDA. Rio de Janeiro: **Rede Globo de Televisão**, 01/03/16. Disponível em: <<http://globoplay.globo.com/fantastico/p/814>>. Acessado em 02 de maio de 2017.

FERNANDES, Rita de Cassia Paludetto. **Consumo como mediação social: a comunicação e a articulação entre as práticas e o habitus para o exercício da cidadania**. 2013. 167 f. Tese (Mestrado em Comunicação) – ESMP, São Paulo, 2013.

FAIRCLOUGH, N. 1985. **Critical and Descriptive Goals in Discourse Analysis**. *Journal of Pragmatics*, 9: 739-63.

_____. **Critical discourse analysis: papers in the critical study of language**. Harlow, England. Longman Group Limited, 1995.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FOUCAULT Michel . **El sujeto y el poder**. Revista Mexicana de Sociología, Vol. 50, No. 3. Jul. - Sep.,1988, p. 3-20.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

GLOBO.COM. **Memória Globo**, 2013. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico/formato.htm>>. Acessado em 19 de setembro de 2017,

GOIDANICH, Maria Elisabeth. Mídia, cidadania e consumo: estamos formando consumidores ou cidadãos? In: BELLONI, Maria Luiza. (org.) **A formação na sociedade do espetáculo**. São Paulo: Loyola, 2002.

GUARRINELLO, Noberto Luiz. Grécia: Cidades-estados na antiguidade. In: PISCKY, Jaime & PISCKY, Carla Bassanezi. **História da cidadania**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

GIDDENS, Anthony. **A construção da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HABERMAS, Jünger. Comunicação, opinião pública e poder. In: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. 4ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. p. 187 a 200.

_____. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HJARVARD, Stig. **Midiatização; teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural**. In: Matrizes, Ano 5, nº 2, jan./jun. 2012, págs. 53-92.

HOCKHEIMER, Max. **Teoria Crítica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KANTAR IBOPE. Disponível em: <https://www.kantaribopemedia.com/ranking-semanal-15-mercados-25042016-a-01052016/>. Acesso em 12 de maio de 2016.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. **The agenda-setting function of mass media**. Public Opinion Quaterly, v. 36, n. 2, p. 176-182, summer, 1972.

MAGALHÃES, Izabel. **Introdução: A análise de discurso crítica**. DELTA, 21: Especial, 2005, p. 1 a 9.

_____. **Teoria Crítica do Discurso e Texto. Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, c.4. n. esp. p. 113-131, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

_____. **Comunicação e mediações culturais**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, vol. XXIII, n. 1, jan.-jun. 2000.

_____. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Ed. SENAC, 2001.

MARSHALL, T. H. **Cidadania, classe social e status**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.

MARTINO, Luís M. S. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MATOS, Heloiza. (org.) **Comunicação pública: interlocuções, interlocutores e perspectivas**. São Paulo: ECA/USP, 2012. Disponível em <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppgcom/ciencias%20da%20comunicacao.%20e-books.%20%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20publica.pdf>

MARQUES DE MELO, José. **Formatos jornalísticos: evidências brasileiras**. Pesquisa realizada no jornal “Folha de S. Paulo”, 28/03/2005. 2006

_____. **A prima pobre das ciências sociais**. Pesquisa Fapesp, São Paulo, n. 201, p. 26-33, nov. 2012a. Entrevista concedida a Mariluce Moura.

_____. **História do jornalismo: itinerário crítico, mosaico contextual**. São Paulo: Paulus, 2012b.

MEDEIROS, Magno. **As concepções do sujeito receptor**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 21., 7-12 set. 1998, Recife. Disponível em: www.portcom.intercom.org.br/pdfs/26e1159ce5a29d1a137659600d432ae1.PDF

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico/ficha-tecnica.htm>. Acessado: 20 de novembro de 2016.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no Século XX**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. **O paradigma perdido. A natureza humana**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2000.

_____. **Ciência com Consciência**. Ed. Publicações Europa-América, Lda, Portugal, 1994.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Editora Vozes, 9ª edição, 2012.

OLIVEIRA, Lorena Aracelly Cabral; KNEIPP, Valquiria Aparecida Passos. **A audiência pode participar do telejornalismo? Um estudo do novo Fantástico**. Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação - Ano 9 - Edição 2 – Julho-Dezembro de 2015.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de. **O livro do Boni**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2011.

PEDROSA, Cleide Emília Faye. **Análise Crítica do Discurso: Uma proposta para a análise crítica da linguagem**. CEFEFIL, UFS, 2008.

POSTMAN, N. **Tecnopólio – a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

ROCHA, Everardo; Aucar, BRUNA. **Fantástico, o show da vida: televisão, convergência e consumo**. ALCEU - v. 11 - n.22 - p. 43 a 60 - jan./jun, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SIGNATES, Luiz e MORAES, Ângela. (Org.) **Cidadania comunicacional: teoria, epistemologia e pesquisa**. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

SODRÉ, Muniz, **Antropológica do Espelho**. Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2012.

STRAUSS, Anselm e CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques**. Newbury Park, CA: SagePublications, Inc., 1990.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. NERY, Vanda Cunha Albieri. **Para entender as teorias da comunicação**. 2ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____; **Notícias do Carnaval ou carnaval de notícias: um estudo sobre gêneros na cobertura telejornalística do Carnaval**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34., Recife, 2011. Anais. São Paulo: Intercom, 2011a.

_____. **Por uma teoria dos gêneros em jornalismo.** In: MAIA, Juarez Ferraz da (Org.). Gêneros e formatos em jornalismo. Goiânia: PUC-Goiás, 2011b. p. 11-21.

_____. **Flertando com o caos: comunicação, jornalismo e televisão.** Goiânia: FIC/UFG, 2014.

TELECO, **Inteligência em telecomunicações.** Disponível em: <http://www.teleco.com.br/nrtv.asp>. Acessado: 12 de outubro de 2016.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 8 ed., 1995.

TONDATO, Marcia Percin. Apontamento sobre a crítica de TV. In: BACCEGA, Maria Aparecida. **Oficina Crítica de Televisão, Itaú Cultural, modalidade: Literatura e Crítica, 20 a 23 de julho de 1999.**

_____. **Identidades múltiplas: meios de comunicação e a atribuição de sentido no âmbito do consumo.** In: TEMER, Ana Carolina R. P. Mídia, Cidadania & Poder. Goiânia: FIC/UFG, 2011.

_____. Práticas cidadãs: entre o consumo e o pertencimento social e geográfico. In: PAIVA, Raquel; TUZZO, Simone Antoniacci. **Comunidade, mídia e cidade: possibilidades comunitárias na cidade hoje.** Goiânia: FIC/UFG, 2014.

_____. A construção cotidiana da cidadania: identidades e significações. In: COGO, Denise; ROCHA, Rose de Melo; HOFF, Tânia. In: **O que é consumo: comunicação, dinâmicas produtivas e constituição de subjetividades.** Porto Alegre: Sulina, 2016.

TUZZO, Simone Antoniacci. **Deslumbramento coletivo.** São Paulo: Annablume, 2005.

_____. O lado Sub da Cidadania a partir de uma leitura crítica da Mídia. In PAIVA, Raquel e TUZZO, Simone Antoniacci. **Comunidade Mídia e Cidade: Possibilidade, Comunitárias na cidade hoje.** Goiânia: FIC/UFG, 2014.

_____; BRAGA, Claudomilson Fernandes. **Os processos identitário e a construção de marcas pessoais.** BrandTrends. Journal of Strategic Communication and Branding. Ano 04, vol. 07, nº 07. Lajeado, Outubro, 2014.

_____. **Os sentidos do Impresso.** Prefácio de Derrick de Kerckhove. Goiânia. UFG/FIC, 2016. p. 240.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, TOMAZ, Tadeu da (org.). **Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais.** 9ª edição. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias de comunicação**. 2.ed., Lisboa: Presença, 1992.

ZÉMOR, Pierre. **La communication publique**. 3.ed. Paris: PUF, 2005.